



ANTHONY HOROWITZ



DESVENDANDO POINT BLANC

ALEX RIDER

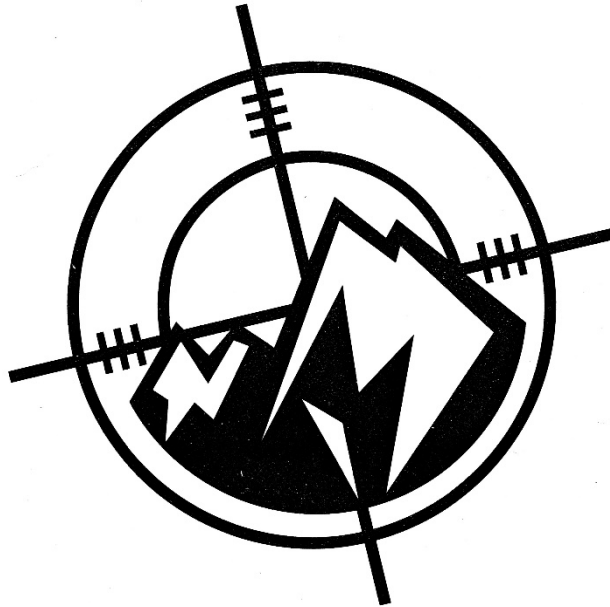
CONTRA O TEMPO



FUNDAMENTO

ALEX RIDER CONTRA O TEMPO

***DESVENDANDO
POINT BLANC***



ANTHONY HOROWITZ

EDITORIA 
FUNDAMENTO

2013, Editora Fundamento Educacional Ltda.

Editor e edição de texto: Editora Fundamento

Editoração eletrônica: Adalbacom Design Gráfico e Comunicação CTP e impressão: Monalisa Editora e Gráfica Ltda.

Tradução: Ana Lúcia Guilherme Rodrigues

Publicado originalmente em 2001 por Walker Books Ltd

87 Vauxhall Walk, London SE1 1 5HJ

Copyright de texto © 2000 Stormbreaker Productions Ltd Capa: Walker Books Ltd

Alex Rider®; Boy with Torch Logo® são marcas registradas © 2010 Stormbreaker Productions Ltd

O direito de Anthony Horowitz de ser identificado como o autor deste livro está assegurado de acordo com o Copyright, Designs and Patents Act de 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser arquivada, reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação de backup sem permissão escrita do proprietário dos direitos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Horowitz, Anthony

Alex Rider contra o tempo 02 : Desvendando Point Blanc / Anthony Horowitz; [versão brasileira da editora]. — 1. ed. — São Paulo, SP : Editora Fundamento Educacional Ltda., 2013.

Título original: Alex Rider 02 : Point Blanc

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

11-14759' CDD-028.5

índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Fundação Biblioteca Nacional

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de dezembro de 1907.

Todos os direitos reservados no Brasil por Editora Fundamento Educacional Ltda.

Impresso no Brasil

Telefone: (41) 3015 9700

E-mail: info@editorafundamento.com.br

Site: www.editorafundamento.com.br

Digitalização e Revisão: Yuna

1
DESCENDO

MICHAEL J. ROSCOE era um homem cuidadoso.

O carro que o levava para o trabalho às 7h15 era uma Mercedes feita sob encomenda, com a carroceria em aço reforçado e vidros à prova de balas. Seu motorista, um agente do FBI aposentado, carregava uma pistola automática subcompacta Beretta e sabia como usá-la. A entrada da Roscoe Tower, na Quinta Avenida, Nova York, ficava a poucos passos do lugar onde o executivo estacionava o carro, mas câmeras de circuito fechado de TV o acompanhavam a cada centímetro do caminho. Assim que as portas automáticas se fechavam às suas costas, um guarda uniformizado — e também armado — observava atentamente Roscoe atravessar o saguão e entrar em seu elevador particular.

O elevador tinha paredes de mármore branco, o chão era coberto por um carpete azul e o corrimão era de prata. Não havia botões. Roscoe pressionava a mão contra um pequeno painel de vidro. Um sensor lia e conferia suas impressões digitais e ativava o elevador. As portas se fechavam e ele subia até o 60º andar, sem parar. Ninguém mais usava aquele elevador e ele também não parava em nenhum outro andar do prédio. Enquanto o elevador subia, a recepcionista no saguão, por telefone, informava à equipe que o sr. Roscoe estava a caminho.

Todos os que trabalhavam no escritório particular dele haviam sido escolhidos a dedo, depois de uma investigação completa. Era impossível vê-lo sem hora marcada. E poderia demorar até três meses para se conseguir um horário.

Quando se é rico, é preciso ser cuidadoso. Há malucos, sequestradores e terroristas por aí... os desesperados e os marginais. Michael J. Roscoe, presidente da Eletrônicos Roscoe, o nono ou décimo homem mais rico do mundo era realmente muito cuidadoso. Desde que seu rosto aparecera na capa da revista *Time* (como “O Rei dos Eletrônicos”), ele sabia que se tornara um alvo visado. Quando estava em público, caminhava com passos rápidos e cabeça baixa. Os óculos haviam sido escolhidos para esconder o máximo possível seu rosto redondo e bonito. Os ternos que usava eram caros, mas não de grife. Se ele saía para ir ao teatro ou para jantar fora, sem-

pre chegava no último minuto, preferia não ficar parado esperando. Havia dezenas de sistemas de segurança diferentes na vida dele e, embora no início eles o tenham irritado, Roscoe havia permitido que fizessem parte de sua rotina.

Mas se você perguntar a qualquer espião ou agente de segurança ele dirá que a rotina é exatamente o que pode matar a pessoa, pois revela ao inimigo aonde você vai e quando vai chegar lá. A rotina ia matar Michael J. Roscoe, e aquele era o dia que a morte havia escolhido para chamá-lo.

É claro que ele não tinha a menor ideia disso quando saiu do elevador que dava diretamente para seu escritório particular. Era uma sala enorme, ocupando uma das esquinas do prédio, com janelas que iam do chão ao teto e vista para duas direções: a Quinta Avenida a leste e o Central Park, apenas algumas quadras ao norte. Nas duas outras paredes, havia uma porta, uma estante de livros baixa e uma pintura a óleo — um vaso de flores de Vincent van Gogh.

A superfície de vidro escuro da escrivaninha também comportava poucas coisas. Sobre ela havia um computador, um caderno com capa de couro, um telefone e uma fotografia emoldurada de um garoto de 14 anos. Enquanto tirava o paletó e se sentava, Roscoe se pegou olhando para a foto. Cabelos louros, olhos azuis e sardas. Paul Roscoe se parecia muito com o pai, trinta anos atrás. Michael Roscoe agora tinha 52 anos e começava a aparentar a idade, apesar do bronzeado permanente. O filho já estava quase tão alto quanto ele. A foto havia sido tirada no verão anterior, em Long Island. Eles haviam feito um churrasco na praia depois de passar o dia velejando. Fora um dos poucos dias felizes que haviam passado juntos.

A porta se abriu e a secretária entrou. Helen Bosworth era inglesa. Ela deixara a terra natal e também o marido para trabalhar em Nova York. E ainda adorava cada minuto que passava na cidade. Helen trabalhava naquele escritório havia onze anos e, em todo esse tempo, jamais esquecera um detalhe ou cometera um erro.

— Bom-dia, sr. Roscoe — disse.

— Bom-dia, Helen.

Ela colocou uma pasta sobre a mesa.

— Aqui estão as últimas fotos de Cingapura e a estimativa de custos do Projeto R-15. O senhor tem um almoço marcado com o senador Andrew, às 12h30. Fiz reservas no The Ivy.

— Você se lembrou de ligar para Londres? — perguntou Roscoe.

Helen Bosworth piscou confusa. Nunca se esquecia de nada, então por que ele havia feito aquela pergunta?

— Falei com o escritório de Alan Blunt na tarde de ontem — disse ela. Se era tarde em Nova York, então seria noite em Londres. — O sr. Blunt não pôde atender, mas marquei uma conversa particular dele com o senhor para esta tarde. Podemos transferi-la para o telefone do seu carro.

— Obrigado, Helen.

— Devo mandar servir café?

— Não, obrigado, Helen. Não vou tomar café hoje.

Ela deixou a sala seriamente alarmada. Sem café? E o que viria a seguir? Desde que conhecia o sr. Roscoe, ele sempre começava o dia com um expresso duplo. Estaria doente? Com certeza não vinha agindo normalmente nos últimos tempos... não desde que Paul retornara daquela escola no sul da França. E o telefonema para Alan Blunt em Londres! Nunca haviam comentado com ela quem era aquele homem, mas Helen vira o nome dele uma vez em um arquivo. Alan Blunt tinha alguma coisa a ver com a inteligência militar. MI6, o Serviço Secreto Britânico. O que o sr. Roscoe estaria fazendo, conversando com um espião?

Helen Bosworth voltou para sua sala e acalmou os nervos. Não com café, que ela não conseguia tolerar, mas com uma xícara revigorante de chá inglês. Alguma coisa muito estranha estava acontecendo e ela não estava gostando. Não estava gostando nada.

Enquanto isso, sessenta andares abaixo, um homem entrava na recepção usando um macacão cinza, com um crachá de identificação preso no peito, que o identificava como Sam Green, técnico de manutenção da empresa X-Press Elevadores. Carregava uma pasta em uma mão e uma caixa de ferramentas grande, prateada, na outra. O homem apoiou a pasta e a caixa de ferramentas diante da mesa da recepcionista.

Sam Green não era seu nome verdadeiro. O cabelo, preto e levemente oleoso, era falso, assim como os óculos que usava, o bigode e até o dente torto. Ele parecia ter uns 50 anos, embora estivesse perto dos 30. Ninguém sabia seu nome verdadeiro, mas no negócio em que trabalhava o nome era a última coisa que ele poderia se permitir revelar. Conhecido apenas como “O Cavalheiro”, o homem era um dos assassinos de aluguel mais bem pa-

gos e de maior sucesso no mundo. Recebera esse apelido porque sempre mandava flores para as famílias de suas vítimas.

O guarda na recepção o examinou.

— Estou aqui por causa do elevador — disse o homem, falando com um sotaque do Bronx, apesar de não ter passado nem uma semana de sua vida naquele bairro de Nova York.

— O que houve? — perguntou o guarda. — Alguém de sua empresa já esteve aqui na semana passada.

— Sim, claro. Encontramos um cabo com defeito no elevador 12. Ele precisava ser trocado, mas não tínhamos as peças. Então me mandaram voltar. — O Cavalheiro enfiou a mão no bolso e pegou uma folha de papel amassada. — Quer ligar para o escritório central? Foram eles que me passaram o serviço.

Se o guarda tivesse ligado para a X-Press Elevadores, ficaria sabendo que eles realmente empregavam um Sam Green... embora ele não aparecesse para trabalhar havia dois dias. Isso porque o verdadeiro Sam Green estava no fundo do Rio Hudson, com uma faca enterrada nas costas e um bloco de concreto de 10 quilos amarrado nos pés. Mas o guarda não telefonou para a empresa. O Cavalheiro imaginara mesmo que ele não se importaria em conferir. Afinal, os elevadores estavam sempre apresentando defeito. Por isso, havia técnicos de manutenção entrando e saindo o tempo todo. Que diferença faria um a mais?

O guarda fez um sinal com o polegar.

— Vá em frente — disse.

O Cavalheiro guardou a folha de papel, pegou a pasta e a caixa de ferramentas e se dirigiu para os elevadores. Havia doze deles para atender à demanda do arranha-céu, além do 13º, exclusivo para Michel J. Roscoe. O 12º elevador ficava no final. Quando O Cavalheiro estava entrando nele, um mensageiro tentou entrar também.

— Sinto muito — disse. — Está fechado para manutenção.

As portas se fecharam. Ele estava sozinho. Então apertou o botão para o 61º andar.

Esse trabalho lhe fora passado fazia apenas uma semana. O Cavalheiro tivera que trabalhar rápido: matar o técnico verdadeiro, assumir sua identidade, decorar a planta da Roscoe Tower e conseguir colocar as mãos na sofisticada peça de equipamento, da qual sabia que precisaria. Quem o con-

tratara queria que o multimilionário fosse eliminado o mais rápido possível. E, mais importante, deveria parecer um acidente. Por isso, exigira — e conseguira — cem mil dólares de pagamento. O dinheiro seria depositado em uma conta na Suíça, metade naquele momento e a outra metade depois que o serviço estivesse concluído.

A porta do elevador voltou a se abrir. O 61º andar era usado basicamente para manutenção. Era ali que ficavam as caixas-d'água, assim como o sistema de computadores que controlava a calefação, o ar-condicionado, as câmeras de segurança e os elevadores do prédio. O Cavalheiro desligou o elevador, usando a chave de acesso manual que antes pertencera a Sam Green e se encaminhou para os computadores. Sabia exatamente onde estavam. Na verdade, poderia tê-los encontrado de olhos vendados. Ele abriu a pasta. Havia dois compartimentos ali. Na parte mais baixa, estava guardado um notebook. Na parte de cima, havia algumas furadeiras e outras ferramentas, cada uma presa no devido lugar.

O Cavalheiro levou quinze minutos para acessar o computador central da Roscoe Tower e conectar o notebook ao circuito interno. Acessar os sistemas de segurança da Roscoe foi um pouco mais demorado, mas acabou conseguindo. Ele digitou um comando no teclado. No andar de baixo, o elevador particular de Michael J. Roscoe fez algo que nunca fizera antes — subiu mais um andar, parando no 61º. A porta, no entanto, continuou fechada. O Cavalheiro não precisava entrar.

Em vez disso, pegou a pasta e a caixa de ferramentas e levou-as de volta para o mesmo elevador em que entrara na recepção. Ele girou a chave de acesso e apertou o botão para o 59º andar. Então, mais uma vez, desativou o elevador. O Cavalheiro ergueu os braços e empurrou o teto do elevador, que era como um alçapão que abria para fora. Colocou a pasta e a caixa de ferramentas lá em cima, suspendeu o corpo e subiu para o teto. Agora estava parado dentro do principal poço de elevadores da Roscoe Tower, cercado por todos os lados de vigas e canos pretos por causa do óleo e da sujeira. Havia grossos cabos de aço pendentes, alguns deles zumbindo, enquanto subiam ou desciam suas cargas. Quando olhou para baixo, O Cavalheiro pôde ver um túnel quadrado, que parecia infinito, iluminado apenas pelas frestas de luz das portas que abriam e fechavam, enquanto os outros elevadores paravam nos outros andares. De algum modo, o vento conseguia abrir caminho desde a rua, soprando poeira e fazendo os olhos dele arde-

rem. Perto do homem, estavam as portas do elevador que, se abertas, o levariam direto para o escritório de Roscoe. Sobre elas, acima da cabeça dele, estava a parte de baixo do elevador particular de Roscoe.

No teto do elevador, perto da caixa de ferramentas, ele a abriu com muito cuidado. As laterais da caixa eram forradas com espuma grossa e dentro, em um espaço especialmente projetado, havia algo que parecia um complicado projetor de imagens prateado e com lentes de vidro grossas. O Cavalheiro o pegou e olhou de relance para o relógio. Eram 8h35. Levaria uma hora para conectar aquele aparelho à parte de baixo do elevador de Roscoe e um pouco mais para se assegurar de que estava funcionando. Teria o tempo o necessário.

O Cavalheiro sorriu para si mesmo, pegou uma chave de fenda poderosa e começou a trabalhar.

Ao meio-dia, Helen Bosworth avisou pelo interfone:

— Seu carro está aqui, sr. Roscoe.

— Obrigado, Helen.

Roscoe não fizera muita coisa naquela manhã. Sabia que apenas metade de sua mente estava concentrada no trabalho. Mais uma vez ele olhou para a foto sobre a escrivaninha. Paul. Como as coisas podiam ir tão mal entre um pai e um filho? E o que teria acontecido nos últimos meses para torná-las tão piores?

Ele se levantou, vestiu o paletó e atravessou o escritório, pronto para ir almoçar com o senador Andrews. Roscoe costumava almoçar com políticos. Eles sempre queriam seu dinheiro, ou suas ideias... ou a ele mesmo. Qualquer pessoa tão rica quanto Roscoe podia ser um amigo poderoso e os políticos precisavam de todos os amigos que pudessem conseguir.

Ele apertou o botão do elevador e as portas se abriram. Deu um passo adiante.

A última coisa que Michael J. Roscoe viu na vida foi o interior do elevador, as paredes de mármore branco, o carpete azul e o corrimão prateado. Seu pé direito, calçado com um sapato de couro preto, feito sob medida para ele em uma pequena loja em Roma, apoiou-se no carpete e... o atravessou. O resto do corpo foi junto, caindo e atravessando o chão do elevador. Então Roscoe despencou para a morte em uma queda de sessenta andares.

Ele ficou tão surpreso com o que houve, tão absolutamente incapaz de entender o que estava acontecendo, que não gritou. Simplesmente caiu na escuridão do poço do elevador, esbarrando por duas vezes nas paredes e se arrebatando no concreto sólido do subsolo, 500 metros abaixo.

O elevador permaneceu onde estava. Parecia sólido, mas na verdade essa era a última coisa que ele era. Roscoe entrara em um holograma, em uma imagem que estava sendo projetada no espaço onde o elevador de verdade deveria estar. O Cavaleiro programara a porta para abrir quando Roscoe pressionasse o botão e observara calmamente enquanto o homem pisava no vazio. Se o multimilionário tivesse olhado para o alto por um instante, certamente perceberia que, alguns metros acima, havia um projetor de hologramas prateado, gerando a imagem. Mas um homem que entra em um elevador quando está saindo para o almoço não olha para cima. O Cavaleiro sabia disso. E nunca errava.

Às 12h35, o motorista ligou para dizer que o sr. Roscoe não havia chegado ainda. Dez minutos mais tarde, Helen Bosworth alertou a segurança, que começou a procurar no saguão de entrada do prédio. Às 13 horas, eles ligaram para o restaurante. O senador estava lá, esperando seu convidado para o almoço. Mas Roscoe não aparecera.

Na verdade, o corpo só foi descoberto no dia seguinte e, àquela altura, o desaparecimento do multimilionário já havia se tornado a principal manchete das notícias. Um acidente bizarro, era isso o que parecia ter acontecido. Ninguém conseguia entender como pudera ocorrer. Porque, nesse meio-tempo, o Cavaleiro já havia reprogramado o computador, removido o projetor e deixado tudo certo antes de sair calmamente do prédio.

Dois dias mais tarde, um homem que não se parecia em nada com um técnico de manutenção de computadores caminhava pelo Aeroporto Internacional JFK. Ele estava prestes a embarcar em um voo para a Suíça. Mas antes passou em uma floricultura e encomendou uma dúzia de tulipas negras para serem enviadas para um certo endereço. O homem pagou em dinheiro. E não deixou o nome.

SOMBRA AZUL

O PIOR MOMENTO PARA SE SENTIR sozinho é quando se está no meio de uma multidão. Alex Rider atravessava o pátio da escola, cercado por centenas de garotos e garotas de sua idade. Todos iam na mesma direção, todos usavam o mesmo uniforme azul e cinza e, provavelmente, todos pensavam a mesma coisa. A última aula do dia tinha terminado. Dever de casa, jantar e televisão preencheriam o tempo que faltava até a hora de ir para a cama. Outro dia de aula. Então por que ele se sentia tão deslocado, como se estivesse observando as últimas semanas de aula daquele bimestre através de uma gigantesca tela de vidro?

Alex pendurou a mochila no ombro e continuou seu caminho em direção ao estacionamento de bicicletas. A mochila estava pesada. Como sempre, teria dever de casa duplo... francês e história. Ele faltara às aulas durante três semanas e precisava se esforçar para recuperar o que perdera. Os professores não haviam sido muito compreensivos. Ninguém dissera nada, mas, quando finalmente retornara com o atestado médico (“uma gripe forte com complicações”), os professores haviam balançado a cabeça, sorrido e secretamente o rotularam de garoto mimado. Por outro lado, achavam que tinham que dar um desconto. Afinal, todos sabiam que o garoto não tinha pai nem mãe e que fora criado por um tio que morrera em um acidente de carro. Mas, mesmo assim, três semanas na cama! Até mesmo os amigos mais chegados tiveram que admitir que tinha sido um pouco demais.

E ele não podia contar a verdade a eles. Não tinha permissão para contar a ninguém o que realmente acontecera. Isso era o pior de tudo.

Alex olhou ao redor, para os alunos que passavam pelos portões da escola, alguns brincando com bolas de futebol, outros falando no celular. Também viu os professores, espremidos em seus carros de segunda mão. A princípio, achara que a escola inteira havia mudado durante sua ausência. Mas agora sabia que acontecera algo ainda pior. Tudo estava do mesmo jeito. Ele que havia mudado.

Alex tinha 14 anos e era um estudante comum, de uma escola comum no oeste de Londres. Ou havia sido assim. Três semanas antes, ele descobrira que o tio era um agente secreto que trabalhava para o MI6, o serviço

secreto britânico. O tio, Ian Rider, fora assassinado, e o MI6 forçara Alex a ocupar o lugar dele. Havia-lhe dado um treinamento rápido em técnicas de sobrevivência, no Serviço Aéreo Especial, e o mandaram para uma missão maluca na costa sul da Inglaterra. O garoto fora perseguido, metralhado e quase assassinado. E, no final de tudo, fora dispensado e mandado de volta para a escola, como se nada houvesse acontecido. Mas antes o haviam obrigado a assinar o Ato Secreto Oficial. Alex sorriu ao se lembrar disso. Não precisaria ter assinado nada, afinal, quem teria acreditado nele?

Mas todos esses segredos agora o incomodavam. Quando lhe perguntavam o que havia feito nas semanas em que estivera afastado do colégio, ele se via forçado a dizer que ficara na cama, lendo, arrastando-se pela casa ou qualquer coisa que lhe viesse à cabeça. Não queria ficar se gabando do que fizera, porém odiava ter que mentir para os amigos. Isso o deixava furioso. O MI6 não apenas o colocara em perigo, como também trancara toda a sua vida em um fichário e jogara a chave fora.

Alex chegou ao estacionamento das bicicletas. Alguém murmurou um “até logo” para ele e o garoto respondeu. Afastou a mecha de cabelo louro que insistia em cair sobre seus olhos. Às vezes, desejava que toda aquela história com o MI6 jamais tivesse acontecido. E, ao mesmo tempo, era obrigado a admitir que parte dele queria que acontecesse tudo novamente. Já se pegara sentindo que não pertencia mais àquele mundo seguro e confortável da escola Brookland. Coisas demais haviam mudado. E, no fim do dia, qualquer coisa era melhor do que ter que fazer dever de casa em dobro.

Alex tirou a bicicleta do apoio, destrancou o cadeado, colocou a mochila nos ombros e se preparou para partir. Foi quando, do lado de fora dos portões do colégio, viu pela segunda vez naquela semana o carro branco em péssimo estado.

Todos sabiam sobre o homem no carro branco.

Ele tinha vinte e poucos anos, era careca, com os dois dentes da frente quebrados e usava cinco brincos. O homem não dizia o nome. Quando as pessoas se referiam a ele, o chamavam de Skoda, como a marca de seu carro. Mas alguns diziam que o nome dele era Jake e que ele já fora aluno da Brookland. Se isso era verdade, o homem resolvera voltar como um fantasma indesejado — uma hora estava ali e no minuto seguinte desapa-

recia... por algum motivo, sempre alguns segundos depois que um carro de polícia passava ou que um professor olhava fixamente na direção dele.

Skoda era traficante de drogas. Vendia drogas leves, como maconha e cigarros, para os garotos mais novos, e outras mais pesadas, para os mais velhos que eram burros o bastante para comprá-las. Alex achava incrível que Skoda conseguisse se safar com tanta facilidade, passando sua mercadoria em plena luz do dia. Mas, é claro, havia um código de honra no colégio. Ninguém denunciava ninguém à polícia, nem mesmo um rato como Skoda. E sempre havia o receio de que, se ele fosse pego, algumas das pessoas das quais era fornecedor — amigos e colegas de classe — fossem pegos também.

Drogas nunca haviam sido um grande problema na Brookland, mas isso estava mudando. Um grupo de alunos de 17 anos começara a comprar a mercadoria de Skoda e a onda logo havia se espalhado, como círculos na água depois que jogamos uma pedra. Ocorrera uma série de furtos, assim como um ou dois casos sérios de *bullying* — crianças mais novas foram forçadas a dar dinheiro para os mais velhos. A mercadoria que Skoda vendia parecia ficar mais cara quanto mais a pessoa a comprava e já não era barata como no começo.

Alex observou um garoto de ombros largos, com olhos escuros e um grave problema de acne se debruçar sobre o carro, ficar um tempo diante da janela aberta e depois continuar seu caminho. Ele sentiu uma pontada de puro ódio. O nome do garoto era Colin e, um ano atrás, era um aluno estudioso e popular. Atualmente, era evitado por todos. Alex nunca pensara muito sobre drogas, a não ser pelo fato de que sabia que jamais usaria uma. Mas podia perceber que o homem no carro branco não estava envenenando apenas um punhado de garotos burros, e sim a escola toda.

Um policial que fazia a ronda a pé atravessou o portão. No instante seguinte, o carro branco partiu, soltando fumaça preta por um cano de escapamento corroído. Alex subiu na bicicleta e, antes que soubesse o que estava fazendo, pedalava rápido para fora do pátio, passando pela secretária do colégio, que também estava a caminho de casa.

— Não vá tão rápido, Alex! — gritou a mulher que suspirou quando o garoto a ignorou. A srta. Bedfordshire sempre tivera um fraco pelo garoto, mesmo sem saber exatamente o motivo. E somente ela, de todos do colé-

gio, se perguntara se não havia mais coisas em relação à ausência prolongada do que o atestado médico havia sugerido.

O Skoda branco desceu a rua em alta velocidade, virando à esquerda e depois à direita, e Alex achou que o havia perdido. Mas então o homem atravessou o labirinto de ruas que levava à Kings Road, encontrou o engarrafamento inevitável das 16 horas e acabou parando 200 metros à frente.

A média de velocidade no tráfego de Londres é, no começo do século 21, mais lenta do que era na época vitoriana. Durante o horário de trabalho, qualquer bicicleta é mais rápida do que qualquer carro, não importa o caminho. E Alex não estava em uma bicicletazinha qualquer. Ainda tinha sua Condor Junior Roadracer, feita sob encomenda para ele na fábrica que funcionava havia mais de cinquenta anos na mesma rua, em Holborn. O garoto a incrementara recentemente, acrescentando um freio integrado e uma alavanca de mudança de marcha presa ao guidom. Bastava ele mexer o polegar para fazer a bicicleta mudar de marcha e as rodas de titânio girarem suavemente sob seu corpo.

Ele alcançou o carro bem no momento em que dobrava a esquina e se juntava ao resto do tráfego na Kings Road. Alex esperava que Skoda ficasse ali pelo centro da cidade e não parecia mesmo que fosse para muito longe. O traficante não escolhera a escola Brookland como alvo simplesmente porque estudara lá. A escola também devia ficar nos arredores de onde morava. Não perto demais e também não muito longe.

O sinal abriu e o carro branco se adiantou, indo para o oeste. O garoto pedalava devagar, mantendo alguns carros à sua frente, só para o caso de Skoda olhar pelo retrovisor. Eles chegaram a uma esquina conhecida como Fim do Mundo, onde de repente o caminho ficou livre e Alex teve que mudar a marcha novamente e pedalar rápido para manter Skoda em seu campo de visão. O carro passou por Parsons Green e desceu em direção a Putney. Para passar de uma alameda para outra, Alex teve que fechar um táxi e ouvir uma buzinação indignada como resposta. Estava um dia quente e o garoto podia sentir o dever de casa de francês e de história pesando em suas costas. Até onde iriam? E o que ele faria quando finalmente parassem? Ele estava começando a se perguntar se aquilo tudo havia sido uma boa ideia, quando o carro finalmente parou e o menino percebeu que haviam chegado.

Skoda parou em uma área asfaltada, um estacionamento temporário, perto do Rio Tâmisa, não muito longe da ponte Putney. O garoto parou na ponte, deixando os carros passarem por ele, e observou o traficante enquanto saía do carro e começava a caminhar. A área passava por uma revitalização. Outro prédio luxuoso de apartamentos estava sendo construído e logo se destacaria na linha do horizonte de Londres. Naquele momento, o prédio não passava de um esqueleto horroroso, feito de vigas de aço e placas de concreto pré-fabricadas. O lugar estava cercado por um enxame de homens de capacete. Havia também escavadoras mecânicas, betoneiras e, erguendo-se acima de tudo isso, um enorme guindaste amarelo-canário. Em uma placa lia-se: “Casa Riverview”. E logo abaixo: “Todos os visitantes devem se encaminhar ao escritório”.

Alex imaginou se Skoda tinha algum tipo de negócio naquela obra. Ele parecia estar se encaminhando para a entrada. Mas então se desviou. Cada vez mais confuso, o garoto continuava a observá-lo.

O canteiro de obras estava situado entre a ponte e um conjunto de edifícios modernos. Havia também um bar, logo depois o que parecia ser um centro de conferências recém-inaugurado e, finalmente, a delegacia de polícia com parte do estacionamento ocupada por carros oficiais. Mas, bem perto do canteiro de obras, destacando-se no rio, havia um cais de madeira, com dois barcos pequenos e uma velha barca de ferro enferrujando calmamente na água turva. A princípio, Alex não percebera o cais, mas Skoda caminhou direto para ele, e subiu na barca. O homem foi até uma porta e desapareceu lá dentro. Era ali que morava? Estava ficando tarde e, por algum motivo, o garoto duvidava que o traficante estivesse se preparando para um agradável passeio pelo Rio Tâmisa.

Subindo na bicicleta de novo e pedalando lentamente até o final da ponte, Alex desceu na direção do estacionamento. Deixou a bicicleta e a mochila fora da vista e continuou a pé, andando mais devagar à medida que se aproximava do cais. Não tinha medo de ser descoberto. Afinal, estava em lugar público e, mesmo que Skoda reaparecesse, não haveria nada que pudesse fazer. Mas sentia curiosidade. O que o traficante estaria fazendo a bordo de uma barca? Parecia um lugar muito bizarro para parar. O garoto ainda não sabia bem o que iria fazer, porém queria dar uma olhada lá dentro. Depois decidiria isso.

O cais de madeira estalou sob seus pés quando ele subiu. A barca se chamava Blue Shadow (Sombra Azul), mas não restava nada de azul na pintura descascada, nos metais enferrujados ou nos conveses sujos e cobertos de óleo. A embarcação tinha cerca de 30 metros de comprimento, era bem larga e funda, com uma única cabine no centro. Imaginou que a maior parte das acomodações devia ficar abaixo da superfície da água. Ele se ajoelhou no cais, fingindo que estava amarrando o cadarço do sapato, tentando ver através das janelas estreitas e inclinadas. Mas todas as cortinas estavam fechadas. E agora?

A barca tinha sido amarrada a um dos lados do cais. Os dois barcos pequenos estavam próximos um do outro, no lado oposto. Skoda queria privacidade, mas também precisava de luz e certamente não havia necessidade de fechar as cortinas no lado que dava apenas para o rio. O único problema era que, para olhar pelas janelas, Alex teria que subir na barca. Considerou brevemente o que devia fazer. Valeria o risco. Estava perto o bastante do canteiro de obras. Ninguém tentaria machucá-lo em plena luz do dia.

O garoto colocou um pé no convés e transferiu lentamente o peso para ele. Tinha medo de que a barca o denunciasse. De fato, a embarcação afundou um pouco com o peso dele, mas ele havia escolhido um bom momento. Uma lancha da polícia estava passando perto, subindo o rio em direção à cidade. A barca oscilou naturalmente por causa do movimento da outra embarcação e, quando a água voltou a ficar tranquila, Alex já estava a bordo, agachado perto da porta da cabine.

Naquele momento podia ouvir música que vinha lá de dentro. A batida pesada de uma banda de rock. Mesmo não querendo fazer aquilo, sabia que só havia um modo de olhar para dentro. Assim, tentou encontrar uma parte do convés que não estivesse coberta de óleo e deitou de bruços. O garoto se firmou na grade de apoio de metal, passou a cabeça e os ombros por cima da lateral da barca e se moveu para a frente, de modo que estava quase pendurado de cabeça para baixo sobre a água.

Alex tinha razão. As cortinas no outro lado da barca estavam abertas. Olhou através do vidro sujo da janela e viu dois homens. Skoda, sentado sobre um beliche, fumava um cigarro. Havia um segundo homem, louro e feio, com lábios tortos e uma barba de três dias, usando um agasalho de moletom surrado e calça jeans. Estava fazendo café em um fogão pequeno.

A música vinha de um aparelho de som portátil em cima de uma prateleira. Alex olhou a cabine. Além de duas camas e uma cozinha em miniatura, não havia outras acomodações na barca: o resto do local fora modificado para outro propósito. Skoda e seu amigo haviam transformado o lugar em um laboratório flutuante.

Havia duas bancadas de metal, uma pia e um par de balanças eletrônicas. Por toda a parte se espalhavam tubos de ensaio e bicos de bunsen, frascos, tubos de vidro e colheres. O lugar estava imundo. Obviamente, nenhum dos dois homens se preocupava com higiene, porém Alex sabia que estava olhando para o coração da operação. Era ali que preparavam as drogas que vendiam: cortavam, pesavam e embalavam para entregar nas escolas locais. Era uma ideia louca instalar uma fábrica de drogas em um barco, quase no meio de Londres e bem perto de uma delegacia de polícia. Mas, ao mesmo tempo, era inteligente. Quem procuraria ali?

O homem louro subitamente se virou e Alex ergueu o corpo, subindo de volta para o convés. O garoto se sentiu um pouco zozinho por um instante. Ficar de cabeça para baixo havia feito o sangue descer. Ele respirou fundo umas duas vezes, tentando ordenar as ideias. Seria fácil ir até a delegacia de polícia e contar ao policial em serviço o que vira. E então a polícia poderia continuar desse ponto.

Mas alguma coisa dentro de Alex rejeitava a ideia. Talvez tivesse feito exatamente isso alguns meses antes, deixando outra pessoa tomar conta da situação. Mas não pedalara por todo aquele caminho apenas para chamar a polícia. Ele se lembrou da primeira vez em que vira o carro branco parado do lado de fora dos portões do colégio. Lembrou-se do seu amigo, Colin, arrasado por causa do que eles vendiam e sentiu uma onda de raiva. Ele mesmo queria resolver aquela questão.

Mas o que poderia fazer? Se a barca tivesse uma tampa, como uma banheira, Alex a tiraria e afundaria o negócio todo. Mas é claro que a coisa não era assim tão fácil. A barca estava presa ao cais por duas cordas grossas. O garoto pensou em desamarrá-las, mas isso também não ajudaria. A embarcação iria se afastar, mas eles estavam em Putney. Ali não havia redemoinhos ou quedas d'água. Skoda simplesmente ligaria o motor e voltaria para o cais.

Alex olhou ao redor. No canteiro de obras, o dia de trabalho estava chegando ao fim. Alguns homens começavam a ir embora e, enquanto obser-

vava, o garoto notou um alçapão aberto a cerca de 150 metros acima dele e um homem robusto começando a longa descida desde o alto do guindaste. Alex fechou os olhos. Uma série de imagens subitamente se espalhou em sua mente, como diferentes partes de um quebra-cabeças.

A barca. O canteiro de obras. A delegacia de polícia. O guindaste com seu gancho enorme, balançando sob a lança.

E o parque de diversões de Blackpool. Ele estivera lá uma vez com sua governanta, Jack Starbright, e a vira ganhar um urso de pelúcia, pescando-o de uma vitrine e levando-o até uma calha.

Conseguiria fazer o que estava imaginando? Observando o cenário novamente, Alex calculou os ângulos. Sim. Provavelmente conseguiria.

Ele se levantou e atravessou o convés até a porta por onde Skoda entrara. Havia um arame solto em um dos lados e o garoto o pegou e amarrou-o na maçaneta da porta, dando várias voltas. Passou o arame por um gancho na parede e puxou com força. A porta estava bem trancada. Havia uma segunda porta no fundo do barco. Alex usou o cadeado da bicicleta para prendê-la. Até onde podia ver, as janelas eram estreitas demais para que alguém passasse por elas. Não havia outra maneira de entrar ou sair.

O garoto se esgueirou para fora da barca e voltou para o cais. Então desamarrou a embarcação deixando a corda grossa pendendo frouxa ao lado das estacas de metal que a seguravam. O rio estava tranquilo. Ainda demoraria um pouco antes que a barca se afastasse do cais.

Alex endireitou o corpo e, satisfeito com seu trabalho, começou a correr.

ENGANCHADO

A ENTRADA DO CANTEIRO DE obras estava cheia de operários se preparando para voltar para casa. A cena lembrava a escola Brookland, uma hora antes. Nada muda de verdade quando as pessoas ficam mais velhas, a não ser talvez pelo fato de que não precisam mais fazer dever de casa. Os homens e as mulheres que saíam do canteiro de obras estavam cansados e com pressa para ir embora. Talvez tenha sido por isso que nenhum desses trabalhadores deteve Alex quando ele passou por eles, andando propositalmente como se soubesse onde estava indo, como fosse até lá todas as noites.

Mas o turno não estava totalmente encerrado. Outros operários ainda carregavam ferramentas, organizavam o maquinário, recolhendo tudo para a noite. Todos usavam capacetes de proteção e, ao ver uma pilha de capacetes de plástico, o garoto rapidamente pegou um e colocou-o na cabeça. O entulho retirado para que o edifício fosse construído se destacava à frente dele. Para conseguir passar, ele se esgueirou por um corredor estreito entre duas torres de andaimes. De repente, um homem de corpo pesado, usando um macacão branco, parou diante dele, bloqueando seu caminho.

— Aonde está indo? — quis saber o homem.

— Meu pai... — Alex gesticulou vagamente na direção de outro operário e continuou andando. O truque deu certo. O homem não voltou a chamá-lo.

O garoto foi em direção ao guindaste, que se destacava no campo aberto como se fosse o sacerdote daquela construção. Ele não havia se dado conta da altura até alcançá-lo. A torre de sustentação estava ancorada em uma base de concreto maciço. Era muito estreita. Depois que se espremeu pelas vigas de ferro, Alex conseguia tocar os quatro lados só esticando a mão. Uma escada se erguia no centro. Sem parar para pensar, começou a subi-la.

“É apenas uma escada”, disse a si mesmo. “Você já subiu escadas antes. Não há nada com o que se preocupar.” Mas aquela era uma escada com 300 degraus. Se tropeçasse ou escorregasse, não haveria nada para protegê-lo de uma queda fatal. Havia plataformas de descanso a intervalos re-

gulares, mas o garoto não ousou parar para recuperar o fôlego. Alguém poderia olhar para cima e vê-lo. E sempre havia a possibilidade de que a barca, com as cordas soltas, começasse a se mover. Ele sabia que precisava se apressar. Depois de 250 degraus, a torre se estreitou. Alex já conseguia ver a cabine de controle do guindaste logo acima dele. Olhou para baixo. Os homens no canteiro de obras subitamente pareciam muito pequenos e muito distantes. Ele subiu o último lance. Sobre a sua cabeça, ficava o alçapão que levava à cabine. Mas estava trancado.

Por sorte, o garoto estava preparado para aquilo. Quando o MI6 o enviara para sua primeira missão, haviam lhe dado alguns acessórios — não poderia chamá-los exatamente de armas — para ajudá-lo a sair de eventuais apertos. Um desses acessórios era uma embalagem de pomada onde estava escrito “Limpa-espinhas, para uma pele mais saudável”. Mas o creme dentro da embalagem fazia bem mais do que melhorar a acne.

Embora Alex tivesse usado a maior parte do creme, restara alguma coisa e sempre andava com a embalagem, como uma espécie de lembrança. Por isso, o tubo estava em seu bolso naquele momento. O garoto se firmou na escada com uma mão e pegou o creme com a outra. Havia bem pouco, mas aquilo era tudo o que precisava. Ele abriu a embalagem, espremeu um pouco do creme na tranca e esperou. Por um instante, nada aconteceu, depois se ouviu um chiado e subiu uma fina espiral de fumaça. O creme estava comendo o metal. A tranca abriu. Alex empurrou o alçapão e subiu os poucos degraus que faltavam. Estava dentro.

Ele precisou fechar o alçapão de novo para ter espaço para ficar de pé. O garoto se viu em uma caixa de metal quadrada, quase do mesmo tamanho da cabine em que se entra para dirigir carros ou pilotar aviões nos fliperamas. Havia uma poltrona de piloto com dois controles, um sobre cada braço. E, em vez de uma tela, havia uma janela do chão ao teto, com uma vista espetacular do canteiro de obras, do rio e de todo o oeste de Londres. Um pequeno monitor de computador estava instalado em um canto e, na altura do joelho de quem estava sentado, havia um rádio transmissor.

Os controles nos braços da poltrona eram surpreendentemente simples. Cada um tinha apenas seis botões — dois verdes, dois pretos e dois vermelhos. Havia até diagramas de ajuda para mostrar o que cada um fazia. A mão direita erguia e abaixava o gancho. A mão esquerda o movia pela lança para mais perto ou longe da cabine. A mão esquerda também controlava

todo o topo do guindaste, girando-a até 360°. Não poderia ser mais simples. Até o botão de ligar estava claramente sinalizado. Um interruptor grande para um brinquedo grande.

Alex apertou o botão e viu a cabine de controle ganhar vida. O computador foi ligado e logo apareceu o desenho de um cachorro latindo, durante a inicialização. O garoto se sentou na poltrona do operador. Ainda havia uns 20 ou 30 homens no canteiro de obras. Ao olhar para baixo, por entre os joelhos, Alex viu que tudo se afastava silenciosamente. Ninguém notara nada de errado. Mas ainda assim o garoto sabia que precisava agir rápido.

Ele apertou o botão verde no controle da direita — verde para erguer — então empurrou o controle com os dedos e... nada aconteceu! Franziu o cenho. Talvez aquilo acabasse sendo mais complicado do que ele imaginara. O que havia deixado de fazer? Alex descansou as mãos sobre os controles, olhando para a esquerda e para a direita em busca de mais um comando. Sua mão direita se moveu levemente e, de repente, o gancho se ergueu do solo. Estava funcionando!

Sensores de calor dentro dos controles, invisíveis, haviam registrado a temperatura do corpo dele e ativado o guindaste. Todos os guindastes modernos tinham esse sistema interno de segurança para o caso de o operador ter um ataque cardíaco e morrer. Não podia haver acidentes. Era necessário o calor do corpo para fazer o guindaste funcionar.

E, para sorte do garoto, o guindaste era um Liebherr 154 EC-H, um dos mais modernos do mundo. O Liebherr é incrivelmente fácil de usar, além de muito preciso. Mesmo sentado a muitos metros do chão, o operador é capaz de pegar um saquinho de chá e colocá-lo dentro de uma pequena xícara de porcelana. Alex empurrou o controle para o lado com a mão esquerda e segurou a respiração ao ver a torre do guindaste girar. Diante dele, a lança balançou sobre os telhados de Londres. E, quanto mais empurrava, mais rápido se movia o guindaste. O movimento não poderia ser mais suave. O Liebherr 154 tem um sistema de acoplamento hidráulico entre o motor e as marchas, por isso nunca dá solavancos ou trepida, simplesmente desliza. O garoto descobriu um botão branco sob o polegar e apertou-o. O movimento parou de repente.

Ele estava pronto. Precisaria contar com um pouco de sorte de principiante, mas tinha certeza de que conseguiria fazer o que queria, desde que ninguém olhasse para cima e visse o guindaste se movendo. Empurrou de

novo o controle da mão esquerda e, dessa vez, esperou que a lança desse toda a volta, passando pela ponte Putney e sobre o Rio Tâmsa. Quando a lança estava apontado diretamente para a barca, Alex parou e manobrou o gancho, usando a outra mão. Primeiro deslizou-o até o fim da lança. Depois ergueu-o, rapidamente a princípio e mais lentamente quando chegou perto do solo. O gancho era de metal sólido. Se atingisse a barca, Skoda poderia ouvir e perceber o que estava acontecendo. Com muito cuidado, continuou, um centímetro de cada vez. O garoto umedeceu os lábios e se concentrou ao máximo, tomando todo o cuidado.

O gancho bateu no convés. Alex praguejou. Com certeza Skoda ouvira e agora devia estar lutando para abrir a porta. Então o garoto se lembrou do aparelho de som. Com sorte, a música teria abafado o barulho. Ele ergueu o gancho e ao mesmo tempo arrastou-o pelo convés. Já avistara seu alvo. Havia uma escora grossa de metal soldada ao convés, perto de uma das extremidades. Se conseguisse passar o gancho ao redor da escora, fismaria seu peixe. E então poderia içá-lo.

Na primeira tentativa, errou a escora por quase meio metro. O garoto se forçou a não entrar em pânico. Tinha que fazer tudo devagar ou não conseguiria. Ele trabalhou com a mão direita e com a esquerda, equilibrando os movimentos, e arrastou o gancho por cima do convés, voltando na direção da escora. Só podia torcer para que o aparelho de som ainda estivesse ligado e para que o gancho se arrastando não fizesse barulho demais. Alex errou a escora uma segunda vez. Aquilo não ia dar certo... Não! Ia conseguir. Era como a brincadeira no parque de diversões... só que bem maior. Cerando os dentes, ele manobrou o gancho uma terceira vez. Então viu que deu certo: o gancho envolveu a escora. Alex havia conseguido!

Olhou para baixo. Ninguém percebera nada de errado. Agora... como erguer? Ele puxou o controle da mão esquerda. O gancho se estreitou mais ao redor da escora e o cabo foi tensionado. O garoto, na verdade, sentiu o guindaste oscilar sob o peso da barca. Toda a torre se inclinou para a frente de modo alarmante e Alex quase deslizou para fora do assento. Pela primeira vez se perguntou se aquele plano realmente era viável. O guindaste conseguiria erguer a barca da água? Qual era o máximo de peso que ele aguentava? Havia uma placa branca no final do braço do guindaste, com um peso escrito — 3.900 quilos. Com certeza o barco não pesava tanto. Alex relanceou o olhar para a tela do computador. O conjunto de dígitos

mudava tão rapidamente que era impossível lê-los. Eles mostravam o peso que o guindaste estava erguendo. O que aconteceria se a barca *realmente fosse* pesada demais? O computador interromperia a operação automaticamente? Ou aquele guindaste enorme simplesmente despencaria?

O garoto se acomodou na poltrona imaginando o que aconteceria em seguida.

Dentro da barca, Skoda estava abrindo uma garrafa de gim. Ele tivera um bom dia. Vendera mais de 150 dólares de mercadoria para os garotos de sua antiga escola. E o melhor de tudo era que todos queriam mais. Logo Skoda diria que só continuaria a vender se os garotos o apresentassem a alguns amigos. Então, os amigos também se tornariam clientes. Era o negócio mais fácil do mundo. Tinha os moleques na palma da mão, poderia fazer o que quisesse com eles.

O homem louro que trabalhava com ele era chamado de Beckett. Os dois haviam se conhecido na prisão e decidiram fazer negócio juntos quando saíssem, o barco fora ideia de Beckett. Não havia uma cozinha ou um banheiro de verdade ali e era gelado no inverno... mas funcionava. E eles até achavam divertido estarem tão perto da delegacia de polícia. Às vezes, gostavam de ficar vendo os carros ou barcos da polícia passarem. É claro que os “tiras” jamais pensariam em procurar criminosos ali, na porta deles.

De repente, Beckett praguejou.

— Que diabos...

— O que foi?

— A xícara...

Skoda estava olhando enquanto uma xícara de café em cima da prateleira quando começava a se mover. Ela deslizou para os lados e acabou caindo no chão e espalhando café frio pelo farrapo cinza que eles chamavam de carpete. Skoda estava confuso. A xícara parecia ter se movido sozinha. Ninguém a tocou. Ele riu.

— Como você fez isso? — perguntou.

— Eu não...

— Então...

O homem louro foi o primeiro a perceber o que estava acontecendo, mas nem ele conseguiria imaginar a verdade.

— Estamos afundando! — gritou. E correu para a porta.

Skoda também começou a sentir. O chão estava se inclinando. Tubos de ensaio e provetas deslizavam e caíam uns sobre os outros, depois se espalhavam no chão, espalhando cacos de vidro para todo lado. Ele praguejou e seguiu Beckett. A cada segundo que passava, a inclinação ficava maior. Mas o mais estranho era que a barca não parecia estar afundando. Ao contrário, a frente parecia estar saindo da água.

— O que está acontecendo? — gritou Skoda.

— A porta está travada! — Beckett havia conseguido abrir uma pequena fresta, porém o fio do outro lado a segurava com firmeza. — Tente a outra!

Mas naquele momento a segunda porta estava bem acima deles. Mais frascos rolaram da mesa e se estilhaçaram. Na cozinha, pratos sujos e canecas deslizavam e voavam para todo lado. Skoda deixou escapar um ruído que ficava entre um soluço e um grunhido e tentou subir a montanha escarpada que se tornara o interior da barca. Mas era íngreme demais. A porta estava quase sobre a cabeça dele. Skoda perdeu o equilíbrio e caiu de costas, gritando, um instante depois o outro homem caiu por cima dele. Os dois rolaram para o canto, embolados um no outro. Pratos, xícaras, facas, garfos e dezenas de peças de equipamento científico caíram por cima deles. As paredes da barca rangiam com a pressão. Uma janela se estilhaçou. Uma mesa se transformou em um aríete, antiga máquina de guerra usada para arrombar portões, e escorregou com força na direção dos dois homens. Skoda sentiu uma pancada no braço e gritou alto.

A barca estava completamente na vertical, em um ângulo de 90° com a água. Por um momento, tudo ficou como estava. Então a embarcação começou a ser erguida...

Alex observava a barca deslumbrado. O guindaste a levantava a meia velocidade: algum sistema fora ativado, diminuindo a velocidade da operação, mas a tensão era mínima. O garoto podia sentir a força do equipamento sob as palmas das mãos. Sentado na cabine, com as duas mãos apoiadas nos controles, os pés bem separados, com a lança do guindaste bem à sua frente, sentia como se ele e a máquina gigantesca fossem uma coisa só. Ele apenas precisava mover a mão um centímetro e a barca de quase 4 toneladas seria trazida em sua direção. O garoto via a embarcação pendurada no gancho, girando lentamente. A água escorria da proa. A barca já

estava fora da água, sendo erguida cerca de 5 metros por segundo. Alex se perguntou como estariam as coisas dentro dela.

Então o rádio ao lado do joelho dele chiou.

— Operador de guindaste! Aqui é da base. Que diabos você está fazendo? Câmbio! — uma pausa, o ruído alto da estática. Então a voz metálica voltou. — Quem está no guindaste? Quem está aí? Identifique-se...

Havia um microfone bem na direção do queixo do garoto e ele se sentiu tentado a dizer alguma coisa. Mas achou melhor não fazer isso. Se ouvissem a voz de um adolescente, as pessoas do outro lado ficariam ainda mais em pânico.

Alex olhou para baixo, para o espaço que via entre seus joelhos. Quase uma dúzia de operários estava perto da base do guindaste. Outros apontavam para o barco, conversando entre si, agitados. Nenhum som chegava até a cabine. Era como se ele estivesse separado do mundo real e se sentia muito seguro. Não tinha dúvida de que mais operários já estavam tentando subir a escada e que tudo logo estaria terminado, mas naquele momento era intocável, por isso se concentrou no que estava fazendo. Tirar a barca da água era apenas metade do plano. Ele ainda precisava completá-lo.

— Operador de guindaste! Abaixе o gancho! Achamos que há pessoas dentro do barco e você está colocando a vida delas em risco. Repito. Abaixе o gancho!

A barca já estava a quase 60 metros acima da água, balançando na ponta do gancho. Alex moveu a mão esquerda e virou o guindaste, o barco foi levado em um arco sobre o rio até a terra firme. Ouviu-se um súbito zumbido. Então a lança do guindaste parou. Ele apertou o controle. Nada aconteceu. Alex se virou para o computador. A tela estava apagada.

Alguém lá embaixo finalmente resolvera fazer a única coisa sensata: desligara a força. O guindaste parou de vez.

O garoto ficou sentado onde estava, observando a barca balançar ao vento. Não conseguira completar seu plano. Sua ideia era abaixar o barco em segurança, com tudo o que tinha dentro, bem no estacionamento da delegacia de polícia. Ele pensara que seria uma bela surpresa para as autoridades. Em vez disso, o barco estava pendurado sobre o centro de conferências que ele vira da ponte Putney. Mas, no fim das contas, achou que não fazia muita diferença. O resultado seria o mesmo.

Alex esticou os braços e relaxou, enquanto esperava que o alçapão fosse aberto. Não ia ser fácil explicar aquilo tudo.

Então ouviu o som de alguma coisa arrebentando.

A escora de metal presa ao final do deque não fora projetada para sustentar todo o peso da barca. Era um milagre que houvesse aguentado até ali. Alex observou boquiaberto quando a escora se soltou. Por alguns segundos, ela ficou pendurada pela pontinha no deque, então o último rebite se soltou.

A barca de quase 4 toneladas estava a quase 60 metros do solo. E começava a despencar.

No Centro de Conferências Putney Riverside, o chefe da polícia metropolitana estava discursando para uma multidão de jornalistas, câmeras, servidores públicos e funcionários do governo. Era um homem alto e magro, que se levava muito a sério. Seu uniforme azul-escuro era imaculado, com cada peça prateada, dos botões nas ombreiras até as cinco medalhas, polida até cintilar. Aquele era seu grande dia. Ele dividia o palco com ninguém menos do que o ministro do Interior. O subdiretor da polícia também estava lá, assim como outros sete funcionários de cargos menos importantes. Um slogan estava projetado na parede atrás dele:

“Vencendo a guerra contra as drogas”

Letras prateadas sobre um fundo azul. O chefe de polícia escolhera pessoalmente as cores, pois sabia que combinavam com seu uniforme. Ele gostava daquele slogan. E sabia que estaria em todos os grandes jornais no dia seguinte, junto com uma foto dele, o que era ainda mais importante.

— Não deixamos escapar nada! — dizia, a voz ecoando pelo salão moderno. O chefe de polícia observava enquanto os jornalistas escreviam cada palavra que dizia. Todas as câmeras de televisão estavam focalizadas nele. — Graças aos meus esforços e ao meu envolvimento pessoal, nunca fomos tão bem-sucedidos — ele sorriu para o ministro do Interior, que retribuiu com um sorriso largo. — Mas não vamos descansar sobre os louros. Ah, não! De agora em diante, esperamos anunciar, a cada dia, novos progressos.

Foi nesse momento que a barca atingiu o telhado do centro de conferências. O barulho foi como uma explosão. O chefe de polícia só teve tempo de se jogar no chão em busca de abrigo, enquanto um objeto enorme, pin-

gando água, se precipitava em sua direção. O ministro do Interior foi arremessado para trás, e os óculos dele voaram do seu rosto. Os homens da segurança pareciam congelados no lugar, impotentes. O barco despencou diante deles, no espaço entre o palco e a plateia. A lateral da cabine fora arrancada, deixando exposto o laboratório, com os dois traficantes esparramados juntos em um dos cantos, olhando confusos para as centenas de policiais e funcionários do governo que os cercavam. Uma nuvem de pó branco em formato de cogumelo se ergueu no ar e depois caiu sobre o uniforme azul-escuro do chefe de polícia, cobrindo-o da cabeça aos pés. Os alarmes de incêndio dispararam, as luzes se apagaram. E começou a gritaria.

Nesse meio tempo, um dos operários do canteiro de obras conseguira entrar na cabine do guindaste e estava parado, olhando boquiaberto para o garoto de 14 anos que encontrara ali.

— Você... — gaguejou o homem. — Você tem ideia do que acaba de fazer?

Alex olhou para o gancho vazio sobre o buraco aberto no telhado do centro de conferências, para a fumaça e a poeira que subiam por ali. Então deu de ombros, como que pedindo desculpas.

— Eu só estava capturando uns bandidos — falou. — Mas acho que eles caíram...

PESQUISA DE CAMPO

AO MENOS NÃO demoraram a pegá-lo.

Dois homens desceram do guindaste com Alex, um na frente dele, na escada, e outro atrás. A polícia esperava embaixo. Enquanto os operários do canteiro de obras observavam perplexos, o garoto foi escoltado para fora da obra até a delegacia de polícia, alguns prédios adiante. Quando passou pelo centro de conferências, viu a multidão que já se aglomerava. Ambulâncias haviam chegado. O ministro do Interior se afastava em uma limusine preta. Pela primeira vez, o garoto se sentiu seriamente preocupado ao pensar na possibilidade de que alguém houvesse morrido. Ele não tivera a intenção de que as coisas terminassem assim.

Quando entraram na delegacia, havia uma confusão de portas batendo e oficiais de polícia com caras inexpressivas em meio a paredes pintadas de branco, formulários e telefonemas. Perguntaram o nome de Alex, a idade e o endereço. Ele viu que um sargento de polícia digitava os dados no computador, mas o que aconteceu em seguida o pegou de surpresa. O sargento pressionou a tecla “enter” e parou de repente: virou-se, olhou para Alex e se levantou apressadamente. Quando o garoto entrara na delegacia, fora o centro das atenções, mas de repente parecia que todos o evitavam. Apareceu um policial de patente mais alta, houve uma troca de palavras e Alex foi levado por um corredor e colocado em uma cela.

Meia hora mais tarde, uma policial apareceu com uma bandeja de comida.

— Jantar — disse.

— O que está acontecendo? — perguntou Alex.

A mulher sorriu, porém não disse nada.

— Deixei minha bicicleta na ponte — falou o garoto.

— Está tudo bem. Nós já a pegamos — e a afastou como se estivesse ansiosa para sair de perto dele.

Alex comeu o que estava na bandeja: salsicha, torrada e uma fatia de bolo. Havia uma cama na cela e, atrás de uma tela, uma pia e um vaso sanitário. Ele começou a imaginar se alguém entraria para conversar com ele, mas não apareceu ninguém. Acabou adormecendo.

Quando se deu conta, já eram 7 horas do outro dia. A porta tinha sido aberta e um homem que o garoto conhecia muito bem estava parado na cela, olhando para ele.

— Bom-dia, Alex — falou o homem.

— Sr. Crawley.

John Crawley parecia um jovem gerente de banco e, quando Alex o conheceu, havia realmente fingido que trabalhava para um banco. O terno barato e a gravata listrada podiam perfeitamente bem ter saído de uma loja de departamentos destinada a homens de negócio de aparência desinteressante. Na verdade, Crawley trabalhava para o MI6. Alex se perguntou se as roupas eram um disfarce ou uma escolha pessoal.

— Você pode vir comigo agora — falou Crawley. — Vamos embora.

— Você vai me levar para casa? — perguntou Alex. Pensava se teriam dito a alguém onde ele estava.

— Não. Ainda não.

O garoto acompanhou Crawley para fora da delegacia. Dessa vez, não havia nenhum policial à vista. Um carro com motorista estava parado do lado de fora. Crawley entrou no banco de trás, junto com Alex, que perguntou:

— Para onde estamos indo?

— Você vai ver.

Crawley abriu um exemplar do jornal *Daily Telegraph*, começou a ler e não falou mais nada.

O carro seguiu para leste, passando pelo centro da cidade, em direção à Liverpool Street. Alex logo soube para onde o estavam levando e, confirmando suas suspeitas, o carro virou na entrada de um prédio de 17 andares perto da estação e desceu uma rampa até o estacionamento subterrâneo. O garoto já havia estado ali antes. O prédio era um disfarce. Na fachada era a matriz do Banco Royal & General, mas na verdade ali funcionava a Divisão de Operações Especiais do MI6.

O carro parou. Crawley dobrou o jornal e saiu depois de Alex. Havia um elevador no subsolo e os dois subiram até o 16º andar.

— Por aqui. — Crawley apontou para uma porta onde se lia 1605.

“A Conspiração da Pólvora”, pensou Alex. Era um pensamento absurdo, o tema do trabalho de história que deveria ter feito na noite anterior. Guy

Fawkes tentara explodir o Parlamento no ano de 1605. Oh, bem... ao que tudo indicava, o dever de casa teria que esperar.

Alex abriu a porta e entrou. Crawley não o acompanhou. Enquanto o garoto olhou ao redor, o homem ia se afastando.

— Feche a porte e entre, Alex.

Mais uma vez, o garoto se viu diante do emproado e excessivamente sério dirigente do MI6. Terno cinza, rosto cinza, vida cinza... Alan Blunt parecia pertencer a um mundo inteiramente sem cor. Ele estava sentado atrás de uma escrivaninha de madeira, em um escritório grande e quadrado que poderia pertencer a qualquer empresa em qualquer lugar do mundo. Não havia nada pessoal na sala, nem mesmo um quadro na parede ou uma fotografia sobre a escrivaninha. Até os pombos pousados no parapeito da janela eram cinza.

Blunt não estava só. A sra. Jones, chefe de Operações Especiais, estava com ele, sentada em uma poltrona de couro, usando um casaco marrom e um vestido e, como sempre, chupando uma bala de hortelã. Ela levantou os olhos negros para Alex. A mulher parecia mais satisfeita ao vê-lo do que seu chefe e fora ela quem o convidara para entrar. Não parecia que Blunt havia percebido que o garoto estava na sala.

Então o homem levantou os olhos.

— Eu não esperava vê-lo de novo tão cedo — disse.

— Era exatamente isso o que eu ia dizer — retrucou Alex. Só havia uma cadeira vazia no escritório e o garoto sentou nela.

Blunt pegou uma folha de papel que estava sobre a escrivaninha e a examinou rapidamente.

— Que diabos você tinha em mente? — quis saber. — Esse negócio com o guindaste. Você causou uma quantidade enorme de problemas. Praticamente destruiu um centro de conferência de 3 milhões de dólares. É um milagre que ninguém tenha morrido.

— Os dois homens que estavam no barco ficarão no hospital por meses — completou a sra. Jones.

— Você poderia ter matado o ministro do Interior! — continuou Blunt. — Isso teria sido a gota d'água. O que estava fazendo?

— Eles eram traficantes de drogas — explicou.

— Foi o que descobrimos. Mas o procedimento normal teria sido chamar a polícia.

— Não consegui encontrar um telefone — Alex suspirou. — Desligaram o guindaste — ele acrescentou. — Se não fosse por isso, eu teria depositado o barco perto da delegacia. Bem na porta, aliás.

Blunt piscou meio confuso e fez um gesto com a mão para encerrar o assunto.

— Por sorte sua condição especial apareceu no computador da polícia — falou. — Eles nos ligaram... e nós lidamos com o resto.

— Eu não sabia que tinha uma condição especial — disse o garoto.

— Oh, sim, Alex. Você é muito especial — Blunt o encarou por um instante. — É por isso que está aqui.

— Então não vão me mandar para casa?

— Não. A verdade, Alex, é que estávamos pensando em entrar em contato com você. Precisamos de novo de seus serviços.

— Você provavelmente é a única pessoa que pode fazer o que temos em mente — acrescentou a sra. Jones.

— Esperem um minuto! — Alex balançou a cabeça. — Ainda tenho duas semanas de aula antes da Páscoa. E já estou bastante atrasado com a matéria. E se eu não estiver interessado?

A sra. Jones suspirou e disse:

— Nós poderíamos, é claro, levá-lo de volta à polícia. Pelo que entendi, eles estavam bastante ansiosos para interrogá-lo.

— E como está a srta. Starbright? — perguntou Blunt.

Jack Starbright, Alex não sabia se esse nome era o diminutivo de Jackie ou Jacqueline, a governanta que tomava conta do garoto desde que o tio dele morrera, era uma jovem americana, ruiva e esperta, que viera para Londres estudar Direito e acabara ficando por ali. Com certeza Blunt não estava interessado na saúde dela. Na última vez em que haviam se encontrado, o homem deixara sua posição bem clara. Enquanto cumprisse as ordens, Alex poderia continuar a viver na casa do tio, com Jack. Se saísse da linha, a jovem seria deportada para os Estados Unidos.

Alex gostava de Jack. Havia dez anos que ela era quase uma irmã mais velha para ele. E também precisava dela. Sabia que era jovem demais para morar sozinho e que, se Jack saísse de cena, as autoridades ficariam com a custódia dele. E isso significava ser mandado para alguma instituição terrível no norte da Inglaterra. Blunt também já deixara esse ponto bem claro.

— Vocês disseram a Jack onde estou? — perguntou.

— É claro. Ela parece não gostar muito da ideia de... o empregarmos. Na verdade, devo me lembrar de fazê-la assinar o Ato Oficial Secreto. Não quero que a moça fale com as pessoas erradas.

A sra. Jones assumiu a palavra:

— Por favor, Alex. Por que continuar fingindo que você é um simples estudante? — a sra. Jones tentava ser mais simpática, mais maternal. “Mas até cobras têm mães”, pensou Alex. — Você já provou seu valor uma vez — continuou. — Estamos apenas lhe dando a chance de fazer isso de novo.

— E o que vamos lhe pedir provavelmente não vai dar em nada — continuou Blunt. — Apenas precisamos checar. É o que poderíamos chamar de pesquisa de campo.

— Por que Crawley não faz, então?

— Precisamos de um garoto.

Alex ficou em silêncio. Ele olhou para Blunt, depois para a sra. Jones e novamente para Blunt. Sabia que nenhum dos dois hesitaria um segundo antes de arrancá-lo da escola Brookland, afastá-lo de seus amigos e mandá-lo para... sabe-se lá para onde. E, além do mais, não era exatamente isso o que ele queria na véspera? Outra aventura. Outra chance de salvar o mundo.

— Está certo — disse Alex por fim. — O que é desta vez?

Blunt acenou para a sra. Jones, que desembrulhou outra bala de hortelã e começou:

— Você sabe alguma coisa sobre um homem chamado Michael J. Roscoe?

Alex pensou por um momento.

— Era aquele empresário que sofreu um acidente em Nova York — o garoto tinha visto a notícia no telejornal. — Ele não caiu no poço de um elevador ou algo semelhante?

— A Eletrônicos Roscoe é uma das maiores empresas dos Estados Unidos — falou a sra. Jones. — Na verdade, é uma das maiores do mundo. Computadores, vídeos, leitores de DVD: tudo, desde celulares a máquinas de lavar. Roscoe era muito rico, muito influente...

— E muito desajeitado — acrescentou Alex.

— Sem dúvida, o acidente pareceu muito estranho, um grande descuido — concordou a sra. Jones. — Por algum motivo, o elevador não funcionou

direito. Roscoe não olhou para onde ia e acabou caindo no poço e morrendo. Essa é a opinião geral. No entanto, não temos tanta certeza disso.

— Por que não?

— Em primeiro lugar, há alguns detalhes que não batem. No dia em que Roscoe morreu, Sam Green, técnico de manutenção foi chamado para ir ao prédio da empresa, na Quinta Avenida, onde Roscoe trabalhava. Sabemos que foi Green, ou alguém muito parecido com ele, porque o vimos. Lá há circuitos fechados de câmeras de segurança, que filmaram o homem entrando. Ele disse que estava lá para examinar um cabo defeituoso. Mas, de acordo com a empresa para a qual trabalhava, ninguém havia reclamado de nenhum cabo defeituoso e o homem sem dúvida não recebera a ordem para ir lá.

— Por que não falam com esse homem?

— Nós até gostaríamos, mas Green desapareceu sem deixar pistas. Achamos que pode ter sido morto e que alguém teria tomado seu lugar e arrumado um jeito de armar o acidente que matou Roscoe.

Alex deu de ombros.

— Sinto muito. Sinto muito pelo sr. Roscoe. Mas o que isso tem a ver comigo?

— Vou chegar lá — a sra. Jones fez uma pausa. — O mais estranho de tudo é que na véspera de sua morte Roscoe telefonou para cá. Foi um telefonema pessoal. Ele pediu para falar com Alan Blunt.

— Conheci Roscoe na Universidade de Cambridge — falou Blunt. — Isso foi há muito tempo e nos tornamos amigos.

Alex ficou surpreso. Ele não via Blunt como o tipo de homem que tinha amigos.

— O que ele disse? — perguntou o garoto.

— Infelizmente, eu não estava aqui para atender a ligação — respondeu Blunt. — Marquei para falar com ele no dia seguinte. Mas, a essa altura, era tarde demais.

— Tem alguma ideia do que ele queria?

— Eu falei com a secretária dele — disse a sra. Jones. — Ela não conseguiu me esclarecer muito, mas entendi que Roscoe queria conversar conosco sobre seu filho. Ele tinha um filho de 14 anos, Paul Roscoe.

Um filho de 14 anos. Alex estava começando a perceber para onde as coisas caminhavam.

— Paul é filho único — explicou Blunt. — Temo que o relacionamento entre os dois fosse bastante difícil. Roscoe se divorciou alguns anos atrás e, embora o garoto tivesse escolhido viver com o pai, eles não se entendiam. Havia os problemas comuns da adolescência e, naturalmente, quando alguém cresce cercado por milhões de dólares, esses problemas ficam maiores. Paul ia mal no colégio. Andava matando aula e em companhia de amigos nada recomendáveis. Houve um incidente com a polícia de Nova York, nada sério, e Roscoe conseguiu abafar o caso, mas mesmo assim ficou muito aborrecido. Eu falava com Roscoe de tempos em tempos. Ele se preocupava com Paul e sentia que o garoto estava fora de controle. Mas não havia muito o que fazer.

— Então é isso o que querem de mim? — interrompeu Alex. — Querem que eu conheça o garoto e fale com ele sobre a morte do pai?

— Não — Blunt balançou a cabeça e entregou uma pasta para a sra. Jones.

Ela a abriu. Alex viu uma foto, de relance: um homem de pele escura, usando um uniforme militar.

— Lembre-se do que lhe contamos sobre Roscoe — disse ela —, porque agora vamos lhe falar sobre outro homem — a sra. Jones virou a foto para que Alex pudesse vê-la direito. — Este é o major-general Viktor Ivanov, ex-agente da KGB. Até dezembro do ano passado, era o chefe do serviço de inteligência estrangeiro e provavelmente o segundo ou terceiro homem mais poderoso da Rússia, depois do presidente. Mas então alguma coisa também aconteceu com ele. Foi um acidente no Mar Negro. A embarcação em que estava explodiu... e ninguém sabe por quê.

— Ele era amigo de Roscoe? — perguntou o garoto.

— Provavelmente jamais se conheceram. Mas temos um departamento aqui que monitora constantemente as notícias do mundo todo, e os computadores desse departamento acabaram acusando uma coincidência muito estranha. Ivanov também tinha um filho de 14 anos... Dimitry. E uma coisa é certa. O jovem Ivanov com certeza conhecia o jovem Roscoe, porque os dois frequentaram a mesma escola.

— Paul e Dimitry... — Alex estava confuso. — O que um garoto russo estava fazendo em uma escola em Nova York?

— Ele não estava em Nova York — Blunt reassumiu a palavra. — Como lhe disse, Roscoe tinha problemas com o filho. Problemas no colégio,

problemas em casa. Então, no ano passado, ele decidiu tomar uma atitude e mandou Paul para a Europa, para um lugar na França, uma espécie de escola de boas maneiras. Você sabe o que são essas escolas de boas maneiras?

— Achei que era o tipo de lugar para onde as pessoas ricas costumam mandar as filhas — falou Alex. — Para aprender boas maneiras à mesa.

— Essa é a ideia geral. Mas essa escola é só para garotos, e não são garotos comuns. Custa 15 mil dólares por período letivo. Aqui está o folheto de lá. Você pode dar uma olhada — ele entregou um folheto grosso e quadrado para Alex. Na capa, escrito em letras douradas sobre fundo preto, lia-se: “Point Blanc”. — Fica na fronteira entre a França e a Suíça — explicou Blunt. — Ao sul de Genebra, bem acima de Grenoble, nos Alpes franceses. Pronuncia-se *Point Blanc*... — ele falou as palavras com um acento francês. — Literalmente quer dizer ponto branco. É um lugar extraordinário. Foi construído no século 19 para ser residência particular por um lunático. Na verdade, depois que o homem morreu, o lugar se transformou justamente em um hospício, um lugar para lunáticos. E foi ocupado pelos alemães na 2ª Guerra Mundial, que o usaram como centro de recreação para seus altos oficiais. Depois disso, a propriedade entrou em decadência, até ser comprada pelo atual proprietário, um homem chamado Grief. Dr. Hugo Grief. Ele é o diretor da escola.

Alex abriu o folheto e viu uma fotografia colorida de Point Blanc. A escola não se parecia com nada que ele já tivesse visto: era algo entre uma mansão alemã e um castelo francês e dava a impressão de ter saído diretamente de um dos contos dos Irmãos Grimm. Mas o que fez Alex prender a respiração não foi o prédio em si, e sim o lugar em que se situava. A escola ficava bem no topo de uma montanha totalmente cercada por montanhas: uma enorme construção de tijolos e pedras em um cenário coberto de neve. O prédio parecia não se encaixar ali, como se houvesse sido arrancado de uma cidade antiga e caído naquele lugar por acidente. Não se viam estradas de acesso ao colégio, apenas neve diante do portão da frente. Mas, olhando mais de perto, Alex viu um heliporto que havia sido construído sobre as ameias. Imaginou que aquela devia ser a única maneira de chegar lá... e de sair.

Ele abriu o folheto.

“Seja bem-vindo à Academia de Point Blanc”, dizia a introdução. O folheto fora impresso com o tipo de letra que Alex imaginaria encontrar no cardápio de um restaurante caro. “Uma escola única que é muito mais que uma escola, criada para jovens que precisam de algo além do que é oferecido pelo sistema de educação. Antigamente, diziam que éramos uma escola para ‘jovens problemáticos’, mas não acreditamos que esses termos sejam adequados. Há problemas e há jovens. Nosso objetivo é separar os dois conceitos.”

— Não há necessidade de ler tudo isso — falou Blunt. — O que você precisa saber é que a academia aceita garotos que foram expulsos de outras escolas. Nunca há muitos alunos ao mesmo tempo, apenas seis ou sete de cada vez. E o lugar também é único por outros motivos. Para começar, só aceita os filhos dos muito ricos.

— A 15 mil dólares por período letivo, não fico surpreso — comentou Alex.

— Mas ficaria surpreso ao saber quantos pais e mães tentam matricular os filhos nessa escola — continuou Blunt. — Acredito que basta ler os jornais para saber como é fácil sair da linha quando se nasce em berço de ouro. Não importa se são políticos ou astros pop, a fama e a fortuna dos pais frequentemente traz problemas para os filhos... e, ao que parece, quanto mais bem-sucedidos os pais, mais pressão sofrem os filhos. A academia se propõe a resolver o problema desses jovens e, sem dúvida, vem tendo grande sucesso.

— Ela começou a funcionar vinte anos atrás — falou a sra. Jones. — E naquela época a lista de clientes já era impressionante. É claro que eles mantêm o sigilo dos nomes. Mas posso lhe dizer que entre alguns dos pais estavam um vice-presidente americano, um cientista ganhador do prêmio Nobel e um membro da família real britânica.

— E também Roscoe e esse homem, Ivanov — acrescentou Alex.

— Sim.

O garoto deu de ombros.

— Então é uma coincidência, como vocês disseram. Dois pais ricos com dois filhos ricos na mesma escola. Os dois mortos em acidentes. Por que estão tão interessados?

— Porque não gosto de coincidências — retrucou Blunt. — Na verdade, não acredito em coincidências. Onde algumas pessoas veem uma coinci-

dência, eu vejo uma conspiração. Esse é o meu trabalho.

“Então o problema é seu”, pensou Alex, mas disse:

— Acha mesmo que a escola e esse homem, Grief, podem ter algo a ver com as duas mortes? Por quê? Os pais se esqueceram de pagar as anuidades?

Blunt não achou graça.

— Roscoe me liga porque está preocupado com o filho. No dia seguinte, o homem está morto. Também soubemos por fontes russas que, uma semana antes de morrer, Ivanov teve uma discussão violenta com o filho *dele*. Parece que Ivanov estava preocupado com alguma coisa. Vê a ligação, agora?

Alex pensou por um momento e disse:

— Então quer que eu vá investigar essa escola. Como vai conseguir isso? Não tenho pais e de qualquer forma eles nunca foram ricos.

— Já resolvemos tudo — falou a sra. Jones. Alex percebeu que ela devia ter feito planos antes que acontecesse o acidente com o guindaste. Mesmo que eles não tivessem sido obrigados a intervir no caso, teriam ido atrás dele. — Vamos arrumar um pai rico para você. O nome dele é sir David Friend.

— Friend... Como o da rede de Supermercados Friend? — Alex via o nome com bastante frequência nos jornais.

— Supermercados, lojas de departamento, galerias de arte, times de futebol — a sra. Jones fez uma pausa. — Friend sem dúvida é membro do mesmo clube de Roscoe. O clube dos bilionários. Ele também tem uma relação muito próxima dos círculos do Governo, como conselheiro pessoal do primeiro-ministro. Pouquíssimas coisas acontecem neste país sem que sir David esteja envolvido de algum modo.

— Criamos uma identidade falsa para você — falou Blunt. — De agora em diante, quero que comece a pensar em si mesmo como Alex Friend, o filho de 14 anos de sir David. Você foi expulso de Eton. Tem ficha na polícia... roubo em lojas, vandalismo e posse de drogas, sir David e sua esposa, Caroline, não sabem o que fazer com você. Por isso o matricularam na academia. E você foi aceito.

— As férias escolares não estão prestes a começar?

— Eles não têm férias oficiais. A escola fica aberta durante o ano todo.

— E sir David concordou com tudo isso? — perguntou Alex.

Blunt torceu o nariz.

— Na verdade, ele não ficou muito feliz com o fato... o fato de usarmos alguém tão jovem quanto você. Mas consegui convencê-lo e ele concordou em ajudar.

— Então, quando vou para a academia?

— Daqui a cinco dias — informou a sra. Jones. — Mas, primeiro, você precisa mergulhar em sua nova vida. Já arranjamos tudo para que, quando sair daqui, seja levado para a casa de sir David. Ele mora em Lancashire, com a esposa. Eles têm uma filha, que é um ano mais velha que você. Vai passar o resto da semana com a família, o que deve lhe dar tempo para aprender tudo o que precisa saber. É de vital importância que seu disfarce fique convincente. Depois disso, será levado para Grenoble.

— E o que devo fazer quando chegar lá?

— Mais perto da hora de você ir, vamos lhe passar todas as informações que precisará ter. Essencialmente, seu trabalho é descobrir tudo o que puder. Pode ser que essa escola seja absolutamente comum e que, de fato, não haja conexão entre as mortes. Se for assim, nós o tiraremos de lá. Mas queremos ter certeza disso.

— Como entro em contato com vocês?

— Vamos cuidar dessa parte — a sra. Jones examinou Alex de cima a baixo e se virou para Blunt. — Teremos que tomar providências quanto à aparência dele — falou. — Alex não está combinando com o papel que vai desempenhar.

— Faça o que for preciso! — respondeu Blunt.

Alex suspirou. Era estranho, na verdade. Ele ia apenas se mudar de uma escola para outra, de um colégio popular em Londres para uma escola de boas maneiras na França. Não era bem a aventura que estava esperando.

Levantou-se e acompanhou a sra. Jones para fora da sala. E, antes de o garoto sair, Blunt já estava concentrado nos documentos à sua frente, como se houvesse se esquecido de que Alex estivera lá ou até mesmo de que o garoto existia.

O GRUPO DA CAÇA

O ROLLS-ROYCE CORNICHE, guiado por um motorista, cruzou a avenida ladeada de árvores, penetrando cada vez mais na área rural de Lancashire. O motor V8, de 6,7 litros, era como um leve suspiro no silêncio verde ao redor. Alex estava sentado no banco de trás, tentando não se deixar impressionar por aquele carro que custava muito mais que uma casa. “Esqueça o carpete aveludado, os painéis de madeira e os assentos de couro”, disse a si mesmo. “É apenas um carro.”

Era o dia seguinte ao da reunião no MI6 e, como Alan Blunt havia ordenado, a aparência de Alex estava transformada. Ele precisava parecer um rebelde, o filho rico que queria viver segundo suas próprias regras. Por isso, Alex vestia roupas propositalmente irreverentes. O decote da camiseta era tão cavado que deixava a maior parte do peito exposto e usava uma correia de couro no pescoço. Uma camisa mais larga, xadrez, sem a maior parte dos botões, ia por cima da camiseta cobrindo parte do jeans desbotado da marca Tommy Hilfiger, a calça estava rasgada nos joelhos e nos tornozelos. Apesar dos protestos do garoto, seu cabelo havia sido cortado tão curto que ele quase parecia um skinhead, além disso haviam furado sua orelha esquerda. Ele ainda sentia o lugar latejar sob o brinco temporário que fora colocado para impedir que o furo fechasse.

O carro parou diante de dois portões de ferro forjado, que se abriram automaticamente para recebê-los. E lá estava Haverstock Hall, a grande mansão com estátuas de pedra no terraço, cujo valor sem dúvida chegava aos sete dígitos. A sra. Jones contara a Alex que a família de sir David morava ali havia gerações. Pelo que se via, eles também eram proprietários de metade da região rural de Lancashire. Os campos se estendiam por quilômetros em todas as direções: de um lado havia ovelhas espalhadas pelas colinas; do outro, três cavalos dentro de um cercado. A casa era em estilo georgiano: tijolos brancos com janelas estreitas e colunas. Tudo parecia muito elegante. Um jardim cercado por canteiros cuidadosamente distribuídos abrigava uma espécie de estufa de vidro, onde ficavam uma piscina e uma série de sebes ornamentais, com cada folha perfeitamente ajustada no lugar.

O carro parou. Os cavalos viraram o pescoço para observar Alex descer, a cauda balançando ritmicamente para afastar as moscas. Nada mais se movia.

O motorista foi até o porta-malas.

— Sir David está lá dentro — falou. O homem desaprovava Alex no instante em que o vira. É claro que não havia dito nada. Mas era um profissional, conseguia mostrar o que sentia com os olhos.

Alex se afastou do carro atraído pela estufa do outro lado do caminho. O dia estava quente, o sol se refletia no vidro e a água do outro lado parecia subitamente convidativa. Passou pelas portas abertas. Fazia calor dentro da estufa. Um cheiro sufocante de cloro subia da água.

Alex pensou que não havia ninguém ali, mas, quando olhou para dentro da água, viu uma pessoa nadando no fundo e de repente emergindo na frente dele. Era uma garota e usava apenas um biquíni branco. Tinha cabelos longos e negros e os olhos escuros, mas a pele era pálida. Alex imaginou que teria uns 15 anos, então se lembrou do que a sra. Jones falara a respeito de sir David Friend: “Ele tem uma filha... um ano mais velha do que você.” Portanto devia ser ela. Observou a garota sair da água. O corpo dela era benfeito, mais próximo da mulher que logo se tornaria do que da menina que fora ainda há pouco. Seria uma mulher linda, disso Alex tinha certeza. O problema era que ela já sabia disso. Por isso, quando o encarou, a arrogância cintilava em seus olhos.

— Quem é você? — perguntou. — O que está fazendo aqui?

— Sou Alex.

— Oh, sim — ela pegou uma toalha e passou-a ao redor do pescoço.

— O papai disse que você estava vindo, mas não esperava que simplesmente entrasse aqui assim — a voz dela era muito adulta e aristocrática. Era estranho, saindo da boca de uma garota de 15 anos.

— Sabe nadar?

— Sei — disse Alex.

— É uma pena. Não gosto de dividir a piscina com ninguém. Principalmente com um garoto. E ainda mais um garoto com cheiro de Londres — ela passou os olhos por Alex, examinando o jeans rasgado, o cabelo raspado, o brinco na orelha. E estremeceu. — Não sei o que o papai estava pensando quando concordou que você ficasse aqui — continuou a garota. — E ainda ter que fingir que você é meu irmão! Que ideia medonha! Se eu real-

mente tivesse um irmão, posso lhe afirmar que ele não se pareceria com *você*.

Alex estava se perguntando se deveria jogar a garota de volta na piscina ou se seria melhor atirá-la pela janela quando percebeu um movimento atrás dele. Virou-se e viu, parado atrás dele, um homem alto e de aparência aristocrática, com cabelos grisalhos encaracolados e óculos, vestindo um casaco esporte, camisa aberta no colarinho e calça de veludo. O homem pareceu se chocar com a aparência de Alex, mas se recuperou rapidamente e estendeu a mão.

— Alex? — perguntou.

— Sim.

— Sou David Friend.

Alex apertou a mão dele.

— Como vai? — perguntou educadamente.

— Espero que tenha feito uma boa viagem. Vejo que já conheceu a minha filha — ele sorriu para a garota, que agora estava sentada ao lado da piscina, se secando e ignorando os dois.

— Na verdade não nos apresentamos — disse Alex.

— O nome dela é Fiona.

— Fiona Friend — Alex sorriu. — Não vou esquecer esse nome.

— Tenho certeza de que vocês dois vão se dar bem — sir David não parecia muito convencido disso. Fez um gesto na direção da casa. — Por que não entramos e conversamos no escritório?

Alex o seguiu de volta até a porta da casa e eles entraram. A porta da frente se abria para um hall que poderia ter saído direto das páginas de uma revista luxuosa de decoração. Tudo era perfeito. A mobília antiga, os enfeites e as pinturas estavam dispostos de maneira impecável. Não havia uma partícula de poeira à vista e até a luz do sol, entrando pelas janelas, parecia artificial, como se estivesse ali apenas para realçar o que havia de melhor em tudo o que tocava. Aquela era a casa de um homem que sabia exatamente o que queria e que tinha tempo e dinheiro para consegui-lo.

— Belo lugar — disse Alex.

— Obrigado. Por favor, venha por aqui — sir David abriu uma pesada porta de carvalho revelando um sofisticado e moderno escritório. Havia uma escrivaninha e duas poltronas, um par de computadores, um sofá branco de couro e uma série de estantes de metal. O aristocrata fez um

gesto indicando que Alex se sentasse em uma das poltronas e ocupou seu lugar atrás da mesa.

Alex logo percebeu que o homem estava inseguro. Sir David podia estar à frente de um império de milhões, talvez até bilhões, de dólares, mas aquela era uma experiência nova para ele. Era óbvio que não sabia muito bem como reagir à presença do garoto, pois tinha informações sobre quem e o que ele era.

— Sei muito pouco a seu respeito — começou dizendo. — Alan Blunt entrou em contato comigo e me pediu que o trouxesse para cá antes do fim da semana, para fingir que você é meu filho. Mas preciso dizer que você não se parece nem um pouco comigo.

— Também não estou nada parecido comigo mesmo — falou Alex.

— Você está a caminho de uma escola nos Alpes franceses. Eles querem que você a investigue — David Friend fez uma pausa. — Ninguém perguntou a minha opinião — continuou —, mas vou dá-la mesmo assim. Não gosto da ideia de um garoto de 14 anos ser usado como espião. É perigoso...

— Sei tomar conta de mim mesmo — Alex o interrompeu.

— Quero dizer que é perigoso para o Governo. Se você acabar morto e alguém descobrir tudo, isso pode causar um grande constrangimento para o primeiro-ministro — sir David suspirou. — Eu o aconselhei a não aceitar esse plano, mas pela primeira vez ele não me ouviu. Parece que a decisão já estava tomada. Essa escola, a academia, já me telefonou para dizer que a vice-diretora virá até aqui pegá-lo no próximo sábado. O nome dela é sra. Stellenbosch. É um nome sul-africano, eu acho.

Havia algumas pastas muito cheias sobre a escrivaninha. Sir David as empurrou na direção de Alex.

— Enquanto isso, acredito que você precise se familiarizar com detalhes sobre minha família. Preparei algum material a respeito. Você também vai encontrar informações aqui sobre a escola da qual supostamente foi expulso, Eton. Pode começar e ler o material esta noite — Alex pegou as pastas e o aristocrata continuou. — Se precisar saber de mais alguma coisa, basta perguntar. Fiona ficará com você o tempo todo.

Ele abaixou os olhos para as mãos.

— Tenho certeza de que só isso já será uma experiência e tanto...

A porta se abriu e uma mulher entrou. Era magra, com os cabelos escuros e muito parecida com a filha. Usava um vestido lilás simples e um colar de pérolas no pescoço.

— David — ela começou a dizer, mas parou ao ver Alex.

— Esta é minha esposa — disse Friend. — Caroline, este é Alex, o garoto do qual lhe falei.

— É um prazer conhecê-lo, Alex. — lady Caroline tentou sorrir, mas seus lábios só conseguiram se torcer levemente. — Pelo que entendi, você vai ficar conosco por um tempo.

— Sim, mãe — falou Alex.

Lady Caroline enrubesceu.

— Ele precisa fingir que é nosso filho — David lembrou à esposa. Então se virou para Alex. — Fiona não sabe de nada sobre o MI6 e todo o resto. Não quero alarmá-la. Disse a ela que isso tem a ver com o meu trabalho... como uma experiência social, se preferir. Fiona fingirá que é sua irmã para que você passe uma semana como parte da família. Prefiro que não conte a verdade a ela.

— O jantar será em meia hora — informou lady Caroline. — Você come carne de cervo? — ela torceu um pouco o nariz. — Talvez queira tomar um banho antes de comer. Vou lhe mostrar seu quarto.

Sir David se levantou.

— Você tem muita coisa para ler. Infelizmente precisarei voltar a Londres amanhã, tenho um almoço marcado com o presidente da França, por isso não posso ajudá-lo. Mas, como disse, se houver alguma coisa que você não saiba...

— Fiona Friend — completou Alex.

Alex foi levado a um quarto pequeno e confortável nos fundos da casa. Ele tomou um banho rápido e vestiu as mesmas roupas novamente. Gostava de se sentir limpo, mas precisava parecer sujo. Isso combinava com o estilo do garoto que fingia ser. Abriu a primeira pasta. Sir David fora muito eficiente e lhe fornecera os nomes e a história recente de praticamente toda a família, assim como fotografias de férias, detalhes da casa e dos estúbulos em Mayfair, dos apartamentos em Nova York, Paris e Roma e da *villa* em Barbados. Havia recortes de jornal, artigos de revistas... tudo o que ele poderia precisar.

Soou um gongo. Eram 19 horas. Alex desceu as escadas e entrou na sala de jantar. O cômodo tinha seis janelas e uma mesa de mogno encerado grande o bastante para acomodar quinze pessoas. Mas havia apenas três naquele momento: sir David, lady Caroline e Fiona. A comida já fora servida, provavelmente por um mordomo ou pelo cozinheiro. Sir David indicou uma cadeira vazia e Alex se sentou.

— Fiona estava falando sobre Soloman — disse lady Caroline. Houve uma pausa. — Soloman é um cavalo, temos muitos cavalos — ela se virou para Alex. — Você sabe montar?

— Apenas na minha bicicleta — respondeu Alex.

— Estou certa de que Alex não está interessado em cavalos — disse Fiona. Ela parecia estar de mau humor. — Na verdade, duvido que tenhamos alguma coisa em comum. Por que tenho que fingir que ele é meu irmão? Isso tudo é absolutamente...

— Fiona... — sir David murmurou em voz baixa.

— Bem, está certo que ele fique aqui, papai, mas esse *deveria* ser o *meu* recesso de Páscoa — Alex percebeu que Fiona devia estudar em uma escola particular. As aulas provavelmente haviam terminado antes das dele. — Não acho justo.

— Alex está aqui por causa do meu trabalho — continuou sir David. Alex pensou em como era estranho o modo como todos falavam dele como se não estivesse ali. — Sei que tem muitas perguntas, Fiona, mas simplesmente vai ter que fazer o que estou dizendo. Ele ficará conosco até o fim da semana. Quero que dê atenção a ele.

— Mas ele é um garoto da cidade! — insistiu Fiona. — Vai odiar isto aqui. E, de qualquer modo, como o fato de eu fingir que ele é meu irmão vai ajudá-lo com seus supermercados?

— Fiona... — sir David não queria mais discutir. — É o que eu lhe disse. Uma experiência. E você deve fazer com que ele se sinta bem-vindo.

Fiona pegou o copo e olhou diretamente para Alex pela primeira vez desde que ele havia entrado na sala de jantar.

— Vamos ver... — ela falou.

A semana pareceu interminável. Depois de apenas dois dias, Alex começou a achar que Fiona estava certa. Ele era mesmo um garoto da cidade. Vivera sua vida toda em Londres e se sentia completamente perdido, sufo-

cado por aquela enorme quantidade de verde dos campos. A propriedade se estendia até onde a vista alcançava, e os Friend pareciam não ter nenhuma ligação com o mundo real. Alex nunca se sentira mais isolado. Sir David fora para Londres e ainda não voltara. Lady Caroline fazia o possível para evitar o garoto. Uma ou duas vezes ela fora de carro até Skipton, a cidade mais próxima, mas, a não ser por isso, parecia passar muito tempo no jardim ou arrumando flores. E Fiona...

Ela deixara claro desde o início que não gostava dele. Mas não havia razão para isso só porque ele era de fora, e Fiona parecia desconfiar de tudo o que não pertencesse ao seu mundinho em miniatura de Haverstock Hall. Ela já perguntara várias vezes o que ele estava realmente fazendo ali. O garoto dera de ombros e não dissera nada, o que só fez com que ela gostasse menos ainda dele.

E então, no terceiro dia, Fiona o apresentou a alguns amigos.

— Vou caçar — disse a Alex. — Acho que não vai querer vir, não é?

Alex encolheu os ombros. Ele já memorizara a maior parte dos detalhes que estavam nas pastas e achava que poderia passar facilmente por um membro da família. Por isso, estava contando os dias para que a mulher da academia chegasse e o levasse embora.

— Você já caçou alguma vez? — perguntou Fiona.

— Não — respondeu Alex.

— Pois vou sair para caçar. Mas, é claro, você não gosta. É um garoto da cidade.

— O que tem de tão interessante em matar animais? — perguntou Alex.

— É parte da vida no campo. Uma tradição — Fiona olhou para Alex como se ele fosse estúpido. Aliás, era como sempre olhava para ele. — Além do mais, os animais se divertem.

A turma da caça era formada só por jovens e, a não ser Fiona, do sexo masculino. Cinco deles estavam esperando na beira de um bosque que pertencia a Haverstock. Rufus, o líder, tinha 16 anos, um corpo bem-proporcionado e cabelos negros e ondulados. Parecia ser o namorado de Fiona. Os outros, Henry, Max, Bartholomew e Fred, deviam ter mais ou menos a mesma idade. O garoto olhou para eles angustiado. Todos usavam o mesmo uniforme: paletós Barbour, calças de tweed, bonés lisos e botas de couro Huntsman. Falavam com o sotaque das classes altas. Cada um carregava uma espingarda de caça, com o cano dobrado. Dois estavam fumando. Eles

olhavam para Alex com um desdém mal disfarçado. Fiona *já* devia ter lhes falado sobre ele, o garoto da cidade.

Ela fez as apresentações rapidamente. Rufus se adiantou.

— É um prazer tê-lo conosco — falou lentamente e examinou Alex, sem se importar em disfarçar o desprezo. — Pronto para caçar um pouco?

— Não tenho arma.

— Bem, sinto muito, mas acho que não vou lhe emprestar a minha. — Rufus encaixou o cano da espingarda no lugar e ergueu-o para exibi-lo. Era uma bela arma, com um cano de quase de 60 centímetros de diâmetro de aço brilhante, estendendo-se a partir da coronha de madeira, com ornamentos esculpidos e laterais de prata maciça.

— É uma espingarda de caça com trava de segurança do gatilho removível, feita sob encomenda por Abbiatico e Salvinelli — explicou. — Paguei 30 mil dólares por ela. Na verdade, minha mãe pagou. Foi um presente de aniversário.

— Não deve ter sido nada fácil embrulhá-la para presente — comentou Alex. — Onde ela amarrou a fita?

O sorriso de Rufus se apagou.

— Você não sabe nada sobre armas — disse. O garoto fez um aceno de cabeça para um dos outros adolescentes, que entregou uma arma bem mais comum a Alex. Era velha e estava um pouco enferrujada.

— Pode usar esta aqui — disse Rufus. — E, se você se comportar muito bem e não ficar em nosso caminho, talvez eu lhe dê um pouco de munição.

Todos riram do que ele falou. Então os dois fumantes deixaram seus cigarros e todos se encaminharam para o bosque.

Trinta minutos mais tarde, Alex já sabia que cometera um erro ao ir com eles. Os garotos andavam praguejando de um lado para o outro, atirando em tudo o que se movia. Um coelho tombou como uma bola vermelha cintilante. Um pombo foi derrubado de um galho e despencou sobre um monte de folhas. Independentemente da qualidade das armas, os rapazes não eram bons atiradores. Os animais que conseguiam acertar ficavam apenas feridos, por isso Alex começou a se sentir cada vez mais nauseado ao acompanhar aquela trilha de sangue.

Eles alcançaram uma clareira e pararam para recarregar as armas. Alex se virou para Fiona e disse:.

— Vou voltar para casa.

— Por quê? Você não consegue aguentar a visão de um pouco de sangue?

Alex desviou os olhos para uma lebre que jazia a pouco mais de um metro e meio. O bicho estava caído de lado, as pernas traseiras chutando o ar impotentes.

— Estou surpreso por deixarem vocês usarem armas — disse o garoto. — Achei que era preciso ter 17 anos.

Rufus o escutou e deu um passo para a frente, com uma expressão de desagrado nos olhos.

— Não nos importamos com regras aqui no campo — resmungou.

— Talvez Alex queira chamar a polícia! — disse Fiona.

— A delegacia de polícia mais próxima fica a 65 quilômetros daqui — informou Rufus com um sorriso frio.

— Quer o meu celular emprestado? — perguntou um dos garotos.

Todos riram de novo. Para Alex foi o suficiente. Sem dizer mais nenhuma palavra, ele se virou e saiu andando.

Haviam levado trinta minutos para chegar à clareira, mas trinta minutos depois Alex ainda estava no meio do bosque, completamente cercado por árvores e arbustos. Ele percebeu que estava perdido. Ficou aborrecido consigo mesmo. Deveria ter prestado mais atenção no caminho quando estava seguindo Fiona e os outros. O bosque era enorme. Se caminhasse na direção errada, acabaria nas charnecas de North Yorkshire... e poderia levar dias até que fosse encontrado. Ao mesmo tempo, a folhagem ali era tão densa que ele mal conseguia ver dez metros adiante, em qualquer direção. Como conseguiria encontrar o caminho? Deveria tentar reconstituir seus passos ou era melhor continuar em frente na esperança de esbarrar com o caminho certo?

Alex sentiu o perigo antes de ouvir o primeiro tiro. Talvez por causa do barulho de um galho quebrado ou do clique da arma sendo engatilhada. Ele estacou e foi isso o que o salvou. Houve um estampido, alto e próximo, e uma árvore a um passo dele foi alvejada. Pedacos de madeira dançaram no ar.

Alex se virou procurando o lugar de onde viera o tiro.

— O que estão fazendo? — gritou. — Quase me acertaram!

No mesmo instante foi disparado um segundo tiro e, bem atrás dele, ouviu-se barulho de uma risada empolgada. Então o garoto percebeu o que

estava acontecendo: eles não o haviam confundido com um animal. Estavam mirando nele por diversão.

Alex se jogou para a frente e começou a correr. Os troncos das árvores pareciam imprensá-lo por todos os lados, ameaçando barrar seu caminho. O solo estava macio por causa da chuva recente e afundava sob os pés dele, tentando prendê-lo no lugar. Houve um terceiro estampido. Ele se abaixou, sentindo a bala passar sobre sua cabeça e rasgar a folhagem.

Em qualquer outro lugar do mundo, aquilo seria uma loucura. Mas estavam em plena região rural inglesa, e os garotos eram adolescentes entediados, acostumados a fazer as coisas à maneira deles. E por algum motivo eles haviam se sentido insultados por Alex. Talvez por causa da brincadeira a respeito do embrulho para presente ou por causa de sua recusa em dizer a Fiona quem realmente era. Mas o fato é que haviam decidido lhe dar uma lição e não se preocupariam com as consequências. Tinham a intenção de matá-lo? “Não nos preocupamos com regras aqui no campo”, dissera Rufus. Se Alex ficasse seriamente ferido ou se fosse morto, eles dariam um jeito de se safar. “Um acidente terrível. Ele não estava olhando para onde ia e entrou na linha de fogo.”

Não. Aquilo era impossível.

Estavam tentando assustá-lo. Era só isso.

Mais dois tiros. Um faisão se assustou e saiu voando e gritando, agitando as penas. Alex correu, arfando. Um arbusto cheio de espinhos arranhou seu peito e rasgou suas roupas. Ele ainda carregava a arma que haviam lhe dado e a usou para abrir caminho. Um emaranhado de raízes quase fez com que se estatelasse no chão.

— Alex? Onde está você? — era a voz de Rufus, alta e zombeteira, vinda do outro lado da barreira de folhas. Outro tiro, mas esse bem acima da cabeça dele. Eles não conseguiam vê-lo. Será que havia escapado?

Não, não escapara. Alex parou cambaleante e suado. Ele saíra do bosque, mas ainda estava irremediavelmente perdido. Pior, havia caído em uma armadilha. Chegou à beira de um lago extenso e sujo. A água era de um marrom infecto e parecia quase sólida. Nenhum pato ou ave selvagem chegaria perto daquela superfície. O sol do fim de tarde batia no lago, tornando mais forte o cheiro de decomposição.

— Ele foi por ali!

— Não... por ali!

— Vamos tentar o lago.

Alex ouviu as vozes e sabia que não podia deixar que o encontrassem. Teve uma súbita visão de seu corpo no fundo do lago, com pedras nos bolsos para que não subisse. Mas isso lhe deu uma ideia. Precisava se esconder.

Entrou na água. Usaria alguma coisa para conseguir respirar. Ele já vira pessoas fazendo assim nos filmes: ficavam sob a água, respirando através de um junco oco. Mas não havia juncos ali. Além da relva e de algas grossas e viscosas, nada crescia naquele lago.

Um minuto mais tarde, Rufus apareceu na beira do lago com a espingarda ainda posicionada sobre o braço. Ele parou e olhou ao redor com olhos que conheciam muito bem o lugar. Nada se moveu.

— Ele deve ter voltado — disse Rufus.

Os outros caçadores apareceram atrás dele. Entre eles, havia tensão, um silêncio culpado. Sabiam que a brincadeira havia ido longe demais.

— Vamos esquecê-lo — disse um deles.

— Sim...

— Nós lhe ensinamos uma lição.

Eles se apressaram em voltar para casa. E desapareceram todos juntos, do mesmo modo que haviam chegado. Rufus foi deixado sozinho, ainda segurando a arma com força, procurando Alex. Ele deu uma última olhada no lago e depois se virou para seguir os companheiros.

Foi quando Alex atacou. Ele estivera submerso, observando as sombras vagas dos adolescentes, como se visse através de lentes marrons muito grossas. O cano da espingarda estava em sua boca e o resto da arma, bem acima da superfície do lago. Usara os canos ocos para respirar. Agora se erguia de repente, como uma criatura saindo diretamente de um pesadelo, pingando água e lama, com fúria nos olhos. Quando Rufus o ouviu, era tarde demais: Alex bateu com a arma nas costas dele. O garoto grunhiu e caiu de joelhos, derrubando a arma que segurava. Alex a pegou. Havia dois cartuchos na espingarda. Ele a engatilhou.

O garoto olhou para Alex e, de repente, toda a arrogância desapareceu, restando apenas um adolescente estúpido e assustado, lutando para conseguir se manter de joelhos.

— Alex... — aquela única palavra saiu como um choramingo. Era como se estivesse vendo Alex pela primeira vez — desculpe-me! — ele lamen-

tou. — Não íamos machucá-lo de verdade. Foi uma brincadeira. Fiona teve a ideia. Nós só queríamos assustá-lo. Por favor...

Alex fez uma pausa, respirando pesadamente.

— Como saio daqui? — perguntou.

— Basta contornar o lago — disse Rufus. — Há uma trilha.

Rufus ainda estava de joelhos e tinha lágrimas nos olhos. Alex percebeu que estava apontando a espingarda com acabamento em prata na direção do garoto. Ele a desviou enojado de si mesmo. Rufus não era o inimigo. Ele não era nada.

— Não me siga — falou Alex e começou a caminhar.

— Por favor! — Rufus chamou. — Pode devolver minha espingarda? Minha mãe vai me matar se eu a perder.

Alex parou, sentiu o peso da arma nas mãos, então a arremessou com toda a força. A espingarda italiana feita sob medida girou duas vezes na luz mortiça e desapareceu com barulho no meio do lago.

— Você é novo demais para brincar com armas — falou.

Alex saiu andando e desapareceu no bosque.

6 O TÚNEL

O HOMEM SENTADO NA CADEIRA dourada e antiga virou a cabeça lentamente e olhou pela janela para as encostas cobertas de neve de Point Blanc. O dr. Hugo Grief tinha quase 60 anos, cabelos brancos e curtos e o rosto muito pálido. Sua pele era clara e os lábios meras sombras. Até a língua dele era cinza. E, em contraste com tanta palidez, o homem usava óculos de armação redonda com lentes vermelho-escuras. Para ele, o mundo todo tinha cor de sangue. Os dedos do dr. Grief eram longos e as unhas muito bem tratadas. Vestia um terno escuro abotoado até o pescoço. Se os vampiros existissem, provavelmente se pareceriam muito com ele.

— Decidi seguir para a última fase do Projeto Gemini — disse Grief. Ele falava com sotaque sul-africano e cortava cada palavra antes que ela deixasse sua boca. — Não pode haver mais atraso.

— Entendo, dr. Grief.

A mulher sentada diante de Grief vestia uma roupa de elastano colada ao corpo, e tinha ao redor da cabeça uma faixa, do tipo usada por esportistas para conter o suor. Era Eva Stellenbosch. Ela acabara de fazer seus exercícios matinais, duas horas de levantamento de peso e ginástica aeróbica, por isso ainda estava arfante, sua musculatura reforçada subia e descia. A sra. Stellenbosch tinha uma estrutura facial que não parecia completamente humana, os lábios se curvavam para cima na direção do nariz e tufo de cabelo ruivo caíam por cima da testa alta. Segurava nas mãos um copo com um líquido verde e leitoso. Os dedos grossos e curtos quase quebravam o copo.

A dra. Stellenbosch tomou um gole da bebida e franziu o cenho.

— Tem certeza de que estamos prontos? — perguntou.

— Não temos escolha. Nos últimos meses, dois resultados foram insatisfatórios. Primeiro Ivanov. Depois Roscoe, em Nova York. Além do custo elevado de organizar os dois acidentes, é possível que alguém tenha feito a conexão entre as duas mortes.

— É possível, mas pouco provável — comentou a sra. Stellenbosch.

— É verdade que os serviços de inteligência são preguiçosos e ineficientes. A CIA, nos Estados Unidos; o MI6, na Inglaterra; até mesmo a

KGB. São apenas sombras do que foram um dia. Mesmo assim, sempre há a possibilidade de que um deles acabe esbarrando em alguma evidência, sem querer. Quanto mais rápido terminarmos essa fase da operação, maiores as chances de que continue despercebida — o dr. Grief cruzou as mãos e apoiou o queixo sobre os dedos. — Quando vai chegar o último garoto? — perguntou.

— Alex? — a sra. Stellenbosch bebeu mais um gole e pousou o copo. Então, abriu a bolsa e pegou um lenço, que usou para secar os lábios.

— Viajarei amanhã para a Inglaterra — respondeu.

— Excelente. No caminho de volta, você vai levar o garoto para Paris?

— É claro, doutor. Se for o que deseje.

— É exatamente o que desejo. Podemos fazer todo o trabalho preliminar lá. Isso nos poupará tempo. E quanto ao garoto Sprintz?

— Lamento, mas acho que ainda vamos precisar de mais alguns dias.

— Isso significa que ele e Alex estarão aqui ao mesmo tempo.

— Sim.

O dr. Grief considerou a questão. Precisava avaliar qual o maior risco: os garotos se conhecerem ou acelerar demais o processo. Era uma sorte que ele tivesse uma mente científica. Seus cálculos nunca davam errado.

— Muito bem — falou. — O garoto Sprintz pode ficar conosco por mais alguns dias. Sinto que ele está ficando inquieto e um novo amigo pode tranquilizá-lo.

A sra. Stellenbosch concordou. Então voltou a erguer o copo e esvaziou-o, as veias em seu pescoço saltaram enquanto engolia.

— Alex Friend é uma excelente aquisição para nós — disse o dr. Grief.

— Supermercados? — a mulher não parecia muito convencida.

— O pai de Alex é conselheiro do primeiro-ministro. É um homem influente. Tenho certeza de que o filho dele irá atender a nossas expectativas — o dr. Grief sorriu. Seus olhos cintilaram com o brilho vermelho das lentes. — Logo, logo, teremos Alex aqui, na academia. E então, finalmente, o Projeto Gemini será completado.

— Você monta completamente errado — disse Fiona. — Suas costas não estão retas. As mãos deveriam estar mais baixas. E seus pés apontam para o lugar errado.

— E que importância tem isso, se estou me divertindo? — perguntou Alex entre dentes.

Era o quarto dia de sua estada em Haverstock Hall e Fiona fora persuadida a levá-lo para cavalgar. Alex não estava se divertindo nada, na verdade. Primeiro, fora obrigado a aguentar o inevitável blá-blá-blá, embora mal tivesse escutado. Os cavalos eram da Península Ibérica ou da Hungria. Já haviam ganho um punhado de medalhas de ouro. Alex não se importava nem um pouco com isso. Tudo o que sabia era que o cavalo que haviam lhe destinado era grande, preto e atraía moscas. E que ele o estava montando com tanto estilo quanto um saco de batatas sobre um trampolim.

Os dois mal haviam mencionado o que acontecera na floresta. Quando Alex voltara mancando para casa, ensopado e quase congelando de frio, Fiona havia lhe oferecido educadamente uma toalha e uma xícara de chá.

— Você tentou me matar! — acusou Alex.

— Não seja tolo — Fiona olhou para Alex com uma expressão de pena nos olhos. — Jamais faríamos isso. Rufus é um ótimo rapaz.

— O quê?

— Foi apenas uma brincadeira, Alex. Só um pouco de diversão.

E o assunto morrera aí. Fiona sorria como se tudo estivesse esclarecido e fora nadar. Alex passou o resto da noite lendo o material das pastas. Tentava decorar uma história falsa, que se estendia por 14 anos. Havia tios e tias, amigos de Eton, uma multidão de pessoas que ele precisava conhecer sem tê-las visto uma única vez. Mais do que isso, procurava sentir como era viver naquele estilo de vida luxuoso. Era por isso que naquele momento estava cavalgando com Fiona. Ela, muito aprumada, com seu paletó e calça de montaria; ele, seguindo atrás, desajeitado.

Os dois cavalgaram por cerca de uma hora e meia até chegarem a um túnel. Fiona tentara ensinar a Alex um pouco da técnica da equitação: por exemplo, a diferença entre caminhar, trotar e andar a meio galope. Mas esse era um esporte que, decididamente, ele jamais praticaria. Todos os ossos do seu corpo doíam de tanto chacoalhar, e o traseiro estava tão machucado que ele se perguntava se algum dia seria capaz de sentar novamente. Fiona parecia se deleitar com a tortura. Alex chegou a imaginar se ela não havia escolhido aquele caminho acidentado de propósito, para aumentar o sofrimento dele. Ou talvez fosse aquele cavalo que sacolejava demais.

Havia uma linha de trem à frente cortada por uma estradinha estreita, onde uma cancela automática equipada com um sino e com luzes que piscavam avisava os motoristas quando um trem se aproximava. Fiona instigou o cavalo dela, cinzento e menor que o de Alex, na direção dos trilhos, o outro automaticamente seguiu o companheiro. O garoto presumiu que iam atravessar a linha do trem, mas, quando chegou à barreira, ela parou.

— Há um atalho que podemos pegar, se você quiser ir para casa — disse.

— Um atalho seria bom — admitiu Alex.

— É por aqui.

Fiona apontou para os trilhos que seguiam na direção de um túnel, um buraco negro aberto na encosta da montanha, cercado por tijolos vermelho-escuros. Alex encarou a garota para ver se ela estava brincando, mas obviamente falava sério. Ele se virou na direção do túnel. Era como o cano de um revólver apontando para ele, avisando-o para que mantivesse distância. Quase podia imaginar um dedo gigante em um gatilho imaginário, em algum lugar atrás da montanha. Qual seria o comprimento do túnel? Olhando com mais cuidado, ele viu uma nesga de luz na outra ponta, talvez a uns 800 metros.

— Você não está falando sério — disse.

— Na verdade, Alex, não costumo contar piadas. Quando digo alguma coisa, estou sempre falando sério. Sou exatamente como meu pai.

— A não ser pelo fato de que seu pai não é maluco — resmungou o garoto.

Fiona fingiu que não tinha ouvido.

— O túnel tem mais ou menos 1,5 quilômetro — ela explicou. — Há uma ponte do outro lado e depois outra cancela. Se formos por esse caminho, podemos estar em casa em trinta minutos. Se não, levaremos uma hora e meia para voltarmos por onde viemos.

— Então vamos voltar pelo mesmo caminho.

— Oh, Alex, não seja tão medroso! — a garota provocou-o. — Só passa um trem por hora nessa linha e o próximo deve passar... — Ela consultou o relógio — ... apenas daqui a vinte minutos. Já passei por esse túnel centenas de vezes e nunca levou mais do que cinco minutos. Menos até, a galope.

— Ainda assim, é uma loucura cavalgar sobre uma linha de trem.

— Bem, então vai ter que descobrir sozinho o caminho de volta — ela bateu com os calcanhares e o cavalo disparou para a frente, passando pela cancela e seguindo a linha do trem. — Vejo-o mais tarde!

Mas Alex a seguiu. Ele jamais conseguiria voltar para casa sozinho. Não conhecia o caminho e mal podia controlar o cavalo. Naquele momento, o animal estava seguindo o outro sem que o garoto houvesse feito nada para isso. Os dois cavalos realmente entrariam na escuridão do túnel? Parecia incrível, porém Fiona dissera que já havia feito isso antes e o fato era que os animais seguiram a encosta da montanha sem hesitar.

Alex estremeceu quando a luz sumiu de repente. Estava frio e úmido lá dentro. O ar cheirava a fuligem e óleo diesel. O túnel era uma câmara de eco natural que ampliava o barulho dos cascos dos cavalos pisando no cascalho. E se um dos animais tropeçasse? Alex afastou o pensamento. As selas de couro rangiam. Lentamente, os olhos do garoto se acostumaram à escuridão e uma nesga de sol entrava pela parte de trás. E, melhor ainda, a saída estava claramente visível bem à frente, o círculo de luz se alargando a cada passo. Alex tentou relaxar. Talvez não chegasse a ser assim tão ruim no final das contas.

Então Fiona falou. Ela diminuía o passo do cavalo para emparelhar com ele.

— Ainda está preocupado com o trem, Alex? — perguntou a garota, com desdém. — Talvez queira ir mais rápido.

Ele ouviu o chicote de montar zunir no ar e sentiu seu cavalo saltar quando Fiona o acertou na garupa. O animal relinchou e disparou. Alex quase foi atirado para fora da sela. Deu um jeito de se segurar com as pernas e continuar montado, mas o seu tronco estava em uma posição estranha e as rédeas pendiam da boca do animal. A garota riu. Alex só conseguia perceber o vento passando rápido por ele, a escuridão profunda diante de seu rosto e o som dos cascos do cavalo disparado sobre o cascalho. A fuligem entrou nos olhos do garoto, cegando-o. Achou que ia cair. Os minutos voavam.

Mas de repente, como se fosse um milagre, eles saíram para a luz. Alex lutou para se equilibrar novamente e conseguiu retomar o controle do cavalo, puxando as rédeas e apertando os flancos do cavalo com os joelhos. Respirou fundo e esperou que Fiona aparecesse.

O cavalo de Alex estava parado para descansar na ponte que a garota mencionara. A ponte de vigas de ferro passava sobre um rio. Chovera muito naquele mês e, a uns 15 metros abaixo, a correnteza era forte, a água verde-escura e profunda. Com muito cuidado, Alex virou o cavalo na direção do túnel. Se perdesse o controle do animal, seria fácil despencar dali. As muretas da ponte não deviam ter mais que 1 metro de altura.

Alex ouviu Fiona se aproximando. Ela viera galopando atrás dele, provavelmente rindo o tempo todo. O garoto olhou para dentro do túnel e, nesse momento, o cavalo cinza de Fiona saiu em disparada, passando por ele e desaparecendo pela cancela no outro lado da ponte.

Mas Fiona não estava em cima dele.

O cavalo havia saído do túnel sozinho.

Alex levou alguns segundos para se dar conta disso. Sua cabeça ainda estava girando. Ela provavelmente caíra. Talvez o cavalo houvesse tropeçado. Fiona podia estar caída dentro do túnel. Sobre o trilho. Quanto tempo demoraria até que o próximo trem passasse? “Vinte minutos”, ela dissera. Mas pelo menos cinco, desses vinte, já haviam se passado e ela provavelmente exagerara na previsão.

Alex praguejou. Maldita garota com seu comportamento de pirralha mimada e seus joguinhos quase suicidas! Mesmo assim, ele não podia deixá-la ali. Segurou as rédeas com força e acabou conseguindo que o cavalo o obedecesse. Precisava tirá-la de lá, e rápido.

O cavalo saiu trotando, enquanto ele a procurava.

— Fiona! — chamou. Mas não houve resposta. O garoto tinha a esperança de encontrá-la caminhando em sua direção, mas não ouviu passos. Se ao menos houvesse um pouco mais de luz!

O cavalo parou e lá estava ela, bem diante dele, caída no chão, com os braços e o peito em cima dos trilhos. Se o trem viesse naquele momento, ela seria cortada ao meio. A escuridão não permitia ver o rosto, mas pela voz Alex pôde perceber que ela sentia dor.

— Alex... — disse Fiona. — Acho que quebrei o tornozelo.

— O que aconteceu?

— Foi por causa de uma teia de aranha ou coisa parecida. Eu estava tentando alcançá-lo, então esse negócio veio na direção do meu rosto e perdi o equilíbrio.

Ela estava tentando alcançá-lo! Parecia até que Fiona tentava culpá-lo, como se houvesse esquecido que fora ela quem começara aquela história, batendo no cavalo dele com o chicote.

— Você consegue se levantar? — perguntou.

— Acho que não.

Alex suspirou. Mantendo as rédeas firmes nas mãos, ele desceu do cavalo. Fiona caíra bem no meio do túnel. Ele se esforçou para não entrar em pânico. Se o que ela havia lhe dito era verdade, o próximo trem ainda estava a uns dez minutos de distância. Abaixou-se para ajudar a garota a se levantar. Ao apoiar o pé sobre um dos trilhos., ele sentiu alguma coisa embaixo do pé. Algo fazia sua perna trepidar. O trilho vibrava.

O trem estava chegando.

— Você precisa se levantar — disse Alex, tentando não deixar o medo transparecer em sua voz. Ele já podia ver o trem em sua imaginação, rugindo pelos trilhos. Quando entrasse no túnel, os dois seriam esmagados por um torpedo de 500 toneladas. Ouvia o ranger das rodas e o ronco do motor. Sangue e escuridão. Seria um modo horrível de morrer.

Mas ele ainda tinha tempo.

— Você consegue mover os dedos dos pés? — perguntou.

— Acho que sim — Fiona o agarrava com força.

— Então seu tornozelo provavelmente está torcido, e não quebrado. Venha.

Enquanto a ajudava, avaliava se seria possível permanecer dentro do túnel, na beira dos trilhos. Se eles se colassem à parede, o trem poderia passar por eles. Mas Alex sabia que não haveria espaço para isso. E, se o trem não os atingisse, acabaria atropelando o cavalo. E se o trem descarrilasse? Dezenas de pessoas poderiam morrer.

— Que tipo de trem passa por aqui? — perguntou. — É de passageiros?

— Sim — a voz dela estava chorosa. — É um trem da Virgin, a companhia de transporte ferroviário. E vai para Glasgow.

Alex suspirou. Era mesmo muita falta de sorte que aquele fosse o único trem da Virgin a chegar na hora.

Fiona estacou.

— O que é isso? — perguntou.

Ela ouvia um sinal sonoro. A cancela! O sinal sonoro estava avisando que o trem se aproximava, o braço da cancela estava fechando a estrada.

Então Alex ouviu um segundo som que fez seu sangue congelar nas veias. Por um instante, ele não conseguia nem respirar. Era impressionante: o ar preso nos pulmões se recusava a sair pela boca. Todo o seu corpo estava paralisado, como se alguém houvesse desligado um interruptor em seu cérebro. Era simplesmente apavorante.

O apito de um trem. Ainda devia estar a mais ou menos 1,5 quilômetro de distância, mas o túnel funcionava como um condutor de som e Alex sentia o barulho atravessá-lo. Então outro som, o rugido do motor a diesel vindo rápido na direção deles. Sob os pés do garoto, o trilho vibrava com mais intensidade.

Alex deixou o ar escapar com força dos pulmões e obrigou as pernas a lhe obedecer.

— Suba no cavalo — gritou. — Vou ajudá-la.

Sem se importar com a dor que poderia causar à garota, Alex arrastou-a para perto do cavalo e forçou-a a subir na sela. O barulho crescia a cada segundo. O trilho zumbia baixinho, como um diapasão gigante. O ar dentro do túnel parecia estar em movimento, girando para a direita e para a esquerda, como se tentasse sair do caminho.

Fiona gritou e Alex sentiu os braços leves quando a depositou sobre a sela. O cavalo relinchou e se afastou um pouco para o lado. Por um terrível instante, Alex pensou que ela sairia cavalgando, deixando-o para trás. Só havia luz o bastante para ver as formas difusas do animal e da garota que o montava. Alex viu que ela segurava as rédeas, que agora estavam sob o controle dela. O garoto subiu, agarrando-se à crina, que também usou para se acomodar sobre a sela, na frente de Fiona. O barulho do trem estava cada vez mais alto. Fuligem e cascalho voavam pelas paredes curvas. As correntes de ar giravam cada vez mais depressa e os trilhos cantavam. Por um momento, os dois garotos se atrapalharam um com o outro, mas Alex pegou as rédeas e Fiona se agarrou a ele, passando os braços ao redor do peito do garoto.

— Vamos! — gritou Alex, batendo com o pé no flanco do cavalo.

O animal não precisou de mais encorajamento. Disparou na direção da luz, galopando ao longo da linha do trem, jogando Alex e Fiona para a frente e para trás, um contra o outro.

Alex não ousava olhar para trás, mas sentia que o trem alcançara a entrada do túnel e vinha na direção deles, a quase 170 quilômetros por hora.

Uma onda de impacto os atingiu. O trem tirava o ar do seu caminho e preenchia o espaço com aço sólido. O cavalo percebeu o perigo e disparou, redobrando a velocidade, com os cascos voando em passadas largas. À frente deles estava a saída do túnel, mas Alex soube, com uma sensação nauseante de desespero, que eles não iam conseguir escapar. Mesmo se saíssem do túnel, ainda seriam esmagados nas laterais da ponte. A segunda cancela estava a centenas de metros adiante. Talvez até conseguissem sair do túnel, mas morreriam a céu aberto.

O cavalo saiu do túnel. Alex sentiu que o peso da escuridão o abandonava. Fiona gritava e apertava o corpo do garoto com tanta força que ele mal conseguia respirar. Ele não conseguia ouvi-la direito. O barulho do trem estava logo atrás deles e, enquanto o cavalo disparava apavorado por sobre a ponte, Alex olhou ao redor de relance. Só teve tempo de ver a besta metálica enorme sair rugindo do túnel bem na direção deles, o vagão pintado com as cores brilhantes da empresa Virgin, o maquinista encarando-os horrorizado por trás do para-brisa. O apito do trem soou uma segunda vez, alto demais naquela vez, parecendo explodir ao redor deles. Alex sabia o que precisava fazer. Puxou uma das rédeas e, ao mesmo tempo, bateu no flanco oposto do cavalo. Agora era só torcer para que o cavalo houvesse entendido o que ele queria.

E funcionou. O cavalo virou de lado e ficou de frente para as muretas da ponte. Eles ouviram o apito final e ensurdecidor do trem. A fumaça de óleo diesel os sufocava. Alex bateu com o pé mais uma vez no flanco do cavalo, com toda a força. O animal pulou.

O trem passou rugindo, a centímetros deles. Naquele momento os dois garotos e o cavalo estavam no ar, passando por cima da mureta da ponte. Os vagões ainda passavam pelos trilhos, como um borrão vermelho. Fiona gritou de novo. Enquanto eles caíam, tudo parecia acontecer em câmera lenta. Em um instante, estavam perto da ponte, no momento seguinte já estavam abaixo dela e ainda continuavam a cair. O rio verde vinha na direção deles, para recebê-los.

O cavalo e os dois cavaleiros mergulharam no ar e bateram com força no rio. Alex só teve tempo de prender o fôlego. Ficou com medo de que a água não fosse funda o bastante, de que os três acabassem quebrando o pescoço. Mas eles atingiram a superfície do rio e afundaram na água escura, verde e gelada que os sugou, gulosa, ameaçando mantê-los submersos

para sempre. Fiona foi arrancada de trás de Alex. Ele sentiu o cavalo deslizando embaixo de seu corpo. Bolhas explodiram de sua boca e o garoto percebeu que estava gritando.

Finalmente, o garoto subiu à superfície. A correnteza estava forte e ele nadou desajeitadamente em direção à margem mais próxima, pois as roupas e os sapatos dificultavam os movimentos.

O maquinista não parara. Talvez estivesse assustado demais. Talvez quisesse fingir que nada acontecera. De qualquer modo, o trem se fora. Alex alcançou a margem e ergueu o corpo, tremendo, até deitar na relva. Ouviu alguém tossindo e cuspidando água atrás dele e viu Fiona emergir da água. Havia perdido o chapéu de montaria e os longos cabelos negros lhe cobriam o rosto. Pouco adiante, Alex avistou o cavalo: ele também saía da água trotando e sacudindo o corpo e parecia ileso. O garoto ficou feliz por isso. No final das contas, fora o animal que salvara a vida dele e de Fiona.

Alex se levantou. A água escorria de suas roupas. Não sentia o corpo e imaginou se seria por causa da água fria ou do choque por que acabara de passar. Foi até Fiona e ajudou-a a ficar de pé.

— Você está bem? — perguntou.

— Sim — a garota olhava para ele de um modo estranho. Ela cambaleou e Alex segurou-a para que se firmasse. — Obrigada — disse.

— Tudo bem.

— Não — Fiona segurou a mão de Alex. A blusa dela estava aberta e ela jogou a cabeça para trás, sacudindo os cabelos para afastá-los dos olhos. — O que você fez, voltando lá... foi fantástico. Alex, sinto muito por ter sido tão horrível com você durante toda a semana. Eu achei que... como você está aqui apenas por caridade e tudo o mais... pensei que era um pobretão. Mas me enganei a seu respeito. Você é incrível. E sei que agora seremos amigos — ela fechou os olhos e se aproximou mais dele, os lábios levemente abertos. — Pode me beijar se quiser.

Alex se soltou dela e se virou.

— Obrigado, Fiona — falou. — Mas, sinceramente, prefiro beijar o cavalo.

EDIÇÃO ESPECIAL

O HELICÓPTERO DEU duas voltas sobre Haverstock Hall antes de começar a descer. Era um Robinson R44, uma aeronave de quatro lugares, de construção americana. Havia apenas uma pessoa a bordo, o piloto. Sir David Friend voltara de Londres, e ele e sua esposa saíram para observar o helicóptero aterrissar diante da casa. O motor foi desligado e as hélices passaram a girar mais devagar. A porta da cabine se abriu e o piloto desceu, vestindo um macacão de voo de couro e usando um capacete e óculos de proteção.

O piloto caminhou até o casal e estendeu a mão.

— Bom-dia — gritou mais alto que o barulho do helicóptero. — Sou a sra. Stellenbosch. Da academia...

Se sir David e Lady Caroline haviam ficado espantados ao ver Alex pela primeira vez, a visão da vice-diretora de Point Blanc os deixou paralisados por alguns instantes. Sir David foi o primeiro a se recompor.

— Você mesma pilota o helicóptero?

— Sim... estou qualificada para isso — respondeu a sra. Stellenbosch.

— Gostaria de entrar? — perguntou lady Caroline. — Aceita um chá?

Ela guiou o marido e a convidada para dentro de casa, até a sala de estar, onde a sra. Stellenbosch sentou com as pernas abertas, o capacete apoiado ao lado, no sofá. Sir David e lady Caroline sentaram na frente dela. O chá foi trazido em uma bandeja.

— Incomodam-se se eu fumar? — perguntou a sra. Stellenbosch. E, sem esperar a resposta, tirou uma pequena embalagem de charutos do bolso. Acendeu um e soprou uma nuvem de fumaça. — Que linda casa vocês têm, sir David. Estilo georgiano, eu diria, mas decorado com muito gosto! E, se me permite perguntar, onde está Alex?

— Saiu para dar uma caminhada — respondeu sir David.

— Talvez ele esteja um pouco nervoso — a mulher sorriu novamente e aceitou a xícara de chá que lady Caroline lhe entregou. — Sei que Alex vem sendo um grande motivo de preocupação para vocês.

Sir David concordou. Seus olhos não o denunciaram. Nos minutos seguintes, ele falou sobre Alex para a sra. Stellenbosch, contou como o garo-

to fora expulso de Eton e como se tornara fora de controle. Lady Caroline ouvia tudo em silêncio, de vez em quando tocando o braço do marido.

— Não sei mais o que fazer — concluiu. — Temos uma filha mais velha que é perfeita, uma satisfação. Mas Alex? Ele fica andando pela casa, não lê, não demonstra nenhum interesse por nada. E sua aparência... bem, a senhora verá por si mesma. A Academia de Point Blanc é nossa última esperança, sra. Stellenbosch. Esperamos sinceramente que vocês possam endireitá-lo.

A vice-diretora voltou a soprar a fumaça do charuto, deixando uma trilha cinzenta.

— Tenho certeza de que tem sido um pai maravilhoso, sir David — ela adiou. — Mas essas crianças modernas! É lamentável o modo como algumas delas se comportam. O senhor fez a coisa certa ao nos procurar. Tenho certeza de que sabe que a academia vem obtendo um alto índice de sucesso ao longo dos anos.

— O que vocês fazem exatamente? — perguntou lady Caroline.

— Temos nossos métodos — os olhos da mulher cintilaram e ela bateu a cinza do charuto no pires de chá. — Mas posso prometer a vocês que resolveremos todos os problemas dele. Não se preocupem! Quando Alex voltar para casa, será um garoto completamente diferente.

Alex havia alcançado os confins do campo, a cerca de um quilômetro da casa. Ele vira o helicóptero aterrissando e sabia que chegara a hora. Mas ainda não estava pronto para partir. A sra. Jones telefonara para ele na noite anterior. Mais uma vez, o serviço secreto britânico não deixaria que fosse de mãos vazias para um lugar que poderia ser território inimigo.

O garoto viu uma ceifadeira vir lentamente em sua direção, abrindo uma trilha na relva. O veículo parou a pouca distância dele e a porta da cabine se abriu. Um homem saiu de lá... com dificuldade. Era tão gordo que precisou se espremer para conseguir sair, primeiro uma nádega, depois a outra e finalmente a barriga, os ombros e a cabeça. O homem vestia uma camisa xadrez e uma jardineira azul, a roupa típica dos fazendeiros. Mas, mesmo que ele estivesse usando um chapéu de palha e aparecesse mascando um talo de milho, Alex jamais conseguiria imaginá-lo cultivando o solo.

O homem sorriu para ele.

— Olá, meu velho! — disse o homem.

— Olá, sr. Smithers — respondeu Alex.

Smithers trabalhava para o MI6. Fora ele quem fornecera os vários acessórios que Alex usara em sua última missão.

— É muito bom vê-lo de novo! — exclamou Smithers e piscou um olho. — O que achou do disfarce? Pediram que me misturasse ao cenário rural.

— A ceifadeira foi uma ótima ideia — observou Alex. — A não ser pelo fato de que estamos em abril. Não há nada para colher.

— Não pensei nisso! — falou Smithers sorrindo. — O problema é que, na verdade, não sou um agente de campo. E nem do campo, ao que parece! — ele olhou ao redor e deu uma gargalhada. — De qualquer modo, fico feliz por ter a chance de trabalhar com você novamente. E de criar algumas coisas para você. É raro eu ter um adolescente como foco. E é muito mais divertido do que criar coisas para os adultos.

Ele foi até a cabine da ceifadeira e pegou uma mala.

— Dessa vez, temos mais alguns truques — continuou o homem.

— Trouxe outro console portátil de videogame? — perguntou Alex.

— Não. A questão é que a escola não permite consoles de videogame ou qualquer tipo de computador. Eles oferecem os notebooks deles. Eu poderia ter escondido uma dezena de dispositivos dentro de um notebook, mas é impossível! Agora, vamos ver... — ele abriu a mala. — Soube que ainda há muita neve em Point Blanc, portanto, você vai precisar disto.

— Um macacão de esqui — disse Alex. Era isso o que Smithers segurava.

— Sim. Mas tem um isolamento térmico fora do comum e é à prova de balas — ele pegou um par de óculos para esquiador pintados de verde.

— Estes são óculos de proteção para esquiadores, mas no caso de você precisar ir a algum lugar à noite, também são infravermelho. Há uma bateria escondida na armação. Basta pressionar o botão e você conseguirá ver até 20 metros à frente, mesmo se não houver Lua.

Smithers voltou a enfiar a mão dentro da mala.

— Agora, o que mais um garoto da sua idade poderia carregar o tempo todo? Por sorte, você tem permissão para ter um aparelho de MP3. Este aqui já tem várias músicas clássicas — ele entregou o aparelho a Alex.

— Assim, enquanto estiverem atirando em mim no meio da noite, eu posso ouvir música — disse o garoto.

— Com certeza. Apenas não toque Beethoven! — alertou Smithers.

— Ao apertar o “play” em Beethoven, você aciona um raio laser embutido, capaz de cortar qualquer coisa. É muito útil se precisar sair rapidamente de algum lugar. Também há um botão de emergência embutido. Se você estiver em sérios apuros e precisar de ajuda, basta pressionar três vezes o comando de avançar a música. O aparelho de MP3 emitirá um sinal que será captado por nosso satélite. E então poderemos nos apressar a resgatá-lo.

— Obrigado, sr. Smithers — falou Alex, mas ficou claro que o garoto estava desapontado.

Smithers compreendeu.

— Sei o que quer — disse — mas você sabe que não pode ter. Sem armas de fogo! O sr. Blunt é inflexível em relação a isso. Ele acha que você é muito jovem.

— Mas não sou jovem demais para ser morto.

— Eu sei. Por isso pensei um pouco e cheguei a um par de... recursos de defesa, por assim dizer. Mas entenda que isso deve ficar apenas entre mim e você. Tenho certeza de que Blunt não aprovaria.

Ele estendeu a mão. Na palma havia um brinco de ouro desmontado em duas partes: o brinco propriamente dito, em formato de diamante, e a taraxa para fixá-lo por trás. O brinco parecia mínimo em uma mão tão gorda.

— Soube que você havia furado a orelha — falou Smithers. — Portanto, fiz isto. Tenha muito cuidado depois de colocá-lo, pois ao juntar as duas peças você ativa o dispositivo.

— Ativa o quê?

— O brinco é um explosivo pequeno, mas muito poderoso. Como uma granada em miniatura. Ao separar as peças novamente, você dispara o dispositivo já ativado. Conte até dez e ele abrirá um buraco em qualquer coisa... ou em qualquer pessoa, devo acrescentar.

— Desde que não estoure minha orelha — resmungou Alex.

— Não, não. É perfeitamente seguro contanto que as peças estejam unidas — Smithers sorriu. — E, para terminar, estou muito satisfeito com este aqui. É exatamente o que se esperaria encontrar na bagagem de um garoto e foi projetado especialmente para você — ele tirou um livro da mala.

Alex o pegou. Era uma edição em capa dura do último livro de Harry Potter.

— Obrigado — disse o garoto. — Mas já li esse livro.

— O que você tem na mão é uma edição especial. Há uma arma na lombada, carregada com um dardo paralisante. Basta apontar e pressionar o nome da autora. O dardo consegue derrubar um adulto em menos de cinco segundos.

Alex sorriu. Smithers voltou a entrar na cabine da ceifadeira. Por um instante, pareceu que ia ficar definitivamente entalado na porta, mas conseguiu entrar com um grunhido.

— Boa sorte, meu velho! — falou. — E trate de voltar inteiro! Gosto mesmo de ter você por perto!

Estava na hora de ir embora.

A bagagem já fora colocada no helicóptero e Alex estava parado perto de seus novos pais, agarrado ao livro de Harry Potter. Eva Stellenbosch o esperava sob as hélices. Ele ficara chocado com a aparência da mulher e, a princípio, tentara esconder sua impressão. Mas logo relaxara. Não precisava ser educado. Alex Rider era um garoto com boas maneiras, mas Alex Friend não dava a mínima para o que aquela mulher pensava. Ele a encarou zombeteiro e percebeu que a mulher o observava atentamente enquanto ele se despedia.

Mais uma vez, sir David fez seu papel com perfeição.

— Adeus, Alex — falou. — Vai escrever para nós e nos dizer se está bem?

— Se você quiser... — respondeu o garoto.

Lady Caroline se adiantou e o beijou. Alex recuou como se estivesse constrangido e teve que admitir que ela pareceu realmente triste com a rejeição.

— Vamos, Alex! — a sra. Stellenbosch estava com pressa de partir. Ela o avisara que o helicóptero tinha uma autonomia de apenas 640 quilômetros e que eles teriam que parar em Paris para reabastecer.

Então Fiona apareceu, cruzando o gramado na direção deles. Alex não falara com ela nos últimos dois dias, desde o incidente no túnel. Nem ela com ele. Alex a rejeitara e sabia que jamais seria perdoado. Ela não desce-

ra para o desjejum naquela manhã e o garoto presumira que não voltaria a aparecer até o dia da partida. Então o que ela estava fazendo ali?

De repente, Alex entendeu. Ela viera para causar problemas, um último golpe baixo. Isso era evidente nos olhos dela e no modo agitado como caminhava pelo gramado com os punhos cerrados.

Fiona não sabia que Alex era um espião, mas devia saber que ele estava ali por alguma razão e provavelmente imaginara que tinha a ver com a mulher de Point Blanc. Assim, decidira sair e estragar as coisas para ele. Talvez pretendesse fazer perguntas, talvez quisesse falar mal dele para a sra. Stellenbosch. Fosse o que fosse, Alex sabia que sua missão terminaria antes mesmo de começar. Todo o trabalho que tivera para memorizar as informações e o tempo que passara com a família não serviriam para nada.

— Fiona... — murmurou sir David. A expressão nos olhos dele era muito séria. Provavelmente chegara à mesma conclusão que Alex.

A garota ignorou o pai.

— Você é da academia? — perguntou Fiona, falando diretamente com a sra. Stellenbosch.

— Sim, minha querida.

— Bem, acho que há uma coisa que precisa saber.

Só havia uma coisa que Alex podia fazer. Ele ergueu o livro de Harry Potter e o apontou para Fiona. Em seguida, pressionou com força o nome da autora. Não houve nenhum barulho, mas Alex sentiu o livro estremecer em sua mão. A garota levou a mão à perna, a cor fugiu de seu rosto e ela desabou no gramado.

Lady Caroline correu para a filha. A sra. Stellenbosch pareceu confusa. Alex se virou para ela, o rosto perfeitamente composto.

— Essa é minha irmã — disse. — Sempre muito emotiva.

Dois minutos depois, o helicóptero levantava voo. Alex observou pela janela enquanto Haverstock Hall ficava cada vez menor até desaparecer atrás deles. Olhou para a sra. Stellenbosch, debruçada sobre os controles, os olhos escondidos por trás dos óculos de proteção. O garoto relaxou no assento e se deixou levar através do céu que começava a escurecer. Então as nuvens os envolveram. A região rural ficara para trás. Assim como a única arma dele. Alex estava por conta própria.

8
QUARTO 13

CHOVIA EM PARIS. A cidade parecia cansada e desiludida, e a Torre Eiffel lutava contra a massa de nuvens pesadas. Nos cafés, não havia ninguém, as mesas das calçadas estavam vazias e, ao menos naquele dia, os turistas ignoravam os pequenos quiosques que vendiam gravuras e cartões-postais e se apressavam para voltar a seus hotéis. Eram 17 horas e a noite já caíra, sem que as pessoas percebessem. As lojas e os escritórios se esvaziavam, mas a cidade não se importava. Só queria ser deixada em paz.

O helicóptero aterrissara em uma área privativa do aeroporto Charles de Gaulle, onde um carro esperava os dois ocupantes. Alex não dissera nada durante o voo e naquele momento estava sentado sozinho no banco de trás, observando os prédios passarem rápido pela janela. O veículo seguia pela margem do Rio Sena, movendo-se com velocidade surpreendente pela avenida larga, de duas vias, que mergulhava acima e abaixo do nível da água. A rota deles passava por Notre-Dame. Então saíram da avenida e atravessaram uma série de ruas laterais com pequenos restaurantes e butiques lutando por espaço nas calçadas.

— O Marais — disse a sra. Stellenbosch, apontando pela janela.

Ele fingiu desinteresse. Na verdade, já ficara hospedado uma vez no Marais com o tio e sabia que era um dos bairros mais caros e sofisticados de Paris.

O carro entrou em uma praça grande e parou. Alex olhou pela janela. Os quatro lados da praça eram cercados pelas casas altas e clássicas que dão fama a Paris. Mas a praça fora desfigurada por um hotel moderno. Era um bloco retangular branco, com vidros escuros nas janelas, que impediam a visão do interior. O edifício de quatro andares tinha telhado plano e o nome “Hotel du Monde” figurava em letras douradas acima da porta principal. Se uma espaçonave aterrissasse na praça, esmagando algumas construções para abrir espaço, não pareceria mais deslocada.

— É aqui que vamos ficar — disse a sra. Stellenbosch. — O hotel é propriedade da academia.

O motorista tirou as bagagens do porta-malas do carro. Alex acompanhou a vice-diretora da escola até a entrada e a porta se abriu automatica-

mente para que entrassem. O saguão de entrada era frio e impessoal, mármore branco e espelhos, com apenas uma planta enfiada em um canto, como se não fizesse parte do ambiente. Havia uma pequena mesa de recepção com um recepcionista antipático, usando um terno escuro e óculos, diante de um computador e de uma fileira de escaninhos. Alex os contou. Havia 15. Provavelmente, o hotel tinha 15 quartos.

— *Bonsoir*, madame Stellenbosch — o recepcionista cumprimentou-a com um leve aceno de cabeça. — Espero que tenha feito uma boa viagem da Inglaterra até aqui — ele continuou, ainda falando em francês. O garoto observava sem a menor expressão no rosto, como se não estivesse entendendo uma palavra. Alex Friend não falava francês. Nem se importaria em aprender. Mas Ian Rider se certificara de que o sobrinho aprendesse francês quase ao mesmo tempo em que aprendia a falar inglês, sua língua materna. Para não mencionar também o espanhol e o alemão.

O recepcionista pegou duas chaves. Ele não pediu a nenhum dos dois que preenchesse nada e não pediu um número de cartão de crédito. O hotel pertencia à escola, portanto não haveria conta a pagar quando partissem. O homem entregou uma das chaves a Alex.

— Espero que não seja supersticioso — disse, falando em inglês.

— Não sou — respondeu Alex.

— Seu quarto é o 13. No primeiro andar. Estou certo de que vai gostar dele — o recepcionista sorriu.

A sra. Stellenbosch pegou a chave do quarto dela.

— O hotel tem restaurante próprio — ela falou. Sua voz era grave e estranhamente masculina e o hálito cheirava a fumaça de charuto. — Podemos muito bem comer aqui esta noite. Não queremos sair na chuva. E, de qualquer modo, a comida é excelente. Você gosta de comida francesa, Alex?

— Não muito — respondeu o garoto.

— Bem, estou certa de que vamos encontrar algum prato de que goste. Por que não vai se refrescar um pouco depois da viagem? — ela checou o relógio. — Vamos jantar às 19 horas, daqui a uma hora e meia, e então teremos a oportunidade de conversar. Eu poderia sugerir, talvez, roupas mais elegantes para o jantar? Os franceses são informais, mas, me perdoe por dizer isso, meu querido, você leva a informalidade longe demais. Liguei para você às 18h55. Espero que goste do seu quarto.

O quarto 13 ficava no final de um corredor longo e estreito. A porta abria para um cômodo surpreendentemente grande, com vista para a praça. Havia uma cama de casal coberta por um edredom preto e branco, TV, minibar, uma mesa e, na parede, um par de fotos de Paris. Um carregador fora junto, para levar a mala, e assim que o homem saiu Alex tirou os sapatos e se sentou na cama. Ele se perguntou por que tinham ido para aquele hotel. Sabia que o helicóptero precisava ser reabastecido, mas isso não deveria demorar tanto a ponto de terem que pernoitar ali. Por que não voar diretamente para a escola?

Bem, precisaria matar o tempo por mais de uma hora. Primeiro foi ao banheiro, mais vidros e mármore branco, e tomou um longo banho de chuveiro. Depois, enrolou-se em uma toalha, voltou para o quarto e ligou a TV. Alex Friend via muita televisão. Havia cerca de 30 canais à sua escolha. Passou direto pelos canais franceses e parou na MTV. Perguntou-se se estaria sendo monitorado. Havia um espelho grande perto da mesa e seria fácil esconder uma câmera atrás dele. Então, por que não dar a eles alguma coisa em que pensar? Abriu o minibar e se serviu de uma dose de gim em um copo. Depois foi até o banheiro e encheu a garrafinha com água e colocou-a de volta na geladeira. Bebendo álcool e roubando! Se a sra. Stellenbosch estivesse observando, saberia que teria trabalho com ele.

Alex passou os próximos quarenta minutos seguintes vendo TV e fingindo que tomava gim. Então levou o copo para o banheiro e despejou o conteúdo na pia. Estava na hora de se vestir. Ele deveria fazer o que a sra. Stellenbosch havia lhe dito e colocar roupas mais elegantes? No fim, resolveu ceder. Vestiu uma camisa nova, mas manteve o mesmo jeans. Um instante mais tarde, o telefone tocou. Sua chamada para o jantar.

A sra. Stellenbosch o esperava no restaurante, uma sala grande e abafada no subsolo. A luz era suave e os espelhos pretendiam criar a sensação de mais espaço, mas ainda assim era o último lugar que Alex teria escolhido. O restaurante poderia estar em qualquer lugar do mundo. Havia apenas mais duas pessoas jantando: homens de negócios, a julgar pela aparência. A sra. Stellenbosch estava usando um vestido de noite preto com plumas no decote e um colar antigo de contas pretas e de prata. Alex concluiu que, quanto mais elegantes as roupas, mais feia a mulher parecia. Ela estava fumando outro charuto.

— Oh, Alex! — a sra. Stellenbosch assoprou a fumaça. — Você descansou? Ou assistiu à TV?

Alex não disse nada. Sentou-se e abriu o cardápio, então o fechou novamente quando viu que estava em francês.

— Precisa deixar que eu peça para você. Talvez uma sopa, para começar? E depois um bife. Nunca conheci um garoto que não gostasse de bife.

— Meu primo Oliver é vegetariano — falou Alex. Ele havia lido isso em um dos arquivos.

A vice-diretora concordou, como se já soubesse disso.

— Então ele não sabe o que está perdendo — comentou ela.

Um garçom de rosto pálido se aproximou e a sra. Stellenbosch fez o pedido em francês.

— O que vai beber? — perguntou.

— Vou querer uma Coca-Cola.

— Sempre achei uma bebida repulsiva. Nunca entendi o gosto dela. Mas é claro que você deve pedir o que quiser.

O garçom trouxe uma Coca-Cola para o garoto e uma taça de champanhe para a mulher. Alex observou as bolhas nos dois copos, as dele pretas e as dela de um amarelo pálido.

— *Santé* — disse ela.

— Como?

— É como dizemos “saúde” ao brindarmos em francês.

— Oh. Tim-tim...

Houve um instante de silêncio. Os olhos da mulher estavam fixos em Alex, como se ela conseguisse ver através dele.

— Então você esteve em Eton — comentou casualmente.

— Isso mesmo — Alex ficou subitamente alerta.

— De que casa você era?

— Da Hopgarden — era mesmo o nome de uma das casas em que os alunos ficavam alojados na escola. Alex lera o arquivo a respeito com muita atenção.

— Visitei Eton uma vez. Lembro-me de uma estátua. Acho que era de um rei. Ficava logo depois do portão principal...

Ela o estava testando. Alex tinha certeza disso. Será que suspeitava dele? Ou era uma simples precaução, algo que sempre fazia?

— Está falando de Henrique VI — ele disse. — A estátua dele está no pátio do colégio. Ele fundou Eton.

— Mas você não gostou de lá.

— Não.

— Por que não?

— Não gostava do uniforme nem dos mestres — tomou cuidado para não usar a palavra *professores*. Em Eton, eles eram conhecidos como mestres. Ele deu um sorrisinho íntimo de aprovação para si mesmo. Se ela queria falar de Eton, Alex estava disposto a satisfazer essa vontade. — E não gostava das regras. Ser punido pelo *Pop*. Ou ser colocado no *Tardy Book*, o livro dos preguiçosos. Eu estava sempre recebendo *Rips* ou *Infoes...* ou sendo colocado na *Bill*. As *divs* eram entediantes...

— Sinto muito, mas não estou entendendo uma palavra do que você diz.

— *Divs* é como chamamos as aulas — explicou Alex. — *Rips* são as rubricas que os mestres fazem nos nossos trabalhos quando não estão bons.

— Entendi! — ela enfatizou o que disse com um movimento do charuto na mão. — Foi por isso que você colocou fogo na biblioteca?

— Não — respondeu Alex. — Aquilo foi só porque eu simplesmente não gosto de livros.

O primeiro prato chegou. A sopa de Alex era amarela e tinha alguma coisa flutuando na superfície. Ele mergulhou a colher no prato desconfiado.

— O que é isso? — perguntou.

— *Soup de motiles*.

Alex a encarou com uma expressão de quem não entendera nada.

— Sopa de mexilhões. Espero que goste.

— Eu teria preferido de tomate — falou Alex.

Os bifes, quando chegaram, eram tipicamente franceses: muito malpassados. Alex comeu uns dois pedaços da carne sangrenta, dispensou a faca e o garfo e começou a comer as batatas fritas com a mão. A sra. Stellenbosch conversou com ele sobre os Alpes franceses, sobre esquiar e sobre as visitas que ela já fizera a várias cidades europeias. Foi fácil parecer entediado, porque ele *realmente* estava entediado. E também começava a se sentir cansado. Tomou um gole da Coca-Cola na esperança de que a bebida gelada o despertasse. A refeição parecia estar se arrastando pela noite toda.

Mas finalmente as sobremesas chegaram — sorvete com calda de chocolate branco. Alex dispensou o café.

— Você parece cansado — disse a sra. Stellenbosch. Ela acendeu outro charuto. A fumaça se espalhou ao redor da cabeça da mulher e Alex se sentiu zozzo. — Gostaria de ir para a cama?

— Sim.

— Não precisamos partir antes do meio-dia de amanhã. Você terá tempo para uma visita ao Louvre, se quiser.

Alex balançou a cabeça.

— Na verdade, acho as pinturas muito chatas.

— É mesmo? Que pena!

Alex se levantou. Sem perceber esbarrou a mão no copo à sua frente, derramando o resto de Coca-Cola sobre a toalha de mesa imaculadamente branca. Qual era o problema com ele? Subitamente se sentia exausto.

— Gostaria que eu subisse com você, Alex? — perguntou a sra. Stellenbosch. Ela o examinava com atenção e com um leve brilho de interesse nos olhos mortíferos.

— Não, ficarei bem — Alex se adiantou. — Boa-noite.

Foi difícil subir as escadas. Ele se sentiu tentado a tomar o elevador, mas não queria ficar trancado naquele cubículo sem janelas. Sabia que se sentiria sufocado. Enquanto subia as escadas, apoiava os ombros contra a parede. Então foi cambaleando pelo corredor e deu um jeito de enfiar a chave na fechadura. Quando finalmente entrou, o quarto parecia rodar. O que estava acontecendo? Será que bebera mais gim do que pretendia ou...

Alex engoliu em seco. Fora drogado. Havia alguma coisa em sua Coca-Cola. E ainda estava em sua língua, um gosto levemente amargo. Apenas três passos o separavam da cama, mas poderia ser um quilômetro, porque suas pernas já não o obedeciam. Parecia precisar de toda a força apenas para levantar um pé. Ele caiu para a frente, apoiando-se nos braços. Ainda deu um jeito de se arrastar um pouco mais. O peito e os ombros alcançaram a cama, afundando no colchão. O quarto parecia rodar cada vez mais rápido. Alex tentou ficar de pé, tentou falar, mas não conseguiu fazer nenhuma das duas coisas. Seus olhos se fecharam. Grato, ele permitiu que a escuridão o envolvesse.

Trinta minutos mais tarde, ouviu-se um clique baixinho e o quarto começou a mudar.

Se Alex pudesse ter aberto os olhos, veria a mesa, o frigobar e as fotos emolduradas de Paris começarem a subir pela parede. Ou pelo menos era o que lhe teria parecido. Mas na verdade as paredes não estavam se movendo. Era o chão que descia, apoiado em elevadores hidráulicos ocultos, levando a cama — com Alex sobre ela — para as profundezas do hotel. O quarto todo não era mais que um imenso elevador que o carregava, centímetro a centímetro, para o subsolo e ainda mais abaixo.

As paredes eram placas de metal. O papel de parede, as luzes e fotos haviam ficado para trás. Levado por quatro cabos de aço, Alex estava descendo através do que deveria ter sido um túnel de ventilação. Houve outro clique baixo. Ele chegara.

A cama ficou no centro de uma clínica subterrânea reluzente, repleta de equipamentos científicos. Havia várias câmeras: digital, de vídeo, infravermelho, de raios X. Também havia instrumentos de todas as formas e tamanhos, a maior parte não identificável para quem não tivesse formação científica. Um emaranhado de fios saía de cada máquina, todos ligados a uma variedade de computadores que zumbiam e piscavam sobre uma longa bancada de trabalho em uma parede. Uma janela de vidro havia sido instalada na parede oposta. A sala tinha ar-condicionado. Se Alex estivesse acordado, ficaria tremendo de frio. Sua respiração saía como uma suave nuvem branca, espalhando-se ao redor da boca.

Um homem gorducho de jaleco branco esperava o garoto. Devia ter perto de 40 anos, seus cabelos louros eram penteados para trás e o rosto denunciava a chegada acelerada da meia-idade, com bochechas flácidas e o pescoço grosso e gordo. Ele usava óculos e tinha um pequeno bigode. Havia dois assistentes com ele, ambos de jaleco branco e rosto inexpressivo.

Os três logo começaram a trabalhar. Tratando Alex como se ele fosse um saco de batatas, ou um cadáver, eles o levantaram e o despiram. Então passaram a fotografá-lo com uma câmera convencional: começaram nos dedos dos pés, foram subindo pelo corpo, tirando pelo menos uma centena de fotos, todas com flash. Nenhum centímetro do corpo do garoto escapou do exame. Cortaram uma mecha do cabelo dele e a colocaram em um envelope plástico. Um oftalmoscópio foi usado para gerar uma imagem perfeita do fundo dos olhos dele. Fizeram um molde dos dentes de Alex, introduzindo uma pasta aderente em sua boca e apertando-lhe o queixo para fazê-lo morder a pasta. Anotaram que ele tinha uma marca de nascença no

ombro esquerdo, uma cicatriz no braço e até mesmo na ponta do dedo. Alex roía as unhas. Isso também foi anotado. Finalmente eles o pesaram em uma balança grande e plana e o mediram, altura, tamanho do tórax, da cintura, das mãos e assim por diante, sempre registrando tudo em cadernos.

E o tempo todo a sra. Stellenbosch observava o trabalho por trás de uma janela. Ela não se moveu em nenhum momento. O único sinal de vida em seu rosto era o charuto, preso entre os dentes. A ponta vermelha cintilava e uma espiral de fumaça subia em direção ao teto.

Os três homens haviam terminado. O louro falou em um microfone.

— Acabamos tudo — disse.

— Quero saber sua opinião, sr. Baxter — a voz da mulher ecoou por um alto-falante oculto atrás da parede.

— Este será fácil — o homem chamado Baxter era inglês. Falava com sotaque aristocrático e estava visivelmente satisfeito consigo mesmo. — Ele tem uma boa estrutura óssea. Está em ótima forma. Tem um rosto interessante. Reparou na orelha furada? O garoto fez isso recentemente. Nada mais a dizer, na verdade.

— Quando será a operação?

— Quando você mandar, garota. Basta me avisar.

A sra. Stellenbosch se virou para os outros dois homens.

— *Envoyez lui!* — disse ela bruscamente.

Os dois assistentes tornaram a vestir Alex. Levaram mais tempo do que quando o haviam despido. Enquanto trabalhavam, anotavam cuidadosamente todas as marcas das roupas e dos sapatos. A camiseta Quiksilver. As meias da Gap. Quando terminaram de vesti-lo, sabiam tanto sobre ele quanto um médico sabe sobre um recém-nascido. E estava tudo registrado.

O sr. Baxter caminhou até a bancada de trabalho e apertou um botão. No mesmo instante, o carpete, a cama e a mobília do hotel começaram a subir. Tudo foi desaparecendo pelo teto e continuou a subir. Alex dormia enquanto era carregado de volta através do poço até finalmente chegar ao espaço que conhecia como quarto 13.

Não restou nada que denunciasse o que acontecera. Toda a experiência havia evaporado tão rapidamente quanto um sonho.

“MEU NOME É GRIEF”

O EDIFÍCIO DA ACADEMIA de Point Blanc fora construído por um lunático. E, por coincidência, durante certo tempo havia sido um hospício. Alex se lembrava do que Alan Blunt lhe contara quando o helicóptero começou a aterrissagem final, no heliporto vermelho e branco que se aproximava.

Era uma confusão de torres e ameias, telhados inclinados verdes e janelas de todas as formas e tamanhos. Nada se encaixava direito. A planta geral devia ser bem simples: uma área central circular e duas alas. Mas uma das alas era maior que a outra e os dois lados não encaixavam. A academia tinha quatro andares, mas as janelas eram espaçadas de tal maneira que era difícil dizer onde terminava um andar e começava o outro. Havia um pátio interno que não era exatamente quadrado, com uma fonte que estava congelada. Até mesmo o heliporto, destacando-se no telhado, era feio e estranho, como se alguém houvesse arremessado um disco gigante que se chocara contra os tijolos e ficara preso ali.

A sra. Stellenbosch desligou os controles.

— Vou descer com você e levá-lo até o diretor — ela gritou mais alto que o barulho das hélices. — Sua bagagem será levada mais tarde.

Estava frio no telhado. Embora fosse quase final de abril, a neve que cobria as montanhas ainda não derreteria e, até onde os olhos alcançavam, tudo era branco. A academia fora construída na lateral de uma encosta escarpada. Um pouco mais adiante, abaixo, Alex viu uma grande língua de ferro que começava no nível do chão, mas se curvava para fora, quando a encosta descia abruptamente. Era uma pista para salto de esqui, o tipo de coisa que ele vira nos Jogos Olímpicos de Inverno. O final da curva ficava, no mínimo, a 15 metros acima do chão e, mais adiante, Alex divisou uma área plana, no formato de uma ferradura, onde os esquiadores deviam aterrissar.

Ele estava olhando para a pista, imaginando como seria se lançar no espaço com apenas dois esquis para evitar a queda, quando a sra. Stellenbosch agarrou o braço dele.

— Nós não a usamos — disse ela. — É proibido. Venha agora! Vamos sair do frio.

Eles entraram por uma porta na lateral de uma das torres e desceram uma escada estreita em espiral (cada degrau com uma distância diferente do outro) que os levou até o primeiro andar. Então, chegaram a um corredor longo e estreito, com várias portas, mas sem janelas.

— Salas de aula — explicou a sra. Stellenbosch. — Você poderá vê-las mais tarde.

O garoto a seguiu pelo prédio estranhamente silencioso. Dentro da academia, o aquecimento central estava ligado em uma temperatura alta, e a atmosfera era quente e pesada. Eles pararam diante de uma moderna porta de vidro que dava para o pátio que Alex vira do alto. Assim que a atravessaram, saíram do calor e voltaram a entrar no frio, enquanto passavam pela fonte congelada. Um movimento chamou a atenção de Alex, por isso ele se virou para olhar. E viu uma coisa que não havia percebido antes, uma sentinela em uma das torres. O homem tinha um binóculo ao redor pescoço e uma submetralhadora pendurada no braço.

Guardas armados? Em uma escola? O garoto mal acabara de chegar e já estava nervoso.

— Por aqui! — a sra. Stellenbosch abriu outra porta e Alex se viu na recepção principal da academia. Havia uma enorme lareira acesa, com dois dragões de pedra guardando o fogo. Uma escada larga levava ao andar superior e um candelabro com no mínimo cem lâmpadas iluminava o saguão. As paredes eram revestidas de painéis de madeira e um carpete grosso, vermelho-escuro cobria o chão. Uma dezena de pares de olhos acompanhou Alex enquanto ele seguia a sra. Stellenbosch até o próximo corredor. O saguão era todo decorado com cabeças de animais: um rinoceronte, um antílope, um búfalo branco e, o mais triste de todos, um leão. Alex imaginou quem o teria matado.

Pararam diante de uma porta, o que sugeria que haviam chegado ao fim da jornada. Até ali, Alex não encontrara nenhum outro garoto, mas ao olhar para fora da janela viu mais dois guardas marchando lentamente, os dois carregando submetralhadoras.

A sra. Stellenbosch bateu na porta.

— Entre! — nessa única palavra Alex já conseguiu detectar o sotaque sul-africano.

A porta se abriu e eles entraram em uma sala enorme, que não fazia o menor sentido. Como o resto do prédio, sua forma era irregular e nenhuma das paredes era paralela à outra. O teto tinha uns 15 metros de altura, com janelas por todo lado, que permitiam uma visão impressionante das encostas das montanhas. A sala era moderna, iluminada por dispositivos embutidos nas paredes. A mobília era feia, mas não tão feia quanto as cabeças de animais nas paredes ou quanto a pele de zebra esticada sobre o chão de madeira. Havia três cadeiras perto de uma pequena lareira. Em uma delas, dourada e antiga, estava sentado um homem. Ele se virou para olhar quando Alex entrou.

— Boa-tarde, Alex — disse o homem. — Por favor, entre e sente-se.

Alex atravessou o cômodo lentamente e sentou em uma das cadeiras. A sra. Stellenbosch sentou na outra.

— Meu nome é Grief — continuou o homem. — Dr. Grief. Estou muito feliz em conhecê-lo e em tê-lo aqui.

Alex encarou o homem que era o diretor de Point Blanc, reparando na pele branca como papel e nos olhos ardendo por trás das lentes vermelhas. Era como olhar para um esqueleto e, por um instante, o garoto ficou sem palavras. Mas ele se recuperou.

— Belo lugar — disse.

— Você acha? — não havia emoção alguma na voz de Grief. Até então ele só movera o pescoço. — O prédio foi projetado em 1857 por um francês que, sem dúvida, era o pior arquiteto do mundo. Quando os primeiros proprietários se mudaram, deram um tiro nele.

— Ainda há algumas pessoas armadas aqui — Alex relanceou os olhos pela janela quando viu outro par de guardas passar.

— Point Blanc é única — explicou o dr. Grief. — Como você logo vai descobrir, todos os garotos que são mandados para cá vêm de famílias muito ricas e importantes. Já tivemos filhos de imperadores e de industriais. Garotos como você. Isso significa que poderíamos facilmente nos tornar alvo de terroristas. Os guardas estão aqui para a proteção de vocês.

— É muita gentileza sua — Alex percebeu que estava sendo educado demais. Era hora de mostrar àquele homem o tipo de pessoa que ele precisava ser. — Mas, para ser honesto, eu não queria estar aqui. Portanto, se me disser apenas como faço para descer até a cidade, talvez eu ainda consiga pegar o próximo trem para casa.

— Não há caminho para descer até a cidade — o dr. Grief levantou a mão para impedir que Alex o interrompesse. O garoto olhou para os dedos longos e esqueléticos e para os olhos cintilantes, avermelhados pelas lentes. O homem se movia como se cada osso de seu corpo houvesse sido quebrado e colado novamente. — A temporada de esqui já terminou. Agora é muito perigoso. Há apenas o helicóptero, e ele só o levará daqui quando eu mandar — a mão voltou a abaixar. — Você está aqui, Alex, porque desapontou seus pais. Foi expulso da escola. Teve problemas com a polícia.

— Essa droga toda não foi culpa minha! — protestou o garoto.

— Não interrompa o doutor! — disse a sra. Stellenbosch.

Alex encarou a mulher com ódio.

— Sua aparência é lamentável — continuou o dr. Grief. — E seu modo de falar também. Nosso trabalho é transformá-lo em um rapaz de quem seus pais possam se orgulhar.

— Estou feliz do jeito que sou — falou Alex.

— Isso não importa nem um pouco — o dr. Grief respondeu e ficou em silêncio.

O garoto estremeceu. Havia alguma coisa estranha naquela sala, tão grande, tão vazia, tão torta. E naquele homem que era velho e jovem ao mesmo tempo, mas que de algum modo não era completamente humano.

— Então, o que vão fazer comigo? — perguntou.

— No início, você não assistirá às aulas — disse a sra. Stellenbosch.

— Durante as primeiras duas semanas queremos que aprenda a se assemelhar.

— O que isso significa?

— Assemelhar. Adequar-se... adaptar-se... tornar-se como — era como se ela estivesse lendo um dicionário. — No momento há seis rapazes na academia. Você vai conhecê-los e passar algum tempo com eles. Haverá oportunidade para praticar esportes e para se sociabilizar. Temos uma boa biblioteca aqui e você vai ler muito. Logo aprenderá nossos métodos.

— Quero ligar para a minha mãe e para o meu pai — falou Alex.

— O uso de telefones é proibido — explicou a sra. Stellenbosch. Ela tentou sorrir com simpatia, mas com um rosto como aquele era impossível. — Percebemos que isso deixava nossos alunos com saudades de casa — continuou a mulher. — É claro que pode escrever cartas, se quiser.

— Prefiro e-mail — disse Alex.

— Pela mesma razão, e-mail também não é permitido.

O garoto deu de ombros e praguejou baixinho.

O dr. Grief ouviu o que o garoto falou.

— Você será educado com a vice-diretora — disse irritado. O homem não erguera a voz, mas as palavras foram ditas em um tom ácido. — Deve saber, Alex, que a sra. Stellenbosch trabalha comigo há 26 anos e que quando a conheci ela havia sido eleita Miss África do Sul cinco vezes seguidas.

Alex olhou para o rosto hostil com o canto dos olhos.

— Em um concurso de beleza? — perguntou.

— Em campeonatos de levantamento de pesos — o dr. Grief olhou para a lareira. — Mostre a ele — falou o homem.

A sra. Stellenbosch se levantou e foi até a lareira, onde estava encostado um atizador. A mulher o pegou com as mãos e, por um momento, pareceu se concentrar. Alex prendeu o fôlego ao ver o metal sólido do atizador, de quase 5 centímetros de espessura, lentamente se dobrar ao meio até ficar na forma de um U. A mulher nem estava suando. Ela segurou as duas pontas juntas e jogou o atizador de volta onde estava. O metal fez barulho ao bater na pedra.

— Nós exigimos uma rigorosa disciplina aqui na academia — disse o dr. Grief. — A hora de dormir é 22 horas, nem um minuto depois. Não toleramos linguagem vulgar. Você não terá contato com o mundo exterior sem nossa permissão. Não tentará ir embora. E fará no mesmo instante o que lhe for pedido, sem hesitar. E, finalmente... — O homem se inclinou na direção de Alex. — Você só tem permissão de circular por certas partes do prédio — ele gesticulou com uma das mãos e, pela primeira vez, Alex reparou em uma segunda porta, no outro extremo da sala. — Meus aposentos particulares são por ali. Você permanecerá apenas no primeiro e no segundo andares. Neles, ficam os quartos e as salas de aula. O terceiro e o quarto andares estão fora dos seus limites, assim como o porão. Mais uma vez, isso é para a sua segurança.

— Tem medo de que eu caia das escadas? — perguntou o garoto.

O homem o ignorou.

— Agora você deve sair — disse.

— Espere do lado de fora do escritório, Alex — ordenou a sra. Stellenbosch. — Alguém o acompanhará.

Alex se levantou.

— Vamos transformá-lo no que seus pais querem — disse o dr. Grief.

— Talvez eles não me queiram de jeito nenhum.

— Podemos cuidar disso também.

Alex saiu.

— Um garoto desagradável... alguns dias... mais rápido do que o normal... o Projeto Gemini... se encerrando.

Se a porta não fosse tão grossa, Alex teria conseguido ouvir mais. No momento em que saiu da sala, ele colou o ouvido no buraco da fechadura, na esperança de escutar alguma coisa que pudesse ser útil ao MI6. Com certeza, o dr. Grief e a sra. Stellenbosch tinham bastante assunto do outro lado da porta, mas ele conseguiu ouvir pouquíssimas coisas e entendeu menos ainda.

De repente, uma mão pousou em seu ombro e ele se virou aborrecido por ter sido pego. Alguém que se dizia espião ser surpreendido escutando atrás das portas! Mas não era um dos guardas. Alex se viu encarando um garoto de rosto redondo, cabelos escuros, olhos azuis também escuros e pele pálida. Ele usava uma camiseta muito velha de *Guerra nas Estrelas*, jeans rasgado e um boné de beisebol. O garoto estivera metido em alguma briga recentemente e pelo que parecia levava a pior. Exibia uma mancha roxa ao redor de um olho e um corte no lábio.

— Eles vão lhe dar um tiro se o pegarem escutando atrás das portas — falou o garoto. Ele encarava Alex com uma expressão hostil. Alex pensou que aquele era o tipo de garoto que não confiaria em ninguém facilmente. — Sou James Sprintz — acrescentou. — Eles me disseram para lhe mostrar tudo por aqui.

— Alex Friend.

— E aí? O que fez para o mandarem para este lixo aqui? — perguntou James, enquanto eles desciam o corredor.

— Fui expulso de Eton.

— Eu fui expulso de uma escola em Düsseldorf — James suspirou. — Achei que tinha sido a melhor coisa do mundo... até meu pai me mandar para cá.

— O que seu pai faz? — Alex quis saber.

— Ele é banqueiro. Trabalha no mercado financeiro. Adora dinheiro e tem montanhas dele — a voz de James era sem expressão, sem emoção.

— É Dieter Sprintz? — Alex se lembrou do nome estampado nas primeiras páginas de todos os jornais da Inglaterra alguns anos antes. O homem de cem milhões de dólares. Essa fora a soma que ele ganhara em apenas 24 horas. Ao mesmo tempo, o valor da libra esterlina havia caído na bolsa de valores e o governo britânico quase entrara em colapso.

— Sim. Não me peça para lhe mostrar uma fotografia, porque não tenho. Por aqui...

Eles chegaram ao saguão principal, com os dragões na lareira. Dali, James mostrou a Alex o refeitório, uma sala longa com o teto alto, seis mesas e uma janela que dava para a cozinha. Depois, os dois visitaram duas salas de estar, uma sala de jogos e a biblioteca. A academia lembrava a Alex um resort de esqui, e não apenas por causa da localização, o lugar era opressivo e dava a sensação de estar fora do mundo real. O ar era quente e silencioso e, apesar do tamanho dos cômodos, Alex se sentia oprimido. Grief dissera que naquele momento havia seis garotos na escola. O prédio poderia abrigar sessenta. Havia espaços vazios por toda parte.

Não havia ninguém nas salas de estar, apenas uma coleção de poltronas, escrivaninhas e mesas, mas eles encontraram dois garotos na biblioteca. Era um cômodo grande e estreito, com estantes antigas de carvalho, abrigando livros em vários idiomas. Uma armadura da guarda medieval suíça estava exposta em um vão, uma reentrância em um dos cantos da parede.

— Este é Tom. E aquele é Hugo — apresentou James. — Eles provavelmente estão fazendo algum trabalho extra de matemática, ou coisa parecida, por isso é melhor não perturbá-los.

Os dois garotos levantaram os olhos e fizeram um breve aceno com a cabeça. Um deles lia um livro didático. O outro estava escrevendo. Ambos se vestiam bem melhor que James e não pareciam muito simpáticos.

— Nojentos — disse James assim que saiu com Alex da biblioteca.

— De que jeito?

— Quando me falaram deste lugar, disseram que todos esses garotos tinham problemas. Pensei que ia ser uma grande bagunça. Você tem um cigarro?

— Não fumo.

— Ótimo, mais um... Cheguei e descobri que aqui parece mais um museu, ou um monastério, ou... sei lá o quê. Parece que o dr. Grief andou bastante ocupado, porque todo mundo é muito quieto, trabalha muito... um tédio. Deus sabe como ele conseguiu isso. Deve ter sugado os cérebros deles com um canudo ou coisa parecida. Umas duas semanas atrás, entrei em uma briga com dois deles, só para tocar o terror — ele apontou para o rosto. — Os garotos me deram uma surra e voltaram para seus estudos. Muito assustador!

Eles entraram na sala de jogos, que tinha duas mesas de pingue-pongue, dardos, uma TV moderna e uma mesa de sinuca.

— Não tente jogar sinuca — avisou James. — A sala está em um plano inclinado e todas as bolas rolam para o lado errado.

Então os dois subiram a escada, onde ficavam os quartos-estúdios dos alunos. Em cada um, havia a cama, uma poltrona, TV (“Que passa apenas os programas que o dr. Grief quer que você veja”, explicara James), armário e uma escrivaninha. Uma segunda porta levava ao pequeno banheiro, com vaso sanitário e chuveiro. Nenhum dos quartos tinha tranca.

— Não temos permissão para trancá-los — esclareceu James. — Estamos enfiados aqui, sem nenhum lugar para onde ir, portanto ninguém se preocupa com a possibilidade de roubarmos nada. Ouvi dizer que Hugo Vries, o garoto na biblioteca, costumava roubar tudo em que conseguisse colocar as mãos. Ele foi preso por roubar lojas em Amsterdã.

— Mas ele não rouba mais?

— Hugo é outra história de sucesso. Vai voltar para casa na próxima semana. O pai dele é dono de minas de diamantes. Por que se dar ao trabalho de roubar mercadorias de lojas, quando se pode comprar a loja?

Os aposentos de Alex ficavam no final do corredor, com vista para a pista de salto de esqui. As malas dele haviam sido deixadas lá, ao lado da cama. Tudo parecia muito árido, mas, de acordo com James, os quartos-estúdios eram a única parte da escola que os garotos tinham permissão para decorar do jeito deles. Podiam escolher as colchas e cobrir as paredes com pôsteres.

— Eles dizem que é importante que nos expressemos — falou James. — Se não tiver trazido nada com você, a Miss Pega no Pé o levará até Grenoble.

— Pega no Pé?

— A sra. Stellenbosch. É como a chamo.

— E como os outros garotos a chamam?

— De sra. Stellenbosch — James suspirou. — Estou lhe dizendo, este lugar é muito esquisito, Alex. Já estive em um monte de escolas, porque fui expulso de um monte delas. Mas esta é a pior de todas. Já estou aqui há seis semanas e mal tive alguma aula. Eles têm eventos de música e noites de debates e tentam fazer com que eu leia. Mas, a não ser por isso, sou deixado por minha conta.

— Eles querem que você se assemelhe — falou Alex, lembrando-se do que o dr. Grief dissera.

— É a palavra que usam. Mas este lugar... podem chamá-lo de escola, parece mais com uma prisão. Você viu os guardas.

— Achei que estavam aqui para nos proteger.

— Se achou isso, é mais idiota do que imaginei. Pense! Há uns 30 deles. Trinta guardas armados para sete garotos? Isso não é proteção, é intimidação — James parou perto da porta e examinou Alex uma segunda vez. — Seria bom poder acreditar que finalmente chegou alguém com quem eu possa me relacionar — disse.

— Talvez você possa — falou Alex.

— Sim, mas por quanto tempo?

James saiu e fechou a porta ao passar.

Alex começou a desfazer as malas. O macacão de esquí à prova de bala e os óculos de proteção com infravermelho estavam por cima na primeira mala. Não parecia que precisaria deles. Pelo jeito ele nem sequer esquiaria. Então Alex pegou o aparelho de MP3 e se lembrou das instruções que Smithers lhe dera. “Se você estiver em algum apuro muito sério e precisar de ajuda, basta pressionar três vezes o comando de avançar a música.” Alex se sentiu muito tentado a fazer isso naquele instante. Algo não fazia sentido naquela academia. Tinha essa sensação ali, no quarto. Era como se fosse um peixe dourado em um aquário. Alex olhou para cima e concluiu que não se surpreenderia se visse um enorme par de olhos observando-o, e sabia que os olhos estariam usando óculos com lentes vermelhas. Segurou o aparelho de MP3 nas mãos. Não apertaria o botão de emergência... ainda. Não tinha nada para relatar ao MI6. Não havia nada que ligasse a escola à morte dos dois homens, um em Nova York e o outro no Mar Negro.

Mas, se houvesse algo, ele sabia onde procurar. Por que dois andares inteiros do prédio eram proibidos aos alunos? Não fazia nenhum sentido. Provavelmente, os guardas dormiam lá, mas, mesmo que o dr. Grief empregasse o que parecia ser um pequeno exército, ainda restavam muitos quartos vazios. O terceiro e quarto andares. Se alguma coisa estava acontecendo na academia, tinha que ser ali.

Uma campainha soou no andar de baixo. Alex fechou a mala, saiu do quarto e desceu pelo corredor. Viu outra dupla de garotos andando à sua frente, conversando baixinho. Assim como os garotos que vira na biblioteca, esses estavam limpos e bem-vestidos, com o cabelo curto e penteado. “Muito assustador”, dissera James. E, mesmo à primeira vista, Alex tinha que concordar.

Alcançou a escada. Os dois garotos já haviam descido. Alex olhou na direção deles e subiu. A escada fazia uma curva e terminava em uma parede de metal, que ia do chão ao teto e de um lado ao outro, bloqueando toda a visão. A barreira havia sido acrescentada recentemente, assim como o heliporto. Alguém havia, cuidadosa e propositalmente, dividido o prédio em dois.

Na parede de metal, encontrava-se uma porta e, ao lado dela, um teclado com nove botões, onde se digitava um código para entrar. Alex levou a mão à maçaneta. Não esperava que a porta se abrisse... nem esperava o que aconteceu em seguida. No instante em que seus dedos entraram em contato com a maçaneta, um alarme soou e uma sirene estridente ecoou por todo o prédio. Alguns segundos mais tarde, ouviu passos na escada e, quando se virou, viu dois guardas encarando-o com as armas meio erguidas.

Ninguém falou. Um dos guardas passou por Alex e teclou um código no teclado. O alarme parou. Em pouco tempo, a sra. Stellenbosch chegou, apressando-se na direção dele, com suas pernas curtas e musculosas.

— Alex! — exclamou. A expressão em seus olhos era de pura desconfiança. — O que está fazendo aqui? O diretor lhe disse que os andares de cima são proibidos.

— Sim... bem, eu esqueci — Alex olhou diretamente para ela. — Ouvi a campainha tocar e estava indo para o refeitório.

— O refeitório é lá embaixo.

— Está certo.

Alex caminhou na direção dos dois guardas, que se afastaram para deixá-lo passar. Sentiu que a sra. Stellenbosch o observava enquanto ele caminhava. Portas de metal, alarmes e guardas com submetralhadoras. O que estavam tentando esconder? Então ele se lembrou de outra coisa. O Projeto Gemini. Foram aquelas as palavras que ele tinha ouvido por trás da porta do dr. Grief.

Gemini. Gêmeos. Um dos 12 signos astrológicos.

Mas o que isso significava?

Alex desceu para se juntar ao resto dos alunos, ainda remoendo aquela pergunta na mente.

BARULHOS NA NOITE

NO FINAL DE SUA PRIMEIRA semana em Point Blanc, Alex já havia feito uma lista dos seis garotos com quem ia para a escola. No meio da tarde, estava sozinho em seu quarto, diante de um bloco de notas. Havia levado uma meia hora para anotar os nomes e alguns detalhes. Mas queria ter descoberto mais.

HUGO VRIES (14) Alemão. Mora em Amsterdã. Cabelos castanhos, olhos verdes. Nome do pai, Rudi. Proprietário de minas de diamantes. Fala pouco inglês. Toca violão e lê música. Muito solitário. Mandado para Point Blanc (PB) por roubos grandes em lojas e incêndio proposital.

TOM McMORIN (14) Canadense. De Vancouver. Pais divorciados. A mãe está à frente de um império da mídia (jornais, TV). Cabelos ruivos, olhos azuis. Boa forma física, jogador de xadrez. Roubou carros, dirigiu bêbado e... foi mandado para PB.

NICOLAS MARC (14) Francês... de Bordeaux? Expulso de uma escola particular em Paris, causa desconhecida. Drogas? Cabelos e olhos castanhos. Ótima forma física. Tatuagem de um demônio no ombro esquerdo. Bom nos esportes. Pai = Anthony Marc. Companhias aéreas, música pop, hotéis. Nunca menciona a mãe.

CASSIAN JAMES (14) Americano. Cabelos louros, olhos castanhos. Mãe = Jill... diretora de estúdio em Hollywood. Pais divorciados. Escreve poesia e toca jazz no piano. Expulso de seis escolas.

Vários delitos ligados a drogas. Mandado para PB depois de prisão por contrabando. Conta piadas. Parece popular.

JOE CANTERBURY (14) Americano. Passa muito tempo com Cassian. Cabelos escuros, olhos azuis. Mãe (nome desconhecido) é senadora por Nova York. O pai é alguma coisa importante no Pentágono. Vandalismo, vadiagem, roubo de lojas. Diz ter sua própria moto e três namoradas (!) em Los Angeles.

JAMES SPRINTZ (14) Alemão. Pai = Dieter Sprintz, banqueiro, muito conhecido no mercado financeiro (o homem de cem milhões de dólares). A mãe mora na Inglaterra. Cabelos castanhos, olhos azul-escuros, pele pálida. Mora em Dusseldorf. Expulso por machucar um professor com uma

pistola de ar comprimido. O mais perto que cheguei de ter um amigo em PB — o único que realmente odeia isto aqui.

Alex estava deitado na cama, examinando a lista. O que ela lhe dizia? Não muita coisa.

Primeiro, todos os garotos eram da mesma idade, tinham 14 anos, como ele. Ao menos três deles, talvez quatro, tinham pais divorciados ou separados. Todos vinham de famílias muito ricas. Blunt já havia lhe adiantado isso, mas Alex ficou surpreso ao constatar como os pais dos garotos eram diferentes. Companhias aéreas, diamantes, política e cinema. França, Holanda, Canadá e Estados Unidos. Cada um era o máximo em seu campo de atuação, e esses campos cobriam quase todas as atividades humanas. Ele mesmo, supostamente, era filho de um rei dos supermercados. Comida. Era outra indústria mundial a ser incluída na lista.

Dois dos garotos já haviam sido presos por roubo a lojas. Dois tinham se envolvido com drogas. Mas Alex sabia que, de alguma maneira, aquela lista escondia mais do que revelava. Com exceção de James, era difícil determinar o que diferenciava os garotos que estavam em Point Blanc. De um modo estranho, todos pareciam iguais.

Seus olhos e cabelos eram de cores diferentes. Eles usavam roupas diferentes. As expressões dos rostos eram diferentes: Tom era belo e confiante, Joe era calado e observador. E é claro que não apenas as vozes eram diferentes: eles também falavam em línguas diferentes. James mencionara “cérebros sugados com canudos” e, de certa forma, tinha razão. Era como se tivessem sido invadidos por uma mesma consciência. Haviam se tornado cães amestrados, dançando sobre a mesma corda bamba.

A campainha tocou no andar de baixo. Alex consultou o relógio. Eram exatamente 13 horas, hora do almoço. Esse era outro fato curioso que ocorria na escola. Tudo tinha que ser feito no mesmo exato minuto. As aulas eram das 9 horas ao meio-dia. O almoço, das 13 às 14 horas. E assim por diante. James fazia questão de chegar atrasado para tudo e Alex decidira acompanhá-lo. Era uma rebeldia insignificante, mas que proporcionava certa satisfação. Mostrava que eles ainda conseguiam manter um mínimo de controle sobre a própria vida. Os outros garotos, é claro, agiam como se fossem relógios. Naquele momento, já estariam no refeitório, esperando tranquilamente que a refeição fosse servida.

Alex rolou na cama e pegou uma caneta. Então, escreveu no bloco, embaixo dos nomes, apenas duas palavras: “lavagem cerebral?”

Talvez essa fosse a resposta. De acordo com James, que estava ali há apenas três semanas, os outros garotos haviam chegado à academia dois meses antes. Isso somava onze semanas no total e Alex sabia que não se transforma um bando de delinquentes em estudantes perfeitos apenas lhes entregando bons livros. O dr. Grief estava fazendo mais alguma coisa. Drogas. Hipnose. Alguma coisa.

Alex esperou mais cinco minutos, depois escondeu o bloco sob o colchão e saiu do quarto. Teria gostado de trancar a porta. Não havia nenhuma privacidade em Point Blanc. Nem os banheiros tinham trancas. E Alex ainda não conseguira afastar a sensação de que, de algum jeito, tudo o que fazia, tudo o que pensava era monitorado, anotado. Evidências para serem usadas contra ele.

Eram 13h10 quando ele chegou ao refeitório e, como era esperado, os outros garotos já estavam lá, almoçando e conversando baixinho entre eles. Nicolas e Cassian ocupavam uma mesa. Hugo, Tom e Joe, outra. Ninguém fazia guerra de ervilhas. Não havia sequer um cotovelo sobre a mesa. Tom falava sobre uma visita que fizera a algum museu em Grenoble. Alex estava no refeitório há alguns segundos, mas seu apetite já havia desaparecido.

James chegara pouco antes dele e estava se servindo em uma das bancadas que davam para a cozinha. A maior parte da comida chegava pré-cozida à escola e um dos guardas a aquecia. O prato do dia era ensopado. Alex também se serviu e sentou perto de James. Os dois tinham a própria mesa. Haviam se tornado amigos com facilidade. Todos os outros os ignoravam.

— Quer sair depois do almoço? — perguntou James.

— Claro. Por que não?

— Quero conversar com você sobre um assunto.

O olhar de Alex se desviou de James para os outros garotos. Tom, na cabeceira da mesa que ocupava, estava pegando a jarra de água. Ele usava uma camisa polo e calça jeans. Perto dele, sentava-se Joe Canterbury, que agora conversava com Hugo, balançando o dedo para enfatizar algum ponto. Onde Alex já vira aquele movimento antes? Cassian estava bem atrás

deles, o rosto redondo, os cabelos castanhos-claros e finos, rindo de uma piada.

“Diferentes, mas os mesmos.” Observando os outros garotos com atenção, Alex tentou descobrir o que isso poderia querer dizer.

A questão eram os detalhes, coisas que passariam despercebidas se não estivessem todos juntos, como naquele momento. O modo como se sentavam, com as costas retas e os cotovelos ao lado do corpo. O modo como seguravam os garfos e as facas. Hugo riu, e Alex percebeu que, por um instante, o garoto se tornou idêntico a Cassian. Era a mesma risada. Ele observou Joe comer uma porção de comida. Então se virou e olhou para Nicolas. Eram dois garotos diferentes, não havia dúvida, mas comiam exatamente do mesmo jeito, como se estivessem imitando um ao outro.

Houve um movimento na porta e de repente a sra. Stellenbosch apareceu.

— Boa-tarde, rapazes — disse ela.

— Boa-tarde, sra. Stellenbosch — cinco pessoas responderam, mas Alex só ouviu uma voz. Ele e James ficaram em silêncio.

— As aulas da tarde vão começar às 15 horas. As matérias serão latim e francês.

As aulas eram dadas pelo dr. Grief ou pela sra. Stellenbosch. Não havia outros professores no colégio. Alex ainda não assistira a nenhuma aula. James entrava e saía da sala de aula, dependendo do seu humor.

— Haverá um debate esta noite, na biblioteca — a sra. Stellenbosch continuou. — O tema é violência na TV e no cinema. Tom, você abrirá o debate. Depois, será servido chocolate quente e o dr. Grief dará uma palestra sobre as obras de Mozart. Todos estão convidados.

James enfiou o dedo na boca aberta e colocou a língua para fora. Alex sorriu. Os outros garotos ouviam quietos.

— O dr. Grief também gostaria de parabenizar Cassian James por ter vencido o concurso de poesia. Seu poema está exposto no quadro de avisos do saguão principal. Isso é tudo.

Ela se virou e saiu do refeitório. James revirou os olhos.

— Vamos sair e tomar um pouco de ar fresco — disse. — Estou me sentindo enjoado.

Os dois desceram as escadas e vestiram os casacos. James ocupava o quarto ao lado de Alex e fizera o possível para torná-lo mais acolhedor.

Havia pôsteres de antigos filmes de ficção científica na parede e, pendurado acima da cama, um mobile com o sistema solar. Uma luminária de lava borbulhava e girava na mesinha de cabeceira, emitindo uma luz laranja. Roupas estavam espalhadas pôr toda parte. Obviamente James não achava que devia pendurá-las. No meio daquela desordem, ele achou um cachecol e apenas uma luva. Enfiou a outra mão no bolso e disse:

— Vamos.

Desceram novamente o corredor, passando pela sala de jogos. Nicolas e Cassian estavam jogando pingue-pongue, e Alex parou na porta para observá-los. A bola ia para um lado e para o outro, e Alex quase foi hipnotizado. Ficou ali por cerca de 60 segundos, observando os dois. Pingue, pongue, pingue, pongue — nenhum dos dois garotos marcava ponto. Lá estava de novo. Diferentes, mas o mesmo. Com certeza havia dois garotos ali. Mas o modo como jogavam, o estilo de jogo, era idêntico. Se só um deles estivesse jogando a bola contra um espelho, o resultado seria muito semelhante. Alex estremeceu. James estava parado ao lado dele. Logo, os dois seguiram em frente.

Hugo estava sentado na biblioteca. O garoto que fora mandado para Point Blanc por roubar lojas lia uma edição alemã da revista *National Geographic*. Eles chegaram ao saguão e lá estava o poema de Cassian, preso com destaque no quadro de avisos. Cassian fora mandado para Point Blanc por contrabandear drogas. Agora escrevia sobre narcisos.

Alex abriu a porta principal e ficou grato ao sentir o ar frio atingir seu rosto. Precisava ser lembrado de que havia um mundo real do lado de fora daquele aquário bizarro.

Começara a nevar novamente. Os dois garotos caminharam lentamente ao redor do prédio. Uma dupla de guardas caminhou na direção deles, falando baixinho em alemão. Alex já contara 30 guardas em Point Blanc, todos eles jovens alemães uniformizados com suéteres de gola alta e coletes pretos. Os guardas nunca falavam com os garotos. Tinham rostos pálidos e doentios e cabelo cortado rente, como Alex teria esperado. O dr. Grief dissera que estavam ali para a proteção dos alunos, mas Alex se perguntava se esse seria o verdadeiro motivo. Os guardas estariam ali para manter os intrusos do lado de fora ou os garotos presos do lado de dentro?

— Por aqui — disse James.

Ele andava na frente, o pé afundando na neve alta. Alex o seguiu, olhando para trás, na direção das janelas do terceiro e quarto andares. Aquilo era muito esquisito. O acesso a metade do castelo — talvez mais — era proibido e ele ainda não conseguira pensar em um modo de conseguir subir até lá. Não podia escalar. A parede de tijolos era muito escorregadia e não havia hera, que seria conveniente para servir como apoio. As calhas pareciam frágeis demais para o peso dele.

Ele pensou ter visto um movimento e parou no mesmo instante.

— O que foi? — perguntou James.

— Ali! — O garoto apontou para o terceiro andar. Ele julgou ter visto alguém observando por trás da janela que estava bem acima deles. A pessoa ficou lá apenas um instante e parecia ter o rosto coberto por uma máscara. Uma máscara branca, com cortes estreitos para os olhos. Mas, no momento em que Alex apontou para ela, a figura recuou, ficando fora do campo de visão.

— Não vejo nada — disse James.

— Foi embora.

Eles continuaram a caminhar na direção da pista de salto de esqui abandonada. De acordo com James, ela fora construída pouco antes de Grief comprar a academia e, na época, houve planos para transformar a propriedade em um centro de treinamento de esportes de inverno. Mas a pista nunca foi usada. Eles chegaram às barreiras de madeira que atravessavam a entrada e pararam.

— Preciso lhe perguntar uma coisa — disse James. A respiração dele saía em uma nuvem de vapor no ar frio. — O que acha deste lugar?

— Por que temos que conversar aqui fora? — perguntou Alex. Apesar de agasalhado, ele estava começando a tremer.

— Porque quando estou dentro do prédio sempre tenho a sensação de que alguém está escutando tudo o que digo.

Alex concordou.

— Sei do que está falando — ele pensou sobre a pergunta que James lhe fizera. — Acho que você estava certo quanto ao que me contou no dia em que nos conhecemos — disse Alex. — Este lugar é assustador.

— Então como se sente a respeito de fugir daqui?

— Você sabe pilotar um helicóptero?

— Não. Mas vou embora — James parou e olhou ao redor. Os dois guardas haviam entrado na escola. Não havia mais ninguém à vista. — Posso confiar em você, Alex, porque acabou de chegar aqui. Ele ainda não o pegou — ele se referia ao dr. Grief, não precisava dizer o nome. — Mas acredite em mim — continuou — não vai demorar. Se ficar aqui, vai terminar como os outros. Alunos-modelo. Essa é exatamente a palavra para eles. É como se todos fossem feitos de plástico. Bem, para mim chega. Não vou permitir que ele faça isso comigo.

— Você vai fugir? — perguntou Alex.

— Vou esquiar — James olhou para a encosta abaixo deles.

Alex também olhou para a encosta que descia muito íngreme, parecendo se estender para sempre.

— Isso é possível? — perguntou. — Eu achei...

— Sei que Grief diz que é muito perigoso. Mas é isso o que ele deve dizer, não é? É verdade que há descidas difíceis, para esquiadores experientes, e que sem dúvida há toneladas de obstáculos...

— A neve ainda não derreteu?

— Só bem mais lá embaixo — James apontou. — Eu já descí até a base — falou. — Fiz isso na primeira semana em que cheguei. Todas as encostas descem na direção de um vale. É chamado La Vallée de Fer. Não se pode chegar até a cidade porque há uma linha de trem que atravessa o caminho. Mas, se eu conseguir alcançar a linha do trem, acho que posso ir andando pelo resto do caminho.

— E aí?

— Aí eu pego um trem para Dusseldorf. Se meu pai tentar me mandar de volta para cá, vou morar com minha mãe, na Inglaterra. E, se ela não me quiser, desapareço. Tenho amigos em Paris e em Berlim. Não me importo. Tudo que sei é que tenho que sumir daqui e, se você sabe o que é bom para você, venha também.

Alex considerou a proposta. Sentia-se quase tentado a acompanhar o outro garoto. Mas tinha um trabalho a fazer.

— Não tenho esquis — disse.

— Nem eu — James bateu com os pés na neve. — Grief recolheu todos os esquis quando a temporada terminou. Ele os trancou em algum lugar.

— No terceiro andar?

— Talvez. Mas vou encontrá-los e daí vou embora daqui — ele estendeu a mão sem luva para Alex. — Venha comigo.

Alex balançou a cabeça negando.

— Sinto muito, James. Vá você, e boa sorte. Mas vou ficar um pouco mais. Não quero quebrar o pescoço.

— Tudo bem. A escolha é sua. Eu lhe mandarei um cartão-postal.

Os dois voltaram para a escola. Alex apontou a janela onde vira o rosto mascarado.

— Você já se perguntou o que acontece lá em cima? — perguntou.

— Não — James deu de ombros. — Acho que é onde os guardas moram.

— Nos dois andares?

— E ainda há o subsolo. E os aposentos do dr. Grief. Você acha que ele dorme com a Miss Pega no Pé? — James fez uma careta. — É uma ideia bem nojenta, os dois juntos. Darth Vader e King Kong. Bem, vou encontrar meus esquis e sair daqui, Alex. Se você tivesse um mínimo de bom senso, viria também.

Alex e James estavam esquiando juntos, descendo a encosta, as lâminas dos esquis cortando suavemente a superfície da neve. Era uma noite perfeita, tudo muito calmo e congelado. Eles haviam deixado a academia para trás. Mas de repente Alex viu alguém na frente deles. Era o dr. Grief. O diretor da academia estava parado, imóvel, usando seu terno preto, os olhos escondidos por trás das lentes grossas e redondas. Alex desviou para longe dele. E perdeu o controle. Começou a descer a rampa cada vez mais rápido, os bastões voando, os esquis se recusando a obedecer. Ele podia ver a pista de salto bem na sua frente. Alguém removera as barreiras. Ele sentiu os esquis deixarem a neve fofa e baterem com força no gelo sólido. Então houve uma queda assustadora, Alex se viu despencando na escuridão da noite e soube que não haveria mais volta. O dr. Grief riu e, no mesmo instante, ouviu-se um clique: Alex foi lançado no espaço, girando a 1 quilômetro do chão, e começou a cair, cair, cair...

Ele acordou.

Estava deitado na cama e a luz da Lua refletia nas cobertas. Ele checkou o relógio. Eram 2h15. Recordou o sonho que acabara de ter. Tentava esca-

par com James. O dr. Grief esperava os dois. O garoto tinha que admitir que a academia estava realmente começando a mexer com ele. Normalmente não costumava ter pesadelos. Mas a escola e as pessoas dali pareciam se enfiar sob sua pele, abrindo caminho até sua mente.

Alex se lembrou do que ouvira. O dr. Grief rindo e mais alguma coisa... o som de um clique. Era estranho. O que fizera aquele clique? Realmente fora parte do sonho? De repente estava completamente desperto. Saiu da cama, foi até a porta e girou a maçaneta. Estava certo. Não imaginara o som. Enquanto estava adormecido, a porta fora trancada pelo lado de fora.

Certamente, estava acontecendo alguma coisa, e Alex estava determinado a descobrir o que era. Vestiu-se bem depressa e se ajoelhou para examinar a fechadura. Descobriu dois ferrolhos, com no mínimo 1 centímetro de diâmetro, um em cima e outro embaixo, que provavelmente haviam sido acionados automaticamente. Uma coisa era certa: Alex não ia conseguir passar pela porta.

O que lhe deixava como opção a janela. Em todas as janelas do quarto havia travas de aço, de modo que só era possível abri-las até cerca de 25 centímetros. Alex pegou o aparelho de MP3, localizou Beethoven e apertou o “play”. Na mesma hora, a parte de cima do aparelho projetou o fecho de luz vermelha de um raio laser. Ele direcionou-o para a trava. Levou apenas alguns segundos. O laser cortou o aço como uma tesoura cortaria um pedaço de papel. A trava caiu, permitindo abrir totalmente a janela.

Ainda nevava. Alex desligou o aparelho de MP3 e jogou-o na cama. Vestiu um suéter e o casaco e projetou o corpo para fora da janela. Ele precisava descer dois andares. Em condições normais, uma queda daquela altura resultaria em um tornozelo ou uma perna quebrados, mas estava nevando há mais ou menos dez horas e um monte de neve se erguia contra a parede que ele descia. O garoto desceu o corpo o mais que pôde, soltou-se e caiu, batendo na neve, onde afundou até a cintura. Sentiu os pés tocarem o solo duro embaixo, mas o monte de neve o protegera. Tinha frio e estava todo molhado antes mesmo de começar. Mas escapara ileso.

Saiu da neve e começou a dar a volta pela lateral do prédio, em direção à frente. Tinha esperança de que a entrada principal não estivesse trancada. Queria acreditar que não estaria. A porta do quarto dele fora trancada automaticamente. Provavelmente teriam ligado um dispositivo e trancado todos os outros cômodos. A maioria dos garotos estava dormindo, e os que

ainda estivessem acordados não iriam a lugar nenhum, deixando o dr. Grief livre para fazer o que quisesse, para ir e vir conforme decidisse.

Alex tinha acabado de sair da lateral do prédio quando ouviu guardas se aproximando, as botas rangendo. Não havia onde se esconder, por isso ele se jogou de cara na neve, deixando-se encobrir pelas sombras. Eram dois guardas. Ele podia ouvi-los falando baixinho em alemão, mas não ousou levantar os olhos. Se fizesse qualquer movimento, eles o veriam. E, se chegassem perto demais, talvez o vissem de qualquer maneira. Ele prendeu a respiração, o coração batendo forte.

Os guardas passaram por ele e dobraram uma esquina do prédio. O caminho que seguiam levava para a janela de Alex. Será que, lá de baixo, veriam a janela aberta? O garoto deixara a luz apagada. Com sorte, não haveria razão para os homens olharem para cima. Mas ele sabia muito bem que talvez não tivesse muito tempo. Precisava se apressar...

Alex se levantou e saiu correndo. Suas roupas estavam cobertas de neve e mais flocos continuavam a cair, entrando em seus olhos. Aquela era a hora mais fria da noite, e o garoto estava tremendo quando finalmente alcançou a porta principal. O que ele faria se, no final das contas, ela estivesse trancada? Com certeza não aguentaria ficar ali fora até amanhecer.

Mas a porta estava destrancada. Alex abriu-a e se esgueirou para dentro do saguão principal, escuro e quente. Lá estava a lareira com os dragões e, como havia ficado acesa, a lenha em brasa ainda ardia. Alex estendeu as mãos para o calor das brasas, tentando se aquecer um pouco. Tudo era silêncio. Os corredores vazios se estendiam na distância iluminados por umas poucas lâmpadas de baixa voltagem que haviam sido deixadas acesas aqui e ali. Só naquele momento ocorreu ao garoto que podia ter se enganado: as portas eram trancadas todas as noites, de fato, por causa do esquema de segurança. Talvez tivesse tirado conclusões erradas, depressa demais, e na realidade não estivesse acontecendo nada.

— Não!

Era a voz de um garoto, um grito alto e trêmulo que ecoou pela escola. Um instante depois, Alex ouviu o barulho de pés batendo com força no chão ao longo do corredor, em algum lugar acima dele. Procurou um lugar para se esconder e resolveu entrar no espaço diante da lareira. Diante das brasas, havia uma cesta de metal, deixando um espaço largo. Alex se aga-

chou, sentindo o calor aquecer um lado do rosto e das pernas. Olhou para fora, para além dos dois dragões, esperando para ver o que ia acontecer.

Três pessoas vinham descendo as escadas. A sra. Stellenbosch era a primeira e em seguida, dois guardas arrastavam alguma coisa entre eles. Era um garoto! Ele estava com o rosto voltado para baixo, vestia apenas pijama, os pés descalços deslizando pelos degraus de pedra. A sra. Stellenbosch abriu a porta da biblioteca e entrou. Os dois guardas a seguiram. A porta foi fechada com força. Voltou a reinar o silêncio.

Tudo isso havia acontecido muito rapidamente. Alex não conseguira ver o rosto do garoto. Mas tinha certeza de que sabia quem era. Descobrira apenas pela voz dele.

James Sprintz.

Alex saiu de perto da lareira e atravessou o saguão, em direção à porta da biblioteca. Não se ouvia nenhum som do outro lado. Ele se ajoelhou e olhou pelo buraco da fechadura. Não havia luzes acesas dentro da biblioteca, por isso não conseguiu ver nada. Mas por que precisava ver alguma coisa? Se subisse as escadas naquele instante, estaria de volta ao seu quarto sem ser visto. Então esperaria até que as portas fossem destrancadas e se deitaria em sua cama novamente. Ninguém jamais saberia que ele havia saído.

Mas o único naquela escola que fora legal com ele estava do outro lado da porta da biblioteca. Fora arrastado para lá. Talvez estivesse sofrendo uma lavagem cerebral... ou até mesmo sendo espancado. Alex não podia, simplesmente, virar as costas e abandoná-lo.

O garoto tomou sua decisão. Abriu a porta e entrou.

A biblioteca estava vazia.

Alex ficou parado, piscando confuso. A biblioteca tinha apenas uma porta. Todas as janelas estavam fechadas. Não havia nenhuma luz acesa e nenhum sinal de que alguém sequer passara por ali. A armadura continuava no vão do outro lado da sala, observando-o enquanto ele se aproximava. Estaria enganado? Será que a sra. Stellenbosch e os guardas haviam entrado em outro cômodo?

Alex foi até o vão e olhou atrás da armadura, imaginando que talvez houvesse uma segunda saída escondida ali. Não havia nada. Ele bateu com os nós dos dedos na parede. Curiosamente, ela parecia ser feita de metal,

mas, ao contrário da parede que bloqueava a escada, não existia nenhuma maçaneta, nada que sugerisse um modo de passar.

Não havia mais nada que pudesse fazer ali. Decidiu voltar para o seu quarto antes que fosse descoberto.

Mas acabara de chegar ao segundo andar quando ouviu vozes novamente... mais guardas, caminhando lentamente pelo corredor. Alex viu uma porta aberta e entrou rapidamente, mais uma vez tentando ficar fora da vista deles. Estava na lavanderia. Viu uma máquina de lavar, uma secadora de roupas e duas tábuas de passar. Pelo menos ali estava quente. Alex se sentiu envolvido pelo cheiro de sabão.

Os guardas passaram e logo o som de seus passos havia desaparecido. Houve um segundo clique metálico que pareceu se estender por toda a extensão do corredor, e Alex percebeu que todas as portas haviam sido destrancadas ao mesmo tempo. Ele podia voltar para a cama. O garoto saiu com cuidado da lavanderia e se apressou pelo corredor. Passou pelo quarto de James Sprintz, perto do seu. Percebeu que a porta de James estava aberta. Então uma voz o chamou lá de dentro.

— Alex? — era James.

Não. Não era possível. Mas realmente havia alguém no quarto de James.

Alex olhou para dentro. A luz se acendeu.

Era James. Ele estava sentado na cama com os olhos sonolentos, como se acabasse de acordar. Alex o examinou. Ele vestia o mesmo pijama que o garoto que ele acabara de ver sendo arrastado para dentro da biblioteca... mas então aquele não podia ser James. Devia ser outra pessoa.

— O que está fazendo? — perguntou James.

— Achei que tinha ouvido alguma coisa — respondeu Alex.

— Mas você está vestido, e todo ensopado! — James checkou o relógio.

— E são quase 3 horas.

Alex ficou surpreso por já haver passado tanto tempo. Eram apenas 2h15 quando ele acordara.

— Você está bem? — perguntou Alex.

— Sim...

— Você não...?

— O quê?

— Nada. Amanhã nos vemos.

Alex entrou rapidamente em seu próprio quarto. Fechou a porta, despiu as roupas molhadas, se secou com uma toalha e voltou para a cama. Se não era James quem tinha sido levado para a biblioteca, quem era então? Mas *era* James, ele tinha certeza disso. Ouvira o grito, vira seu corpo sendo arrastado pelas escadas. Então por que James estava mentindo agora?

Alex fechou os olhos e tentou voltar a dormir. Tudo o que acontecera naquela noite servira apenas para criar mais quebra-cabeças, e não resolvera nenhum. Mas ao menos ele tirara alguma coisa daquilo tudo.

Agora sabia como subir para o terceiro andar.

11
VISÃO DUPLA

JAMES JÁ ESTAVA TOMANDO seu café da manhã quando Alex desceu. Ovos, bacon, torradas e chá. Ele tomava o mesmo café da manhã todos os dias e acenou quando Alex entrou. Mas, no instante em que o espião mirim viu o amigo, teve a sensação de que havia alguma coisa errada. Embora James estivesse sorridente, parecia estranhamente distante, como se seus pensamentos estivessem em outro lugar.

— E então? O que aconteceu na noite passada? — perguntou James.

— Não sei... — Alex se sentiu tentado a contar tudo ao amigo, até mesmo o fato de estar ali com um nome falso e de ter sido mandado para espiar a escola. Mas não podia fazer isso. Não ali, tão perto dos outros garotos. — Acho que tive um pesadelo.

— Você andou pela neve enquanto dormia?

— Não. Pensei que havia visto alguma coisa, mas não poderia ter visto. Só tive uma noite esquisita — ele mudou de assunto, abaixando a voz. — Pensou mais sobre seu plano? — perguntou Alex.

— Que plano?

— De esquiar.

— Não temos permissão para esquiar.

— Eu quis dizer... de fugir.

James sorriu como se só naquele instante houvesse se lembrado do que Alex estava falando.

— Oh... Mudei de ideia — disse o garoto.

— O que quer dizer?

— Se eu fugisse, meu pai me mandaria de volta. Não adiantaria. É melhor eu sorrir e aguentar. E, de qualquer modo, eu jamais conseguiria descer a montanha. A neve está fina demais.

Alex ficou encarando o garoto. Tudo o que ele dizia era exatamente o oposto do que dissera no dia anterior. Ele quase duvidou de que fosse o mesmo garoto. Mas é claro que era. Estava desarrumado como sempre. Os machucados, melhores naquele momento, ainda estavam em seu rosto. Cabelos escuros, olhos azul-escuros, pele pálida... era James. E, ainda assim, alguma coisa havia acontecido. Alex tinha certeza disso.

Então James se virou e Alex viu que a sra. Stellenbosch havia entrado no refeitório, usando um vestido verde-limão particularmente horrendo, que chegava até os joelhos.

— Bom-dia, rapazes! — ela cumprimentou. — As aulas de hoje vão começar em dez minutos. A primeira matéria será história, na sala da torre — a sra. Stellenbosch caminhou até a mesa de Alex. — James, espero que se junte a nós hoje.

James deu de ombros.

— Está bem, sra. Stellenbosch.

— Excelente. Vamos falar da vida de Adolf Hitler. Um homem tão interessante... Tenho certeza de que vai achar as informações muito preciosas — ela se afastou.

Alex virou-se para James.

— Você vai à aula?

— Por que não? — James havia terminado de comer. — Estou enfiado neste lugar e não tenho o que fazer mesmo. Talvez eu devesse ter frequentado as aulas antes. Você não deveria ser tão negativo, Alex — e fez um gesto com o dedo para sublinhar o que estava dizendo. — Está perdendo seu tempo.

Alex franziu o cenho. Já vira aquele movimento antes, o modo como ele gesticulara com o dedo. Joe Canterbury, o garoto americano fizera exatamente a mesma coisa no dia anterior.

“Cachorrinhos amestrados que estão dançando sobre a mesma corda bamba.”

O que teria acontecido na noite passada?

Alex observou James sair com os outros. Sentiu que havia perdido seu único amigo em Point Blanc e de repente teve muita vontade de ir embora daquele lugar, de sair da montanha e voltar para o mundo seguro da escola Brookland. Houve um tempo em que realmente desejara a aventura que estava vivendo. Agora só queria sair dela. Bastava apertar três vezes o comando de avançar do aparelho de MP3 e o serviço secreto britânico iria resgatá-lo. Mas não poderia fazer isso até ter alguma coisa para contar.

Alex sabia muito bem o que tinha que fazer. Levantou-se e deixou o refeitório.

Ele havia visto o caminho na noite anterior, quando estava escondido perto da lareira. A chaminé era inclinada e fazia uma curva até sair pelo telhado, por isso de onde ele estava pôde ver uma nesga de luz. A luz da Lua. No exterior da academia, os tijolos eram escorregadios demais para serem escalados, mas dentro da chaminé estavam quebrados e tortos e sendo assim poderia apoiar as mãos e os pés em vários pontos. Talvez também houvesse uma lareira no terceiro ou quarto andares. Mas, se não houvesse, a chaminé ainda o levaria até o telhado e, presumindo que nenhum guarda estaria esperando-o lá, talvez conseguisse arrumar um modo de descer.

Alex chegou até a lareira com os dois dragões de pedra. Checou o relógio. Eram 10 horas. As aulas continuariam até a hora do almoço e ninguém se preocuparia em saber onde ele estava. O fogo finalmente se apagara completamente, embora as cinzas ainda estivessem quentes. Um dos guardas viria limpá-las? Ele só podia torcer para que deixassem isso para a parte da tarde. Olhou para cima dentro da chaminé. Podia ver a nesga estreita de azul brilhante. O céu parecia estar muito, muito distante, e a chaminé era mais estreita do que havia imaginado. E se ficasse preso? Procurou afastar esse pensamento da cabeça, estendeu a mão para uma rachadura na parede de tijolos e impulsionou o corpo para cima.

O lado de dentro da chaminé tinha o cheiro dos mais de mil fogos que já deviam ter queimado ali. A fuligem tornava o ar pesado, por isso o garoto quase não conseguia respirar naquele espaço. Conseguiu encontrar um apoio para o pé e voltou a erguer o corpo, subindo um pouco mais. Dessa maneira, ficou encaixado lá dentro, obrigado a permanecer em uma posição sentada, com os pés contra uma das paredes e as costas contra a outra, enquanto as pernas e o traseiro ficavam suspensos no ar. Não precisaria usar as mãos. Bastava esticar as pernas e empurrar o corpo, usando a pressão dos pés contra a parede para se firmar. E empurrar e deslizar o corpo para cima. Precisava ser cuidadoso. A cada instante, mais fuligem descia pela chaminé. Alex podia senti-la no cabelo, mas não ousou olhar para cima. Se a fuligem caísse em seus olhos, ela o cegaria. Empurrou e deslizou o corpo para cima novamente. E de novo. Não muito rápido. Se o pé escorregasse, ele cairia por toda a extensão que subira, e já subira bastante. A que altura estaria? Pelo menos a equivalente a um andar... o que queria dizer que teria que continuar a subir até alcançar o terceiro andar. Se caísse dessa altura, quebraria as duas pernas.

A chaminé ficava cada vez mais escura e apertada. Não parecia que a luz do topo se aproximava. Alex percebeu que já era difícil manobrar o corpo. Mal conseguia respirar e tinha a sensação de estar com a boca cheia de fuligem. Deu um novo impulso e, dessa vez, seu joelho bateu nos tijolos causando um espasmo de dor que se espalhou até os pés. Firmou o corpo e estendeu a mão, tateando para ver se descobria para onde estava indo. Logo acima de sua cabeça, uma barreira em formato de *L* fechava parte da passagem da chaminé. Os joelhos haviam batido na barreira, mas a cabeça estava na direção da parte estreita que permanecia aberta. Fosse qual fosse a função da barreira, a verdade era que ela cortava a passagem ao meio, deixando apenas um espaço muito estreito para os ombros e o corpo do garoto passarem.

Mais uma vez, a perspectiva de ficar entalado ali voltou a assombrar o garoto. Jamais seria encontrado. Ele sufocaria no escuro. Alex inspirou, tentando respirar e engoliu fuligem. Uma última tentativa! Empurrou o corpo novamente, esticando os braços acima da cabeça. Então, sentiu suas costas deslizarem pela parede áspera de tijolos, rasgando a camisa. Alcançou com as mãos o que ele imaginou ser o topo do *L*. Impulsionou o corpo mais uma vez e se viu diante de uma segunda lareira, que compartilhava a chaminé principal. Aquela lareira era o obstáculo que ele acabara de contornar. O garoto se jogou desajeitadamente para a frente e caiu sobre mais lenha e cinzas. Havia conseguido chegar ao terceiro andar!

Alex rastejou para fora da lareira. Há poucas semanas, na escola Brookland, estivera lendo sobre os limpadores de chaminé na época vitoriana, lera sobre como meninos de até 9 anos eram forçados a um trabalho verdadeiramente escravo. Nunca imaginara que acabaria sabendo exatamente como esses garotos se sentiam. Ele tossiu e cuspiu na palma da mão. Sua saliva estava preta. Imaginou como deveria estar sua aparência. Teria que tomar um banho antes que alguém o visse.

O garoto ficou de pé. O terceiro andar era tão silencioso quanto o primeiro e o segundo. A fuligem do cabelo caiu sobre o rosto e ele ficou cego por um momento. Então acabou se apoiando em uma estátua enquanto limpava os olhos. Quando conseguiu enxergar novamente, viu que estava apoiado em um dragão de pedra, idêntico ao que havia no primeiro andar. Olhou para a lareira. Também era idêntica. Na verdade...

Alex se perguntou se não teria cometido um terrível engano. Estava parado em um saguão que era absolutamente idêntico, em todos os detalhes, ao saguão do primeiro andar, o térreo. Havia os mesmos corredores, a mesma escada, a mesma lareira... até as mesmas cabeças de animais com expressões infelizes nas paredes. Era como se houvesse escalado em círculos e agora estivesse voltando ao começo. Ele se virou. Não. Existia uma diferença. Não havia porta principal. Ao olhar pela janela, podia ver o pátio da frente, lá embaixo. Um guarda encostado na parede fumava um cigarro. Aquele *era* o terceiro andar. Mas fora construído como uma perfeita réplica do primeiro.

Alex seguiu em frente, andando na ponta dos pés, preocupado com a possibilidade de alguém tê-lo ouvido escalando a lareira. Mas não havia ninguém à vista. Seguiu pelo corredor até a primeira porta. No primeiro andar, aquela era a porta da biblioteca. Bem devagar, um centímetro por vez, abriu a porta. Ela levava mesmo a uma segunda biblioteca: mais uma vez, a imagem perfeita da outra. Eram as mesmas mesas e cadeiras, a mesma armadura, guardando o mesmo vazio. Alex percorreu uma das estantes com os olhos. Até os livros eram os mesmos.

Mas havia uma diferença, ao menos uma diferença que Alex conseguiu perceber. Ele se sentia como se houvesse entrado em um desses passatempos publicados em revistas em quadrinhos: duas imagens idênticas, com sete erros. Você consegue localizá-los? O erro era que ali havia uma TV grande sobre uma prateleira na parede. A TV estava ligada e exibia a imagem de outra biblioteca. Ele estava começando a se sentir zozinho. Qual era a biblioteca na tela da TV? Não podia ser aquela em que se encontrava, pois ele não aparecia na tela. Portanto devia ser a biblioteca do primeiro andar.

Duas bibliotecas idênticas. E era possível sentar em uma e observar a outra. Por quê? Qual era o objetivo?

Alex levou cerca de dez minutos para descobrir que todo o terceiro andar era como uma cópia em carbono do primeiro: com o mesmo refeitório, as salas de estar e a sala de jogos. Foi até a mesa de sinuca e colocou uma bola no meio dela. A bola rolou para a caçapa do canto. A sala tinha o mesmo desnível. Uma tela de TV mostrava a sala de jogos do outro andar. Era exatamente como na biblioteca, um cômodo espionando o outro.

O garoto refez seus passos e subiu a escada para o quarto andar. Queria descobrir seu quarto, mas antes entrou no de James. Era outra cópia perfeita: os mesmos pôsteres de ficção científica, o mesmo mobile pendurado sobre a cama, a mesma luminária de lava sobre a mesma mesa. Havia até as roupas espalhadas no chão. Mas isso significava que alguém ocupara aquele quarto, observando cada movimento que James fazia, repetindo tudo o que ele fazia? E, se fosse isso, havia alguém fazendo o mesmo com ele, Alex?

Seguiu até a outra porta. Foi como entrar em seu quarto. Mais uma vez, lá estavam a mesma cama, a mesma mobília e a mesma TV. Ele a ligou. Exibia a imagem do quarto do primeiro andar, onde seu aparelho de MP3 estava em cima da cama. Assim como as roupas molhadas da noite anterior. Alguém estivera observando enquanto ele serrava a vareta da janela e descia pela parede? Alex sentiu um sobressalto de alarme, então se forçou a relaxar. O quarto em que estava — a cópia exata do dele — era diferente. Ninguém se mudara para lá, ainda. Ele podia dizer isso apenas observando o ambiente. A cama continuava arrumada, ninguém dormira nela. E pequenos detalhes ainda não haviam sido copiados. Não havia aparelho de MP3 no quarto duplicado. Nem roupas molhadas. Alex havia deixado a porta do armário aberta no andar de baixo. E ali ela estava fechada.

Tudo aquilo estava começando a parecer um quebra-cabeças desconcertante. Alex se forçou a pensar com calma. Todo garoto que chegava à academia era observado. Todas as ações dele eram copiadas. Se ele pendurasse um pôster na parede do quarto, um pôster idêntico seria pendurado em um quarto idêntico. Haveria alguém vivendo naquele quarto, fazendo tudo o que Alex fazia. Ele se lembrou da figura que vira de relance na véspera... alguém usando o que parecia ser uma máscara branca. Talvez aquela pessoa estivesse prestes a entrar na academia. Mas todas as evidências indicavam que, por alguma razão, ela ainda não estava ali.

E ainda havia a maior de todas as dúvidas. Para quê? Espionar os garotos era uma coisa. Mas copiar tudo o que eles faziam?

Uma porta bateu em algum lugar e Alex ouviu vozes: dois homens vinham descendo o corredor do lado de fora do quarto. O garoto abriu uma fresta da porta e olhou para fora. Só teve tempo de ver o dr. Grief entrar por uma porta com outro homem, baixo e gorducho, usando um jaleco

branco. Eles haviam entrado na lavanderia. Alex saiu do seu quarto duplicado e seguiu os dois.

— ... você completou o trabalho. Estou muito grato, sr. Baxter.

— Obrigado, dr. Grief.

Eles haviam deixado a porta aberta. Alex se abaixou e olhou para dentro. Finalmente um cômodo do terceiro andar que não era uma cópia do que havia no primeiro. Não havia máquinas de lavar roupa ou tábuas de passar, e sim uma fileira de pias e mais um conjunto de portas que dava para uma sala de cirurgia totalmente equipada, no mínimo duas vezes maior do que a lavanderia no primeiro andar. No centro da sala, estava uma mesa de operação. As paredes eram cheias de prateleiras com equipamento cirúrgico, produtos químicos e, espalhadas pela superfície, o que pareciam ser fotos em preto e branco.

Uma sala de cirurgia! Como esse cômodo se encaixava nesse bizarro e demoníaco quebra-cabeças? Os dois homens haviam entrado ali e estavam conversando, Grief parado com uma das mãos no bolso. Alex esperou o momento certo e se esgueirou com cuidado para a sala anterior, agachando-se ao lado de uma das pias. O segundo conjunto de portas fora deixado aberto. De onde estava, o garoto conseguia ver e ouvir os dois conversando.

— Então... espero que esteja satisfeito com a última operação. — Quem falava era o sr. Baxter. Ele estava com o corpo meio virado na direção das portas e Alex pôde ver um rosto redondo e flácido, com cabelos louros e um bigode fino. Baxter usava uma gravata-borboleta e um terno xadrez por baixo do jaleco. Alex tinha certeza de que nunca vira o homem antes. Mesmo assim, tinha a sensação de conhecê-lo. Outro quebra-cabeças!

— Inteiramente — respondeu o dr. Grief. — Eu o vi logo depois que retiraram as ataduras. Você se saiu muito bem.

— Sempre faço o melhor. Mas também é para isso que me paga — Baxter riu. Seu tom era bajulador. — E, já que tocamos nesse assunto, talvez pudéssemos falar sobre o meu pagamento final.

— Você já recebeu um milhão de dólares.

— Sim, dr. Grief — Baxter sorriu. — Mas estava pensando se o senhor não gostaria de considerar a possibilidade de me pagar um pequeno... bônus.

— Achei que tínhamos um acordo — o dr. Grief virou a cabeça muito lentamente, as lentes vermelhas se voltaram para o outro homem como holofotes.

— Sim, tínhamos um acordo sobre meu trabalho. Mas meu silêncio já é outra questão. Estava pensando em mais 250 mil dólares. Dado o tamanho e a importância do Projeto Gemini, não é pedir muito. Então me aposentarei em minha casinha na Espanha e o senhor nunca mais voltará a ouvir falar de mim.

— Nunca mais voltarei a ouvir falar de você?

— Eu prometo.

O dr. Grief concordou.

— Sim. Acho que é uma boa ideia.

Ele levou a mão ao bolso. Alex viu quando pegou uma pistola automática com um silenciador potente se destacando no cano. Baxter ainda estava sorrindo quando Grief lhe acertou um tiro bem no meio da testa. O corpo do homem foi arremessado para cima da mesa de operações e ele não se mexeu mais.

O dr. Grief abaixou o revólver, foi até o telefone e discou um número. Houve uma pausa até a chamada ser atendida. Então...

— Aqui é Grief. Há lixo aguardando para ser recolhido na sala de cirurgia. Pode, por favor, informar à equipe de limpeza?

Ele voltou a colocar o fone no gancho, olhou uma última vez para o homem morto sobre a mesa e saiu da sala. Alex viu Grief pressionar um botão e parte da parede se abrir, revelando um elevador do outro lado. O dr. Grief entrou e as portas se fecharam.

Alex se levantou, chocado demais para conseguir pensar direito. Entrou cambaleando na sala de cirurgia. Sabia que precisava agir rápido. A equipe de limpeza que o dr. Grief chamara já devia estar a caminho. Mas o garoto queria saber que tipo de operação era feita ali. O sr. Baxter provavelmente era um cirurgião. Mas que trabalho teria feito para receber um milhão de dólares?

O garoto examinou tudo ao redor, tentando não olhar para o corpo. Em uma das prateleiras, estava uma coleção de bisturis, uma das coisas mais horríveis que ele já vira, com as lâminas tão afiadas que, só de olhar para elas, dava para imaginar a sensação de corte. Havia rolos de gaze, seringas e frascos contendo vários líquidos. Mas nada daquilo revelava o que Bax-

ter realmente fazia. Alex percebeu que não tinha como descobrir. Ele não sabia nada de medicina. Aquela sala poderia ser usada para qualquer coisa, desde remoção de unhas encravadas até uma cirurgia cardíaca.

Então ele viu as fotos. E se reconheceu deitado em uma cama que lhe pareceu conhecer também. Era Paris! O quarto 13 do Hotel du Monde. Lembrava-se do edredom preto e branco e também das roupas que usara naquela noite. As mesmas roupas das quais havia sido despido na maioria das fotos. Cada centímetro de seu corpo fora fotografado, às vezes bem de perto, às vezes a certa distância. Em todas as fotos ele estava com os olhos fechados. Ao olhar para si mesmo, Alex soube que havia sido drogado e, pela primeira vez, se lembrou de como havia terminado o jantar com a sra. Stellenbosch.

As fotos o deixaram nauseado. Havia sido manipulado por pessoas que achavam que não valia nada. Alex não gostara do dr. Grief e de sua vice-diretora desde o instante em que os conhecera. Agora sentia o mais puro ódio. Ainda não sabia o que estavam fazendo. Mas sem dúvida era algo terrível. E precisavam ser detidos.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo som de passos subindo as escadas. A equipe de limpeza! Alex olhou ao redor e praguejou. Não tinha tempo para sair e não havia onde se esconder. Então ele se lembrou do elevador. Foi até a parede e apertou o botão apressadamente. Os passos estavam cada vez mais próximos. Ouviu vozes e então o painel na parede deslizou e ele entrou em um elevador pequeno, prateado. Havia cinco botões: *S*, *R*, *1*, *2* e *3*. Ele pressionou o *R*. Seu francês era bom o bastante para que ele soubesse que *R* devia se referir a *rez-de-chaussée...* ou térreo. Com sorte, o elevador o levaria para o primeiro andar, onde ele havia começado aquela jornada.

As portas se fecharam alguns segundos antes de os guardas entrarem na sala de cirurgia. Alex sentia o estômago embrulhado enquanto descia. O elevador diminuiu a velocidade e o garoto se deu conta de que as portas poderiam se abrir em qualquer andar. Talvez desse de cara com guardas... ou com outros garotos da escola. Bem, era tarde. Fizera sua escolha sem pensar e teria que lidar com o que encontrasse.

Mas estava com sorte. As portas se abriram para a biblioteca. Alex presumiu que aquela era a verdadeira, e não outra cópia. O cômodo estava vazio. Saiu do elevador e se virou. Estava de frente para o vão. As portas do

elevador formavam a parede do vão. Eram muito bem camufladas, porque a armadura se dividia em duas partes, uma de cada lado. As portas se fecharam automaticamente e a armadura voltou a ficar inteira, disfarçando completamente o elevador. Apesar de tudo, Alex teve que admirar a simplicidade do recurso. O prédio todo era uma fantástica caixa de surpresas.

Ele olhou para as suas mãos. Ainda estavam imundas. Quase se esquecera de que estava completamente coberto de fuligem. Esgueirou-se para fora da biblioteca, tentando não deixar pegadas pretas no carpete, e se apressou em direção a seu quarto. Quando chegou, precisou lembrar a si mesmo de que aquele era mesmo seu quarto, e não a cópia que ficava dois andares acima. Mas o aparelho de MP3 estava ali e era exatamente o que Alex mais precisava.

Já sabia o bastante. Estava na hora de chamar a cavalaria. Pressionou três vezes o comando de avançar a música e foi tomar um banho de chuveiro.

TÁTICAS DE ATRASO

CHOVIA EM LONDRES, uma chuva que, aparentemente, não ia parar nunca. O tráfego intenso, típico do início da noite, parecia não se mover. Alan Blunt estava parado na janela, olhando para a rua, quando alguém bateu na porta. Ele se virou quase com relutância, como se a cidade com aquela aparência úmida e lúgubre exercesse uma atração sobre ele. A sra. Jones entrou com uma folha de papel nas mãos. Quando Blunt se sentou atrás de sua escrivaninha, percebeu as duas palavras “muito urgente” impressas em vermelho no topo da folha.

— Recebemos notícias de Alex — disse a sra. Jones.

— É mesmo?

— Smithers deu a ele um transmissor via satélite disfarçado dentro de um aparelho de MP3. Alex nos mandou um sinal esta manhã, às 11h27, pela hora de Point Blanc.

— E isso quer dizer...

— Que ou ele está com problemas, ou encontrou alguma coisa importante o bastante para nos fazer entrar lá. De qualquer modo, temos que resgatá-lo.

— Fico pensando... — Blunt se recostou na cadeira absorvido nos próprios pensamentos. Quando jovem, ele se formara em matemática com louvor na Universidade de Cambridge. Trinta anos mais tarde, ainda via a vida como uma série de cálculos complicados. — Alex está há quanto tempo em Point Blanc? — perguntou.

— Há uma semana.

— Pelo que me recordo, ele não queria ir para lá. De acordo com sir David Friend, o comportamento de Alex em Haverstock Hall foi, para dizer o mínimo, antissocial. Você sabia que ele deixou a filha de Friend desacordada com um dardo paralisante? E, ao que parece, ele também quase fez com que ela fosse morta em um incidente em um túnel na ferrovia.

A sra. Jones sentou-se.

— O que está dizendo, Alan? — ela quis saber.

— Apenas que Alex não é cem por cento confiável.

— Ele mandou a mensagem — a sra. Jones não conseguiu esconder a irritação em seu tom de voz. — Pelo que sabemos, pode estar correndo sério perigo. Nós lhe demos o aparelho como um alerta de emergência, para nos avisar caso precisasse de ajuda. Ele o usou. Não podemos ficar aqui sentados sem fazer nada.

— Não foi o que sugeri — Alan Blunt olhou com uma expressão de curiosidade para sua chefe de operações. — Você não está criando algum tipo de laço com Alex, está? — perguntou.

A sra. Jones desviou o olhar.

— Não seja absurdo.

— Parece preocupada com ele.

— O garoto tem 14 anos! É uma criança, pelo amor de Deus!

— Você está acostumada com crianças.

— Sim — a sra. Jones voltou-se novamente para ele. — Talvez isso faça alguma diferença. Mas até você precisa admitir que Alex é especial. Não temos outro agente como ele. Um garoto de 14 anos! A arma secreta perfeita. Meus sentimentos a respeito dele não têm nada a ver com isso. Não podemos nos permitir perdê-lo.

— Simplesmente não quero invadir Point Blanc sem uma informação consistente — falou Blunt. — Em primeiro lugar, estamos falando da França, e você sabe como são os franceses. Se parecer que estamos invadindo o território deles, vão arrumar uma confusão dos diabos. Em segundo lugar, Grief tem sob custódia garotos das famílias mais influentes do mundo. Se entrarmos lá intempestivamente com o Serviço Aéreo Especial ou coisa parecida, a coisa toda pode acabar se transformando em um enorme incidente internacional.

— Você queria uma prova de que a escola tinha ligação com as mortes de Roscoe e Ivanov — disse a sra. Jones. — Alex deve tê-la.

— Pode ser que sim e pode ser que não. Um atraso de 24 horas não deve fazer grande diferença.

— Vinte e quatro horas?

— Vamos deixar uma unidade de sobreaviso. Eles podem ficar de olho na situação. Se Alex estiver em perigo, logo saberemos. E pode acabar sendo bom para nós, se as coisas chegarem a algum extremo. É exatamente isso o que queremos. Forçar Grief a se expor.

— E se Alex nos contatar novamente?

— Então iremos.

— Pode ser tarde demais.

— Para Alex? — Blunt não demonstrava nenhuma emoção. — Estou certo de que não precisamos nos preocupar com ele, sra. Jones. Alex sabe se cuidar.

O telefone tocou e Blunt atendeu. A discussão estava encerrada. A sra. Jones se levantou e saiu para tomar as providências necessárias para que uma unidade do Serviço Aéreo Especial partisse para Genebra. Blunt estava certo, lógico. Táticas de atraso deviam trabalhar a favor deles. Deixariam tudo em paz com os franceses e poderiam descobrir o que estava acontecendo. E seriam só 24 horas.

Só restava torcer para que Alex sobrevivesse a esse período de tempo.

Alex se viu tomando café da manhã sozinho. Pela primeira vez, James Sprintz decidira se juntar aos outros garotos. Lá estavam os seis, subitamente transformados nos melhores amigos. Ele observou com cuidado o garoto que fora seu amigo, tentando descobrir o que mudara nele. Sabia a resposta. Era tudo e nada. James continuava exatamente o mesmo, porém estava muito diferente.

Alex terminou de comer e se levantou. James o chamou.

— Por que não vem assistir à aula desta tarde, Alex? É de Latim.

Alex balançou a cabeça, negando.

— Latim é uma perda de tempo.

— É isso o que você acha? — o garoto não conseguiu disfarçar o desprezo na voz e, por um instante, Alex ficou surpreso. Naquele segundo, não fora James falando de jeito nenhum. James mexera a boca, mas quem dissera as palavras fora o dr. Grief.

— Divirta-se — falou Alex. E saiu apressado do refeitório.

Mais de 20 horas haviam se passado desde que ele apertara o comando de avançar a música no aparelho de MP3. Alex não sabia muito bem o que aguardava. Uma frota de helicópteros tremulando a bandeira da Inglaterra teria sido bastante reconfortante. Mas até o momento nada havia acontecido. Ele já estava se perguntando se o sinal de alerta havia funcionado. Ao mesmo tempo, estava aborrecido consigo mesmo. Vira Grief matar o homem chamado Baxter na sala de cirurgia e entrara em pânico. Sabia que Grief era um assassino. Sabia que a academia era muito mais que a escola

de boas maneiras que fingia ser. Mas ainda não tinha todas as respostas. O que exatamente o dr. Grief estava fazendo? Fora ele o responsável pelas mortes de Michael J. Roscoe e Viktor Ivanov? E, em caso afirmativo, por que fizera isso?

A verdade era que não sabia o bastante. E até que o MI6 chegasse, o corpo do dr. Baxter já teria sido enterrado em algum lugar nas montanhas e não haveria nada que sugerisse algo de errado na academia. Alex pareceria um tolo. Ele quase podia imaginar o dr. Grief contando seu lado da história...

“Sim. Há uma sala de cirurgia aqui. Foi construída anos atrás. Nunca usamos os dois últimos andares. Há um elevador, sim. Foi construído antes de virmos para cá. E explicamos a Alex sobre os guardas armados. Estão aqui para a proteção dele. Mas, como podem ver, cavalheiros, não há nada de errado acontecendo aqui. Os outros rapazes estão ótimos. Baxter? Não, não conheço ninguém com esse nome. Obviamente, Alex anda tendo pesadelos. É impressionante que ele tenha sido mandado para cá para nos espionar... Terei que pedir que o levem com vocês quando saírem...”

Ele precisava descobrir mais coisas — e isso significava voltar a subir ao terceiro andar. Ou talvez descer. Alex se lembrou das letras no elevador. *R* para *rez-de-chaussée*. *S* tinha que ser para *sous-sol*, a palavra em francês para subsolo.

Ele foi até a sala onde acontecia a aula de Latim e olhou pela porta entreaberta. O dr. Grief não estava à vista, mas Alex pôde ouvir a voz dele.

— *Felix quipotuit rerum cognoscere causus...*

Ele também ouviu o som do giz no quadro-negro. Os seis garotos sentados a suas mesas ouviam atentamente. James, sentado entre Hugo e Tom, tomava nota. Alex checkou o relógio. A aula continuaria por mais uma hora. Até lá, estaria sozinho.

Desceu de volta o corredor e se esgueirou para dentro da biblioteca. Quando acordara naquela manhã, ainda sentira um leve cheiro de fuligem em seu corpo e não tinha a menor intenção de usar novamente a chaminé. Em lugar disso, foi até a armadura. Sabia que o vão disfarçava um par de portas de elevador. Podiam ser abertas por dentro e Alex presumiu que deveria haver um botão de controle também do lado de fora.

Ele levou apenas alguns minutos para encontrá-lo. Havia três botões escondidos no peitoral da armadura. Mesmo olhando bem de perto, eles pa-

reciam parte da armadura... algo que o cavaleiro medieval teria usado para ajustá-la. Mas, quando Alex pressionou o botão do meio, ele se moveu. Um instante depois, a armadura se abria ao meio e ele se viu olhando para dentro do elevador parado.

Dessa vez, Alex desceu ao invés de subir. O elevador pareceu demorar um longo tempo, como se o subsolo do prédio ficasse bem no fundo da terra. Finalmente, as portas se abriram novamente. O corredor curvo com paredes azulejadas lembravam um pouco uma estação do metrô de Londres. O ar era frio ali embaixo. O corredor era iluminado por lâmpadas presas ao teto em intervalos.

Olhou para a frente e recuou abaixado. Um guarda estava sentado diante da mesa no fim do corredor, lendo um jornal. Será que ele tinha ouvido as portas do elevador se abrindo? Alex avançou um pouco mais. O guarda, concentrado nas páginas de esporte, não se moveu. O garoto seguiu em frente e passou rastejando pelo corredor, afastando-se do guarda. Chegou a um canto e virou em um segundo corredor, onde se encontravam várias portas de aço alinhadas. Não havia mais ninguém à vista.

Onde estava? Tinha que haver alguma coisa ali ou não seria necessário um guarda. Alex seguiu até a porta mais próxima. Havia um olho mágico bem no meio dela e o garoto olhou através dele, viu uma cela branca, nua, com dois beliches, um vaso sanitário e uma pia. Dois garotos estavam ali dentro. Um deles, ele nunca havia visto, mas reconheceu o outro. Era o garoto de cabelos vermelhos, Tom McMorin. Mas ele vira Tom na aula de Latim apenas alguns minutos atrás! O que Tom estava fazendo ali?

Seguiu adiante até a outra cela, onde também havia dois garotos. Um deles era louro, de olhos azuis, sardas e de boa aparência. Mais uma vez ele reconheceu um deles. Era James Sprintz. Alex examinou a porta. Havia dois ferrolhos, mas, até onde podia ver, nenhuma chave. Puxou os ferrolhos, empurrou a porta, que se abriu, e entrou.

James se levantou surpreso por ver Alex.

— Alex! O que está fazendo aqui?

Alex fechou a porta.

— Não temos muito tempo — sussurrou, embora houvesse pouca chance de ser ouvido. — O que aconteceu com vocês?

— Eles me pegaram na noite passada — disse James. — Fui arrancado da minha cama e arrastado até a biblioteca. Havia um tipo de elevador...

— Atrás da armadura.

— Sim. Eu não sabia o que estavam fazendo. Achei que iam me matar, mas então me jogaram aqui.

— Você está aqui há dois dias?

— Sim.

Alex balançou a cabeça.

— Eu o vi tomando café da manhã lá em cima há 15 minutos.

— Eles fizeram réplicas de nós — o outro garoto falou pela primeira vez. Ele tinha sotaque americano. — De todos nós! Não sei como fazem isso ou por quê. Mas foi o que fizeram — o garoto olhou com raiva para a porta. — Estou aqui há meses. Meu nome é Paulo Roscoe.

— Roscoe! Seu pai é...

— Michael Roscoe.

Alex se calou. Não podia contar ao garoto o que acontecera ao pai dele, por isso desviou os olhos, com medo de que Paul pudesse ler a verdade em seus olhos.

— Como conseguiu descer até aqui? — perguntou James.

— Escutem — disse Alex. Ele agora falava rápido. — Fui mandado aqui pelo MI6. Meu nome não é Alex Friend. É Alex Rider. Tudo vai ficar bem. Eles vão mandar agentes e vocês serão libertados.

— Você é um espião? — James estava mais do que surpreso.

Alex concordou.

— Um tipo de espião, acho — respondeu.

— Você abriu a porta. Podemos sair daqui! — Paul Roscoe se levantou pronto para sair.

— Não! — Alex ergueu as mãos. — Vocês precisam esperar. Não tem como descer a montanha. Fiquem aqui por enquanto e eu voltarei com ajuda. Prometo a vocês. É o único modo.

— Não posso...

— Você precisa. Acredite em mim, Paul. Vou precisar trancá-los de novo, para que ninguém saiba que estive aqui. Mas não vou demorar. Logo estarei de volta.

Alex não podia esperar que eles dissessem mais nada. Voltou até a porta e abriu-a.

A sra. Stellenbosch estava parada do lado de fora.

O garoto mal teve tempo de registrar o choque de vê-la. Tentou erguer a mão para se proteger e girar o corpo na posição de um golpe de caratê, mas era tarde demais. A mulher acertou o rosto dele com as costas da mão. Foi como ser atingido por uma parede de tijolos. Alex sentiu todos os ossos do corpo chacoalharem e estrelas explodiram por trás de seus olhos. Então ele desmaiou.

COMO GOVERNAR O MUNDO

— **ABRA OS OLHOS, ALEX.** O dr. Grief quer falar com você.

As palavras pareciam vir do outro lado do oceano. Alex gemeu e tentou levantar a cabeça. Estava sentado, com os braços algemados para trás. Um lado do seu rosto estava dolorido e inchado e ele sentia gosto de sangue na boca. Abriu os olhos e esperou que a sala entrasse em foco. A sra. Stellenbosch estava parada na frente dele, com um dos punhos cerrados. O garoto se lembrou da força do golpe que o nocauteara. A cabeça dele latejava e ele passou a língua pelos dentes para ver se faltava algum. Por sorte havia rolado ao receber o soco. Caso contrário, teria quebrado o pescoço.

O dr. Grief, sentado em sua cadeira dourada, observava com uma expressão que tanto poderia ser de curiosidade, quanto de desgosto, ou talvez um pouco de cada. Não havia ninguém mais na sala. Ainda nevava lá fora e a lareira estava acesa. As chamas não eram tão vermelhas quanto os olhos do dr. Grief.

— Você nos colocou em uma situação muito inconveniente — disse o homem.

Alex ergueu a cabeça. Tentou mover as mãos, porém haviam sido amarradas juntas atrás da cadeira.

— Seu nome não é Alex Friend. E você não é filho de sir David Friend. Seu nome é Alex Rider e você trabalha para o serviço secreto britânico — o dr. Grief estava simplesmente expondo os fatos. Não havia emoção alguma em sua voz.

— Temos microfones escondidos nas celas — explicou a vice-diretora Stellenbosch. — Às vezes é útil para nós ouvirmos as conversas entre os jovens hóspedes. Tudo o que você disse foi ouvido pelo guarda que me chamou.

— Você nos fez perder tempo e dinheiro — continuou o dr. Grief. — Por isso será castigado. E não é o tipo de castigo ao qual conseguirá sobreviver.

As palavras eram frias e decididas e apavoraram Alex. O medo disparou, frio, pela corrente sanguínea e apertou o coração do garoto. Ele respirou fundo, tentando recuperar o controle. Havia alertado o serviço secreto

britânico. Eles deviam estar a caminho de Point Blanc. Poderiam aparecer a qualquer instante. Só precisava ganhar tempo.

— Você não pode fazer nada comigo — disse.

A sra. Stellenbosch reagiu de repente e Alex quase foi atirado para trás quando a mão dela o atingiu na cabeça, de lado. Apenas a cadeira o impediu de cair.

— Quando falar com o diretor, deve se referir a ele como “dr. Grief” — disse ela.

Alex olhou novamente ao redor, os olhos lacrimejando de dor.

— Não pode fazer nada comigo, dr. Grief — falou. — Sei tudo. Sei sobre o Projeto Gemini. E já informei a Londres o que eu sei. Se fizer alguma coisa comigo, eles vão matá-lo. Já estão a caminho daqui.

O dr. Grief sorriu e, naquele único instante, Alex soube que nada do que dissesse mudaria o que estava prestes a lhe acontecer. O homem era confiante demais. Era como um jogador de pôquer que não apenas conseguia ver todas as cartas, mas também já roubara os quatro ases.

— Pode ser verdade que seus amigos estejam a caminho — disse. — Mas não acho que você tenha contado tudo a eles. Revistamos a sua bagagem e encontramos o aparelho transmissor disfarçado no aparelho de MP3. Também percebi que ali há um engenhoso raio laser embutido. Mas, voltando ao transmissor, ele pode emitir um sinal de alerta, mas não uma mensagem. Como você soube a respeito do Projeto Gemini é algo que não me interessa. Presumo que tenha ouvido o nome enquanto escutava atrás das portas. Deveríamos ter sido mais cuidadosos... no entanto, a inteligência britânica mandar um garoto... isso é algo que não esperávamos.

— Vamos presumir que seus amigos realmente tenham atendido ao seu chamado. Pois não vão encontrar nada. Você mesmo já terá desaparecido. Vou dizer a eles que fugiu. Direi que meus homens o estão procurando até agora, mas que temo que você tenha morrido de frio e que seu corpo esteja na encosta da montanha. Ninguém vai imaginar o que fazemos aqui. O Projeto Gemini será bem-sucedido. Ele *já* é bem-sucedido. E, mesmo que seus amigos resolvam me matar, isso não fará a menor diferença. Não posso ser morto, Alex. O mundo já é meu.

— Você quer dizer que o mundo é dos garotos que contratou para agirem como dublês — falou Alex.

— Contratei? — o dr. Grief murmurou algumas palavras para a sra. Stellenbosch em uma língua de som áspero, gutural. Alex deduziu que devia ser africânder. Os lábios grossos da mulher se abriram e ela deu uma gargalhada, mostrando os dentes grandes, feios e manchados.

— É isso o que você pensa? — perguntou o dr. Grief. — É nisso que acredita?

— Eu vi...

— Você não sabe o que viu. Não consegue compreender o gênio que sou! Sua mente pequena não consegue alcançar o que conquistei — o dr. Grief respirava pesadamente. Parecia estar tomando uma decisão. — É muito raro que eu fique cara a cara com o inimigo — falou. — Minha frustração sempre foi não poder comunicar ao mundo a maravilha que eu havia feito. Bem, já que você está aqui, uma audiência literalmente cativa, por assim dizer, vou me permitir o prazer de descrever o Projeto Gemini. E, quando caminhar gritando para a sua morte, entenderá que jamais houve esperança alguma para você. Não existe a menor possibilidade de alguém se insurgir contra um homem como eu e sair ganhando. Talvez isso torne as coisas mais fáceis para você.

— Vou fumar, se não se importa, dr. Grief. — disse a sra. Stellenbosch. Ela pegou um charuto e acendeu. A fumaça dançava na frente dos olhos da mulher.

— Sou sul-africano, como estou certo de que já sabe — começou o dr. Grief. — Os animais no saguão de entrada e nesta sala são lembranças dos tempos que passei na minha terra natal e foram mortos em safáris. Ainda sinto falta do meu país. É o lugar mais lindo do planeta.

— No entanto, o que você talvez não saiba é que durante muitos anos fui um dos bioquímicos mais renomados da África do Sul. Estive à frente do departamento de biologia da Universidade de Johannesburgo. E depois fui responsável pela administração do Instituto Cyclops de Pesquisa Genética, em Pretória. Mas o ponto alto da minha carreira foi nos anos 60 quando, embora eu ainda estivesse com vinte e poucos anos, o presidente do meu país, John Vorster, me indicou como ministro da Ciência.

— Você já disse que vai me matar — falou Alex —, mas não achei que estava pretendendo me matar de tédio.

A sra. Stellenbosch tossiu por causa da fumaça do charuto e avançou para Alex, o punho cerrado. Mas o dr. Grief a deteve.

— Deixe o garoto fazer uma piadinha — falou o homem. — Ele sentirá bastante dor mais tarde.

A vice-diretora olhou com ódio para Alex, mas voltou a se sentar. O dr. Grief continuou.

— Estou lhe contando isso, Alex, apenas porque vai ajudá-lo a entender. Talvez você não saiba nada sobre a África do Sul. Descobri que os estudantes ingleses são os mais preguiçosos e ignorantes do mundo. Mas tudo isso logo vai mudar! Agora deixe eu lhe falar um pouco sobre o meu país, sobre como ele era na minha juventude.

— As pessoas brancas na África do Sul dominavam tudo. Sob as leis que acabaram conhecidas no mundo com o nome de apartheid, as pessoas negras não tinham permissão para viver perto das brancas, nem de se casar com elas. Não podiam dividir os mesmos banheiros, restaurantes, estádios ou bares. Tinham que carregar passes, uma espécie de salvo-conduto. Eram tratadas como animais.

— Era um horror — disse Alex.

— Era uma maravilha! — murmurou a sra. Stellenbosch.

— Era realmente perfeito — concordou o dr. Grief. — Mas os anos se passaram e eu percebi que aquela situação não se sustentaria por muito tempo. O levante de Soweto, a resistência crescente e o modo como o mundo todo, incluindo o seu país nojento, conspirava contra nós... Eu sabia que a África do Sul branca estava condenada e até previ o dia em que o poder seria entregue a um homem como Nelson Mandela.

— Um criminoso! — acrescentou a sra. Stellenbosch. A fumaça saía por suas narinas.

Alex não disse nada. Estava bem claro que tanto o dr. Grief quanto a vice-diretora eram loucos. Mas o grau dessa loucura estava se tornando cada vez mais evidente a cada palavra que diziam.

— Eu olhei para o mundo — disse o dr. Grief — e comecei a perceber quanto ele estava se tornando fraco e patético. Como um país como o meu podia ter se submetido a pessoas que não tinham nenhuma ideia de como governá-lo? E por que o resto do mundo também estava tão determinado a concordar com isso? Olhei ao redor e vi que as pessoas da América e da Europa haviam se tornado estúpidas e fracas. A queda do Muro de Berlim só tornou tudo ainda pior. Sempre admirei os russos, mas eles rapidamente

foram infectados com a mesma doença. Então, pensei comigo mesmo como o mundo seria mais forte se eu o governasse. Como seria melhor...

— Para o senhor, talvez, dr. Grief. — disse Alex. — Mas para mais ninguém.

Grief o ignorou. Seus olhos brilhavam por trás das grossas lentes vermelhas.

— Poucos homens tiveram o sonho de dominar o mundo inteiro — continuou. — Hitler foi um deles. Napoleão, outro. Stalin, talvez, um terceiro. Grandes homens! Memoráveis! Mas dominar o mundo no século 21 requer algo além de força militar. O mundo de hoje é um lugar mais complicado. Onde reside o verdadeiro poder? Oh, sim... na política. Primeiros-ministros e presidentes. Mas você também vai encontrar poder na indústria, na ciência, na mídia, no petróleo, na internet... A vida moderna é uma grande colcha de retalhos e, se quiser controlar tudo, deve ter o domínio de todas as partes que a compõem.

— E foi isso o que decidi fazer, Alex. E foi por causa da minha posição especial naquele lugar singular que era a África do Sul que fui capaz de colocar meu plano em prática — Grief respirou fundo. — Você sabe o que é transplante nuclear? — perguntou.

— Não sei nada — respondeu Alex. — Mas, como o senhor disse, sou um estudante inglês. Preguiçoso e ignorante.

— Há outra palavra para descrever o que mencionei. Já ouviu falar de clonagem?

Alex quase deixou escapar uma gargalhada.

— Está falando do que foi feito com a ovelha Dolly?

— Para você pode ser uma piada, Alex. Algo saído da ficção científica. Mas os cientistas vêm pesquisando modos de se replicarem há mais de cem anos. A palavra original vem do grego.

— É a palavra grega para galhos — resmungou a sra. Stellenbosch.

— Pense em como um ramo começa como se fosse apenas um galho, mas logo se divide em dois — continuou Grief. — Foi exatamente isso o que se conseguiu fazer com lagartos, ouriços-do-mar, girinos e sapos e, sim, em 5 de julho de 1996, com uma ovelha. A teoria é bem simples. Transplante nuclear: tirar o núcleo de um ovo e substituí-lo por uma célula tirada de um indivíduo adulto. Não vou cansá-lo com os detalhes, Alex. Mas não é uma piada. Dolly é a cópia perfeita de uma ovelha que havia

morrido seis anos antes. Ela foi o resultado de nada menos que cem anos de experiências. E, durante todo esse tempo, os cientistas compartilham um mesmo sonho: clonar um humano adulto. Bem... eu realizei esse sonho!

Ele fez uma pausa.

— Se estiver esperando uma salva de palmas, terá que tirar as algemas — disse Alex.

— Não quero aplausos — resmungou Grief. — Não de você. O que quero de você é sua vida, e isso eu vou ter.

— Então, quem o senhor clonou? — perguntou Alex. — Não foi a sra. Stellenbosch, espero. Acho que um exemplar dela no mundo já é até demais.

— O que você acha? Clonei a mim mesmo! — o dr. Grief agarrou os braços da cadeira, um rei no trono de sua própria imaginação. — Comecei meu trabalho vinte anos atrás — explicou. — Eu lhe disse, fui ministro da Ciência. Tinha acesso a todo o equipamento e dinheiro de que precisava. Afinal, estava na África do Sul! As regras que atrasavam os outros cientistas ao redor do mundo não se aplicavam a mim. Eu podia usar seres humanos nas minhas experiências, presos políticos. Tudo era feito em segredo. Trabalhei sem parar por vinte anos. Então, quando estava pronto, roubei uma enorme quantia de dinheiro do governo da África do Sul e me mudei para cá.

O dr. Grief respirou e continuou:

— Isso foi em 1981. Seis anos mais tarde, quase uma década antes de um cientista inglês surpreender o mundo ao clonar uma ovelha, fiz algo muito, muito mais extraordinário... aqui, em Point Blanc. Clonei a mim mesmo. Não apenas uma vez! Mas 16 vezes. Fiz 16 cópias exatas de mim. Com minha aparência, meu cérebro, minha ambição, minha determinação.

— Eram todos loucos como você, também? — perguntou Alex e se encolheu quando a sra. Stellenbosch o acertou novamente, dessa vez na barriga. Mas ele queria deixá-los furiosos. Se ficassem furiosos, talvez comessem erros.

— No começo, eram bebês — disse o dr. Grief. — Dezesseis bebês que cresceriam para se tornar réplicas de mim mesmo. Tive que esperar 14 anos para que os bebês se tornassem meninos e para que esses meninos vi-

rassem adolescentes. Eva, a sra. Stellenbosch, foi a mãe de todos eles. Você os conheceu... alguns deles.

— Tom, Cassian, Nicolas, Hugo, Joe. E James... — agora Alex estava entendendo por que de algum modo todos os garotos se pareciam.

— Está entendendo, Alex? Tem ideia do que fiz? Nunca morrerei porque, mesmo que este corpo aqui acabe, eu viverei neles. *Sou* eles, assim como eles *são* eu. Somos um só.

O homem sorriu novamente.

— Eva me ajudou em tudo, ela havia trabalhado comigo para o governo da África do Sul, no BOSS, nosso serviço secreto. Era uma das principais interrogadoras.

— Dias felizes! — murmurou a sra. Stellenbosch.

— Abrimos esta academia juntos. Porque, você entende, meu plano tem uma segunda parte. Criei 16 cópias de mim mesmo. Mas isso não é o bastante. Você se lembra do que eu disse sobre ter o domínio de todas as partes da colcha de retalhos? Tive que trazê-los para cá, reuni-los aqui.

— Para substituí-los por cópias suas! — de repente Alex entendeu tudo. Era uma loucura completa. Mas só assim o que vira fazia sentido.

O dr. Grief concordou.

— Observei que famílias ricas e poderosas costumam ter filhos problemáticos. Os pais não têm tempo para os filhos, os filhos não amam os pais. Essas crianças se tornaram meus alvos. Porque, você entende, queria o que elas tinham.

— Vamos tomar como exemplo um garoto como Hugo Vries. Um dia o pai deixará para ele 50% do mercado de diamantes do mundo. Ou Tom McMorin, a mãe dele é dona de jornais no mundo todo. Ou Joe Canterbury, o pai dele trabalha no Pentágono e a mãe é senadora. Que começo poderia ser melhor para uma carreira política?

Ou até mesmo para ser presidente dos Estados Unidos? Substituí 15 dos garotos mais promissores do mundo que foram mandados para cá, para Point Blanc, por cópias minhas. Cirurgicamente alteradas, é claro, para se parecerem exatamente como o original.

— Baxter... o homem em quem atirou...

— Você andou ocupado, Alex — pela primeira vez, o dr. Grief pareceu surpreso. — O falecido sr. Baxter era cirurgião plástico. Eu o conheci quando ele trabalhava na Harley Street, em Londres. Baxter tinha dívidas

de jogo e foi fácil tê-lo sob meu controle. O trabalho dele era operar a minha família, mudar rostos, cor da pele e o que mais fosse necessário para que tivessem exatamente a mesma aparência dos adolescentes que estavam substituindo. No instante em que os adolescentes de verdade chegavam aqui a Point Blanc, passavam a ser mantidos em observação.

— Com quartos idênticos no terceiro e quarto andares.

— Sim. Meus clones podiam observar seus originais através de monitores de TV. Podiam copiar cada movimento, aprender seus maneirismos, comer como eles, falar como eles. Resumindo, podiam se tornar o garoto que observavam.

— Isso jamais funcionaria! — Alex se retorceu na cadeira, tentando achar uma folga nas algemas. Mas o metal estava apertado demais. Ele não conseguia se mexer. — Os pais vão acabar descobrindo que o filho que vocês mandaram de volta é falso! — ele insistiu. — Qualquer mãe consegue saber que aquele não é seu filho, mesmo que se pareça com ele.

A sra. Stellenbosch riu. Ela havia terminado o primeiro charuto e já acendia outro.

— Você está completamente errado, Alex — disse o dr. Grief. — Em primeiro lugar, está falando de pais ocupados, que trabalham muito e quase não têm tempo para os filhos. E esquece que a razão de essas pessoas terem mandados os filhos para cá foi porque *queriam* que eles mudassem. É para isso que os pais inscrevem os filhos em escolas de boas maneiras. Oh, sim, eles acham que as escolas deixarão os adolescentes melhores, mais inteligentes e confiantes. Ficariam inclusive desapontados se os filhos voltassem do mesmo jeito.

— E a natureza também está a nosso favor. Um garoto de 14 anos deixa sua casa por 5 ou 6 meses. Quando volta, a natureza também já deixou sua marca. O garoto vai estar mais alto. Pode estar mais gordo ou mais magro. Até a voz terá mudado. É parte da puberdade, e os pais quando o virem dirão: “Oh, Tom, você está tão grande, tão alto!” E não vão suspeitar de nada. Na verdade, eles ficariam preocupados se o filho *não* tivesse mudado.

— Mas Roscoe desconfiou, não foi? — Alex soube que chegara à verdade, ao motivo pelo qual fora mandado para lá. Sabia por que Roscoe e Ivanov haviam morrido.

— Em duas ocasiões os pais não acreditaram no que viram — admitiu o dr. Grief. — Michael J. Roscoe, em Nova York, e o major-general Viktor

Ivanov, em Moscou. Nenhum dos dois homens imaginou exatamente o que se passou. Mas não ficaram satisfeitos. Discutiram com os filhos. Fizeram perguntas demais.

— E os filhos contaram o que havia acontecido.

— Você poderia dizer que eu mesmo contei, afinal os filhos eram eu. Mas, sim. Michael Roscoe percebeu alguma coisa errada e chamou o MI6, em Londres. Presumo que foi por isso que você teve a má sorte de ser envolvido. Fui obrigado a pagar para matarem Roscoe, assim como paguei pela morte de Ivanov. Mas já esperava que pudesse haver alguns problemas. Dois em 16 não é nenhuma catástrofe e é claro que isso não fez nenhuma diferença nos meus planos. Daqui a alguns anos, pode até me ajudar. Michael J. Roscoe deixou uma imensa fortuna para o filho. E, pelo que sei, o presidente russo tem dedicado uma atenção especial a Dimitry Ivanov, por causa da morte do pai do menino.

— Resumindo, o Projeto Gemini tem sido um sucesso absoluto. Em poucos dias, a última criança deixará Point Blanc para assumir seu lugar no coração da família. E, assim que eu tiver certeza de que todos foram aceitos, temo que terei então que me desfazer dos originais. Eles morrerão sem dor.

— Não posso dizer o mesmo quanto a você, Alex Rider. Você me causou um grande aborrecimento. Portanto, proponho que façamos do seu caso um exemplo — o dr. Grief enfiou a mão no bolso e pegou um aparelho que parecia um pequeno radiotransmissor. O dispositivo tinha apenas um botão, que ele pressionou. — Qual é a primeira aula, amanhã de manhã, Eva? — perguntou Grief.

— Biologia — respondeu a sra. Stellenbosch.

— Como pensei. Você talvez já tenha tido aulas de biologia em que um sapo ou um rato foram dissecados, não, Alex? — perguntou o homem. — Há algum tempo, meus filhos vêm me pedindo para ver uma dissecação humana. Isso não é nenhuma novidade para mim. Assisti à minha primeira dissecação humana exatamente aos 14 anos. Amanhã de manhã, às 9h30, o desejo deles será atendido. Você será levado para o laboratório e vamos abri-lo e dar uma olhada no que há dentro do seu corpo. Não vamos usar anestesia e será interessante descobrir quanto tempo conseguirá sobreviver antes que seu coração pare de bater. Então, é claro, dissecaremos seu coração.

— Você é doente! — gritou Alex. O garoto começou a sacudir a cadeira, tentando quebrar a madeira, tentando soltar as algemas de qualquer jeito. Mas não adiantou. O metal o cortou e a cadeira balançou, mas se manteve inteira. — É um louco!

— Sou um cientista! — o dr. Grief pareceu cuspir as palavras. — E por isso vou lhe dar uma morte científica. Ao menos, em seus últimos minutos, você me terá sido útil — o médico olhou para além de Alex. — Levem e revistem bem o garoto e depois o deixem bem trancado durante a noite. Eu o verei amanhã de manhã bem cedo.

Alex vira o dr. Grief chamar os guardas, mas não os ouvira entrar. Foi agarrado por trás, as algemas foram tiradas e ele foi empurrado para fora da sala. A última visão que teve do dr. Grief foi do homem esticando as mãos para aquecê-las no fogo, as chamas se refletindo em seus olhos. A sra. Stellenbosch sorriu e soltou uma baforada de fumaça.

Então a porta bateu e Alex foi arrastado por um corredor. Ele sabia que Blunt e o serviço secreto britânico já deviam estar a caminho, mas se perguntou se chegariam antes que fosse tarde demais.

FUGA NA MADRUGADA

A CELA MEDIA 3x6 metros e tinha um beliche sem colchão e uma cadeira. A luz da Lua entrava por uma janela pequena no alto, fechada com barras grossas. A porta era de aço sólido. Alex ouviu o barulho de uma chave girando na fechadura depois que a porta foi fechada. Não haviam lhe dado nada para comer ou beber. Estava frio na cela, mas não havia cobertas sobre a cama.

Ao menos estava sem as algemas. Depois de revistarem Alex meticulosamente, os guardas recolheram tudo o que haviam encontrado nos bolsos dele. Também tiraram o cinto e os cadarços do tênis. Talvez o dr. Grief achasse que ele poderia se enforcar. E o homem precisava de Alex vivo para a aula de biologia.

Eram cerca de 2 horas e Alex ainda não tinha dormido. Tentava tirar da cabeça tudo o que Grief havia lhe contado. Aquilo não era importante naquele momento. Ele sabia que tinha que escapar antes das 9h30 porque — querendo ou não — ao que parecia estava por sua conta. Mais de 36 horas haviam se passado desde que pressionara o botão de emergência no aparelho de MP3 que Smithers lhe dera e nada acontecera. Ou a máquina não havia funcionado, ou por alguma razão o MI6 havia decidido não ir. É claro que talvez alguma coisa acontecesse antes do café da manhã, mas Alex não estava disposto a arriscar. Precisava fugir. Naquela noite.

Ele foi até a porta pela vigésima vez, ajoelhou-se e ficou ouvindo cuidadosamente. Os guardas o haviam arrastado de volta para o subsolo. Estava em um corredor separado dos outros prisioneiros.

Embora tudo tivesse acontecido muito rapidamente, Alex tentou se lembrar do caminho que percorrera até a cela. Haviam saído do elevador e dobrado à esquerda. Seguiram então por um segundo corredor até uma porta no final. Estava sozinho. E, agora, ouvindo atrás da porta, tinha praticamente certeza de que não haviam deixado nenhum guarda do lado de fora.

Alex ainda podia se agarrar a uma gota de esperança. Quando os guardas o revistaram, não haviam levado tudo. Nenhum deles percebera o brinco de ouro em sua orelha. O que Smithers dissera?

“... é um explosivo pequeno, mas muito poderoso. Como uma granada em miniatura. Ao separar as peças novamente, você dispara o dispositivo já ativado. Conte até dez e ele abrirá um buraco em qualquer coisa...”

Havia chegado a hora de testá-lo.

Alex desatarraxou o brinco e tirou-o da orelha. Depois, colocou as duas peças no buraco da fechadura da porta, afastou-se e contou até dez.

Nada aconteceu. Será que o brinco havia se quebrado, como o transmissor do aparelho de MP3? Alex estava prestes a desistir quando um clarão súbito e uma chama alaranjada intensa cobriram a fechadura. Por sorte, não houve barulho. A chama continuou a queimar por uns cinco segundos e se extinguiu. Alex se aproximou da porta. O explosivo abriu um buraco do tamanho de uma moeda. O metal derretido ainda brilhava. Ele estendeu a mão e empurrou. A porta se abriu.

O garoto sentiu uma onda de empolgação, mas procurou manter a calma. Conseguira sair da cela, porém ainda se encontrava no subsolo da academia. Havia guardas por toda parte. Estava no topo de uma montanha, sem esquis e sem nenhum modo óbvio de sair dali. Ainda não estava seguro. Não por um bom tempo.

Alex saiu do quarto e seguiu de volta pelo corredor em busca do elevador. Sentiu-se tentado a encontrar os outros garotos e soltá-los, mas sabia que eles não o ajudariam. Tirá-los das celas só os colocaria em perigo. Enfim, conseguiu chegar ao elevador. Percebeu que o lugar onde vira o guarda naquela manhã estava vazio. Ou o homem fora tomar um café, ou Grief havia relaxado a segurança na academia. Com ele e os outros garotos trancafiados, os guardas não precisavam tomar conta de mais ninguém. Ou pelo menos era o que pensavam. O garoto se apressou.

Pegou de novo o elevador até o segundo andar. Sabia que o único modo de sair da montanha estava em seu quarto. Grief com certeza examinara tudo o que ele trouxera, mas o que teria feito com a bagagem? Esgueirou-se pelo corredor fracamente iluminado e entrou no quarto. Estava tudo lá, em uma pilha sobre a cama. O macacão de esqui, os óculos de proteção e até o aparelho de MP3. Alex deu um enorme suspiro de alívio. Ia precisar de tudo aquilo.

Já havia planejado o que faria. Não podia esquiar montanha abaixo porque não tinha a menor ideia de onde guardavam os esquis. Mas havia mais de uma maneira de descer pela neve. Alex congelou quando ouviu um

guarda se aproximando pelo corredor. Então nem todos na academia estavam dormindo! Precisava se apressar. Assim que vissem a porta da cela arrombada, o alarme seria acionado.

Alex esperou até o guarda passar e foi rapidamente até a lavanderia, algumas portas depois. Quando voltou, trazia um objeto longo e plano, feito de alumínio leve. Ele o carregou para dentro do quarto, fechou a porta e ligou um pequeno abajur. Ficou com medo de que o guarda visse a luz quando voltasse, mas não podia trabalhar no escuro. Era um risco que precisava correr.

Alex havia roubado a tábua de passar roupa.

Praticara snowboard, algo como andar de skate na neve, três vezes na vida. Na primeira vez, havia caído quase o dia todo. É muito mais difícil aprender snowboard do que aprender a esquiar, mas assim que ele pegou o jeito, progrediu rápido. No terceiro dia, Alex aprendera a guiar a prancha, indo devagar na descida das pistas para iniciantes. Naquele momento, precisava de um snowboard, e a tábua de passar teria que servir.

Pegou o aparelho de MP3 e ligou-o. Procurou Beethoven e pressionou “play”. O raio laser apareceu na mesma hora. Alex fez um cálculo mental antes de começar a cortar. A tábua de passar era grande demais. Ele sabia que, quanto mais comprida a prancha, mais rápido ele iria, mas se fosse longa demais acabaria perdendo o controle. A tábua de passar era reta. Sem nenhuma curva na frente — ou no nariz, como se diz —, ele ficaria à mercê de qualquer obstáculo do caminho. Direcionou o laser e cortou o metal. Com muito cuidado, foi girando a tábua e formando uma curva. Uma das extremidades da tábua de passar caiu no chão. Ele pegou a outra. Chegava à altura do peito dele. Perfeito.

Então ele talhou os suportes das extremidades, deixando uma curva de uns 15 centímetros. Alex sabia que o praticante e o skate tinham que ser como uma coisa só nesse esporte, mas isso só acontecia se o apoio para os pés fosse correto e ele não tinha nada... nem botas, nem correias, nem mesmo uma trava de apoio para o calcanhar. Teria que improvisar. Rasgou duas faixas de tecido de um lençol da cama e vestiu o macacão de esqui. Teria que amarrar um dos tênis ao que restara dos suportes da tábua de passar. Era terrivelmente perigoso. Se ele caísse, deslocaria o pé.

Estava quase pronto. Fechou rapidamente o zíper da roupa de esquiar. Smithers havia dito que era à prova de bala e, naquele momento, ocorreu a

Alex que isso provavelmente viria a calhar. Pendurou os óculos de esqui em volta do pescoço. A janela ainda não fora consertada. O garoto jogou a tábua de passar para baixo e depois passou o corpo pela janela.

Não havia Lua no céu. Alex encontrou o botão escondido nos óculos e ligou-o. Ouviu um zumbido baixo quando a bateria oculta foi ativada. Subitamente a encosta da montanha cintilou com um brilho verde misterioso e as árvores, a pista de esqui deserta e a encosta, descendo íngreme, ficaram visíveis.

Com muito cuidado, ele subiu na tábua de passar, colocou o pé direito à frente e bem inclinado, e o esquerdo, um pouco menos inclinado. O instrutor lhe explicara que ele era *goofie*, como era chamado o praticante desse esporte que naturalmente coloca o pé direito à frente. Seus pés então deveriam estar posicionados ao contrário. Mas no momento ele não tinha tempo para se preocupar com técnica. Usou as tiras de pano que rasgara do lençol para amarrar a tábua de passar aos pés. Por uns instantes, ficou parado no lugar, pensando no que estava prestes a fazer. Só praticara snowboard em pistas verdes e azuis: cores que identificam as pistas para aprendizes e iniciantes. Sabia por James que aquela montanha entraria na categoria das pretas, a cor usada para praticantes experientes. A respiração de Alex saía em nuvens verdes diante de seus olhos. Ele conseguiria? Podia confiar em si mesmo?

A sirene de um alarme explodiu atrás dele. Luzes se acenderam por toda a academia. Alex deu impulso para a frente e saiu em disparada, ganhando mais velocidade a cada segundo. Haviam tomado a decisão por ele. Agora, o que quer que acontecesse, não teria mais volta.

O dr. Grief estava parado ao lado da janela aberta no quarto de Alex, usando um roupão longo e prateado. A sra. Stellenbosch também vestia um roupão. O dela era de seda rosa e parecia estranhamente repugnante envolvendo o corpo compacto. Três guardas os observavam, esperando instruções.

— Quem revistou o garoto? — perguntou o dr. Grief. Já haviam lhe mostrado a porta da cela com o buraco na fechadura.

Nenhum dos guardas respondeu e seus rostos ficaram muito pálidos.

— Essa é uma pergunta para ser respondida pela manhã — continuou o dr. Grief. — Agora, tudo o que importa é encontrar esse garoto e matá-lo.

— Ele deve estar descendo a encosta da montanha a pé — disse a sra. Stellenbosch. — Alex não tem esquis. Não vai conseguir. Podemos esperar até amanhecer e resgatá-lo com o helicóptero.

— Acho que o garoto é bem mais criativo do que acreditávamos — o dr. Grief pegou o que restara da tábua de passar. — Está vendo? Ele improvisou algum tipo de trenó ou tobogã. Muito bem... — ele havia tomado uma decisão. A sra. Stellenbosch ficou feliz ao ver a confiança voltar aos olhos dele. — Quero dois homens em motoneves, seguindo-o montanha abaixo. Agora! — um dos guardas saiu apressado do quarto.

— Que tal acionar a unidade na base da montanha? — sugeriu a sra. Stellenbosch.

— Boa ideia — o dr. Grief sorriu. Sempre mantinha um homem e um motorista no sopé do vale para o caso de alguém tentar deixar a academia esquiando. Era uma precaução que estava prestes a se mostrar útil. — Alex Rider terá que chegar a La Vallée de Fer. Independente do que esteja usando para descer, não conseguirá atravessar a linha de trem. Podemos deixar uma metralhadora preparada, à espera dele. Presumindo que consiga chegar tão longe, será um alvo fácil.

— Excelente — ronronou a sra. Stellenbosch.

— Eu gostaria de vê-lo morrer... mas que seja assim. O garoto Rider não tem nenhuma chance. E podemos voltar para a cama.

Alex estava solto no espaço, com a sensação de que despencava para a morte certa. Na linguagem do snowboard, estava “tomando um ar”, o que significava que estava fora do chão. A cada trecho que avançava, a encosta da montanha desaparecia outros 2 metros abaixo. Alex sentia o mundo girar à sua volta. O vento frio fazia o seu rosto arder. Então, de algum jeito, ele conseguiu se manter alinhado com o trecho seguinte da ladeira e disparou para baixo, guiando a tábua de passar convertida em prancha de snowboard cada vez mais para longe de Point Blanc. Alex se deslocava a uma velocidade impressionante, as árvores e pedras passavam por ele como borrões verdes luminosos vistos através das lentes de visão noturna dos óculos de proteção. De certo modo, as ladeiras muito íngremes tornavam a descida mais fácil. Em certo momento, ele tentou aterrissar em uma parte plana da montanha, um platô, para diminuir a velocidade. Bateu no chão

com tamanha força que seus ossos chacoalharam, quase desmaiou e percorreu os 20 metros seguintes quase totalmente cego.

A tábua de passar balançava loucamente e ele precisava usar toda a força que tinha para fazer as curvas. Tentava acompanhar a descida natural da montanha, mas havia muitos obstáculos no caminho. O que Alex mais temia era a neve derretida. Se a prancha aterrissasse em uma poça de lama, àquela velocidade, ele seria arremessado para a frente e certamente morreria. E sabia que, quanto mais descia, mais aumentava o perigo.

Mas já vinha descendo há vários minutos e até ali só caíra duas vezes — em ambas sobre montes de neve macia que o haviam protegido. Quanto mais conseguiria avançar? Alex tentou se lembrar do que James Sprintz lhe dissera, porém descobriu que era impossível pensar naquela velocidade. Precisava usar toda a concentração para se manter de pé.

Ele chegou a um ponto do trajeto onde a superfície era plana e afundou a borda da prancha improvisada na neve, derrapando um pouco até parar. À sua frente, uma nova queda abrupta e alarmante. Alex mal ousava olhar para baixo. Havia densas copas de árvores à esquerda e à direita. Eram quase como um borrão verde na distância, e, apesar dos óculos de proteção, não conseguia ver além.

Então ouviu o som se aproximando às suas costas. O barulho de dois, talvez mais, motores. Alex olhou por cima do ombro e, por um instante, não viu nada. Mas então eles apareceram, como insetos negros tomando seu campo de visão. Eram dois, vindo bem na direção dele.

Os homens de Grief pilotavam motoneves Yamaha Mountain Max 700, especialmente adaptadas, equipadas com motores de 3 cilindros e com rastros, ou esteiras, de 1,5 metro de comprimento acoplados às rodas. As motos voavam sobre o gelo a uma velocidade cinco vezes maior do que a de Alex. Os faróis de 300 watts já o haviam localizado. Naquele momento, os homens aceleravam na direção do garoto, diminuindo pela metade a distância entre eles a cada segundo que passava.

Alex disparou para a frente novamente, mergulhando na próxima descida. Ao mesmo tempo, ouviu um barulho, uma série de estampidos distantes, e a neve voou ao redor dele. Os homens de Grief tinham metralhadoras embutidas nas motoneves! Ele gritou enquanto descia a encosta da montanha a toda velocidade, mal conseguindo controlar a folha de metal sob os pés. As tiras que o prendiam à prancha improvisada apertavam terrivel-

mente seus tornozelos. E a prancha vibrava loucamente. Alex não conseguia enxergar, só conseguia seguir em frente, tentando manter o equilíbrio e torcendo para que o caminho estivesse livre.

Os faróis da Yamaha mais próxima o iluminaram e Alex viu a própria sombra estendendo-se diante dele na neve. Foi disparada outra rajada de balas de metralhadora e o garoto se abaixou, sentindo o sopro das balas sobre a cabeça. Quando a segunda moto emparelhou com ele, percebeu que precisava sair da encosta. Se não, seria morto ou atropelado. Ou as duas coisas.

Ele forçou a extremidade da prancha e girou. Havia visto um espaço entre as árvores e seguiu naquela direção. Disparou pela floresta, os galhos e troncos passando por ele como animações malucas de um jogo de computador. As motoneves conseguiriam segui-lo por ali? A pergunta foi respondida por outra rajada da metralhadora, explodindo folhas e galhos. Alex procurou um caminho mais estreito. A prancha sob seus pés vacilou e ele quase foi jogado de ponta-cabeça. A neve estava ficando mais fina! O garoto diminuiu a velocidade e se virou na direção de duas árvores maiores. Passou entre elas com uma folga de poucos centímetros.

A Yamaha não teve escolha. O piloto vinha seguindo o rastro dele em uma velocidade muito alta para conseguir parar. Ele tentou seguir Alex por entre as árvores, mas a moto era muito larga. Alex ouviu a batida. Houve um barulho horrível, depois um grito e em seguida a explosão. Uma bola de fogo se ergueu acima das árvores, fazendo as sombras negras dançarem loucamente. À sua frente, Alex viu uma pequena elevação na neve e, além dela, um espaço entre as árvores. Estava na hora de sair da floresta.

Ele tomou impulso no monte de neve e voou mais uma vez. Enquanto deixava as árvores para trás, a quase dois metros do chão, Alex viu a segunda motoneve. Ela o havia alcançado. Por um instante, ele e o piloto ficaram lado a lado. Alex se inclinou para a frente e segurou o “nariz” da prancha improvisada. Ainda no ar, ele girou a ponta, fazendo com que a prancha se virasse na direção contrária. Sua noção de tempo fora perfeita. A parte de trás da prancha acertou a cabeça do segundo piloto, quase o jogando para fora do assento. Alex lutou para se manter equilibrado. O piloto gritou e perdeu o controle. A motoneve se inclinou para o lado, como se estivesse tentando fazer uma curva impossível. Então saiu do chão e capotou várias vezes. O piloto foi atirado para fora dela e gritou novamente

quando a moto deu a última volta no ar e aterrissou em cima dele. Homem e máquina caíram sobre a neve e ficaram imóveis. Enquanto isso, Alex havia tocado o solo novamente e, mais uma vez, derrapou até parar, a respiração saindo em nuvens verdes diante de seus olhos.

Um minuto mais tarde, ele se colocou novamente em movimento. À sua frente, podia ver que todos os caminhos levavam a um vale. Devia ser o gargalo chamado La Vallée de Fer. Ele realmente conseguira! Chegara à base da montanha. No entanto, ainda estava preso. Não havia para onde ir. E Alex podia ver as luzes a distância. Uma cidade. Segurança. Mas ele também via a linha de trem cortando todo o vale, da esquerda até a direita, protegida nos dois lados por um muro de contenção e uma cerca de arame farpado. O brilho das luzes da cidade iluminava tudo. Em um dos lados, os trilhos saíam da boca de um túnel. E corriam por cerca de cem metros em linha reta até que uma curva fechada levava para o outro lado do vale, onde os trilhos se perdiam de vista.

Os dois homens na van cinza viram Alex descer na direção deles. Praticamente haviam acabado de estacionar em uma estrada do outro lado da linha do trem e esperavam o garoto. Como não viram a explosão, estavam se perguntando o que teria acontecido aos dois homens nas motoneves. Mas isso não era problema deles. Suas ordens eram para matar o garoto. E lá estava ele, em campo aberto, descendo com habilidade a última parte da encosta na direção do vale, aproximando-se a cada segundo. Não havia nenhum lugar onde pudesse se esconder. A metralhadora era uma belga FN MAG e iria cortá-lo ao meio.

Alex avistou a van. E viu a metralhadora apontada para ele. Não conseguiria parar. Era tarde demais para mudar de direção. Havia conseguido chegar até ali, mas agora estava tudo acabado. Sentiu que perdia as forças. Onde estava o MI6? Por que ele tinha que morrer ali, naquele lugar, sozinho?

De repente, ouviu um barulho alto quando um trem saiu do túnel. Era um trem de carga, andando a cerca de 30 quilômetros por hora. Ele devia ter no mínimo 30 vagões puxados pelo motor a diesel, que formaram um muro entre Alex e a metralhadora, protegendo-o. Mas isso só duraria alguns segundos. Ele precisava agir com rapidez.

Sem saber direito o que fazia, Alex avistou o último monte de neve e, usando-o como plataforma de lançamento, subiu pelos ares. Primeiro ficou

na mesma altura do trem... depois, acima dele. O garoto girou o peso do corpo e aterrissou sobre o teto de um dos vagões. A superfície estava coberta de gelo e, por um instante, ele pensou que cairia para o lado, mas conseguiu se virar de modo a continuar manobrando a prancha improvisada sobre os tetos dos vagões, pulando de um para o outro, enquanto era levado ao longo da linha de trem — e para longe da metralhadora — em meio uma rajada de ar enregelada.

Conseguiu! Saíra de lá! Alex continuou a manobrar a prancha, a velocidade do trem se somando à dele. Nenhum praticante de snowboard jamais se movera tão rápido. Mas o trem atingiu a curva.

Não havia como impedir que a prancha improvisada deslizesse pela superfície congelada. Quando o trem virou em alta velocidade para a esquerda, a força centrífuga jogou Alex para a direita. Mais uma vez ele voou no ar. Mas agora não estava mais cercado de neve.

O garoto atingiu o chão como um boneco de trapo desconjuntado. A prancha improvisada foi arrancada de seus pés. Ele rodou duas vezes, bateu em uma cerca de arame farpado e, quando finalmente parou, havia sangue escorrendo de um corte fundo em sua testa. Os olhos dele estavam fechados.

O trem desapareceu na noite. Alex continuou imóvel.

DEPOIS DO FUNERAL

A AMBULÂNCIA VERDE E BRANCA disparou pela Avenue Maquis de Gresivaudan, no norte de Grenoble, em direção ao rio. Eram 5 horas e ainda não havia trânsito nem necessidade de ligar a sirene. Pouco antes do rio, o veículo virou na direção de um conjunto de prédios feios e modernos. Aquele era o segundo maior hospital da cidade. A ambulância parou diante da placa “Service des urgences”, o pronto-socorro. Paramédicos correram na direção da traseira do veículo enquanto as portas eram abertas.

A sra. Jones saiu do táxi e viu o corpo flácido e imóvel de um garoto sendo transferido para uma maca, que foi levada apressadamente através das portas duplas. Ele já estava com soro na veia e o rosto coberto pela máscara de oxigênio. Nevara nas montanhas, mas ali embaixo apenas uma garoa caía sobre a calçada. Um médico, usando um jaleco branco, debruçou-se sobre a maca. Ele suspirou e balançou a cabeça. A sra. Jones reparou nisso. Ela atravessou a rua e seguiu a maca para dentro do hospital.

Um homem magro, com os cabelos cortados muito curtos, usando suéter e colete pretos também estivera observando o hospital. Ele viu a sra. Jones, mas não sabia quem ela era. Também vira Alex. O homem pegou o celular e fez uma ligação. O dr. Grief iria gostar de saber...

Três horas mais tarde, o dia já nascera na cidade. Grenoble era excessivamente moderna e, mesmo com sua localização perfeita nas montanhas, ainda precisava se esforçar para ser atraente. E, naquele dia úmido e carregado de nuvens, o esforço claramente não estava adiantando nada. Do lado de fora do hospital, mais um carro parou e Eva Stellenbosch desceu. Ela vestia um terno xadrez branco e prata, e tinha um chapéu enfiado sobre o cabelo vermelho. Carregava uma bolsa de couro e, contrariando seu hábito, estava maquiada. Queria parecer elegante. Mas parecia um homem vestido de mulher.

Ela entrou no hospital e foi até o balcão da recepção. Uma jovem enfermeira estava sentada atrás de vários telefones e telas de computadores. A sra. Stellenbosch se dirigiu a ela em um francês fluente.

— Com licença — disse. — Soube que um rapaz foi trazido para cá esta manhã. O nome dele é Alex Friend.

— Um momento, por favor — a enfermeira digitou o nome no computador. Leu a informação que apareceu na tela e sua expressão ficou muito séria. — Posso perguntar quem é a senhora?

— Sou vice-diretora da Academia de Point Blanc. Ele é um de nossos alunos.

— A senhora está ciente de toda a gravidade dos ferimentos dele, madame?

— Fui informada que ele teve um acidente de snowboard — a sra. Stellenbosch pegou um lençinho e secou os olhos.

— Ele tentou descer a montanha em um snowboard, à noite. E esteve envolvido em um acidente com um trem. Os ferimentos dele são muito sérios, madame. Os médicos o estão operando neste momento.

A vice-diretora fingiu engolir as lágrimas.

— Meu nome é Eva Stellenbosch — disse. — Posso ficar aqui, esperando notícias?

— É claro, madame.

A sra. Stellenbosch sentou na recepção. Durante a hora seguinte, ela observou as pessoas entrarem e saírem, algumas andando, outras em cadeiras de rodas. Havia outras pessoas que também esperavam notícias de outros pacientes. Entre elas, percebeu uma mulher de aparência séria, com o cabelo negro mal cortado e olhos também muito negros. Sem dúvida era inglesa, já que volta e meia lia algum trecho de notícia de um exemplar do jornal inglês *London Times*.

Então uma porta se abriu e apareceu um médico de jaleco branco. Os médicos sempre têm uma determinada expressão quando estão prestes a dar más notícias. Era essa expressão que aquele médico mostrava no momento.

— Madame Stellenbosch? — perguntou.

— Sim?

— A senhora é a diretora da escola?

— Vice-diretora. Sim.

O médico se sentou perto dela.

— Sinto muito, madame. Alex Friend morreu alguns minutos atrás — ele esperou enquanto a mulher assimilava a notícia. — Teve fraturas múl-

tiplas: braços, clavícula, perna. E também fraturou o crânio. Tentamos operá-lo, mas infelizmente ele teve uma forte hemorragia interna. Entrou em choque e não conseguimos reanimá-lo.

A sra. Stellenbosch balançou a cabeça, lutando para encontrar as palavras.

— Preciso avisar a família dele — ela sussurrou.

— Ele é daqui?

— Não. É inglês. Seu pai... sir David Friend... Preciso contar a ele. — a sra. Stellenbosch se levantou. — Obrigada, doutor. Estou certa de que fez tudo o que era possível.

Pelo canto dos olhos, a sra. Stellenbosch percebeu que a mulher de cabelos negros também se levantara, deixando o jornal cair no chão. Ela ouvira a conversa. E parecia chocada.

As duas mulheres deixaram o hospital ao mesmo tempo. Nenhuma delas falou.

O avião esperando na pista era um Lockheed Martin C-130 Hércules. Ele havia aterrissado pouco depois do meio-dia. Estava parado sob o céu nublado, enquanto três veículos se encaminhavam na direção dele. Um era um carro de polícia, o outro um jipe e o terceiro uma ambulância.

O aeroporto Saint-Geoirs, de Grenoble, não costumava ter muitos voos internacionais, mas o avião chegara de Londres naquela manhã. Do outro lado da cerca que delimitava o perímetro da pista, a sra. Stellenbosch observava tudo através de um binóculo poderoso. Uma pequena escolta militar havia sido formada. Quatro homens usando uniformes da França ergueram um caixão que parecia ridiculamente pequeno quando foi sustentado pelos ombros largos. O caixão era simples, feito de pinho, com as alças prateadas. Uma bandeira inglesa, dobrada na forma de um quadrado, fora pousada bem no meio dele.

Marchando, os homens carregaram o caixão até a aeronave. A sra. Stellenbosch focalizou melhor o binóculo e viu a mulher do hospital. Ela tinha ido no carro de polícia. A mulher ficou parada observando enquanto o caixão era erguido até o avião, depois voltou para o carro, que partiu. A essa altura, a sra. Stellenbosch já sabia quem era aquela mulher. O dr. Grief mantinha arquivos bastante abrangentes e rapidamente a identificou como

a sra. Jones, chefe de Operações Especiais do MI6, a segunda em importância, abaixo de Alan Blunt.

A sra. Stellenbosch ficou até o fim. As portas do avião foram fechadas. O jipe e a ambulância partiram. O motor da aeronave foi ligado e ela começou a rodar na pista. Alguns minutos mais tarde o avião decolou. Enquanto subia, as nuvens se abriram, como se para recebê-lo e, por um momento, suas asas prateadas reluziram na luz do sol. Então as nuvens voltaram a se fechar e o avião desapareceu.

A sra. Stellenbosch digitou um número no celular e esperou até que atendessem.

— O monstrinho se foi — disse.

A mulher voltou para o carro e partiu.

Depois de deixar o aeroporto, a sra. Jones retornou ao hospital, subiu as escadas até o segundo andar e se dirigiu a uma porta guardada por dois policiais que inclinaram levemente a cabeça e a deixaram passar. Do outro lado da porta, havia um corredor que levava a uma ala privativa do hospital. A sra. Jones chegou à outra porta, diante da qual havia apenas um policial. Ela não bateu, entrou direto.

Alex Rider estava parado na janela, olhando para a vista de Grenoble, do outro lado do Rio Isère. Logo acima do rio passava um teleférico: cinco bolhas de aço e vidro que se moviam lentamente em um cabo, levando turistas até o Fort de la Bastille. Alex se virou quando a sra. Jones entrou. A não ser pela atadura ao redor da cabeça, ele parecia ileso.

— Você tem sorte por estar vivo — disse ela.

— Achei que ia morrer — retrucou Alex.

— Vamos esperar que o dr. Grief acredite nisso — apesar de não pretender demonstrar o que sentia, a sra. Jones não conseguia esconder a expressão de preocupação em seus olhos. — Isso foi realmente um milagre — falou. — Você poderia, no mínimo, ter quebrado algum osso.

— O macacão de esqui me protegeu — argumentou Alex. Ele tentou se lembrar do instante confuso e desesperado em que fora arremessado para fora do trem. — Havia alguns arbustos e a cerca ajudou a me segurar — esfregou a perna e se encolheu de dor. — Mesmo sendo de arame farpado.

Alex foi até a cama e se sentou. Depois de examiná-lo, os médicos franceses haviam lhe trazido roupas novas. Ele percebeu que era um uniforme

militar. Casaco e calça de combate. Ele esperava que não estivessem tentando lhe dizer nada com isso.

— Tenho três perguntas — falou Alex. — Mas vamos começar pela mais importante. Pedi ajuda há dois dias. Onde vocês estavam?

— Sinto muito, Alex — disse a sra. Jones. — Tivemos... problemas de logística.

— É mesmo? Pois bem, enquanto estavam tendo seus problemas de logística, o dr. Grief estava se preparando para me dissecar vivo!

— Não podíamos simplesmente invadir a academia. Eles poderiam matá-lo. Matar todos vocês. Precisávamos agir com cautela, tentar descobrir o que estava acontecendo. Como acha que o encontramos tão rapidamente?

— Essa seria a minha segunda pergunta.

A sra. Jones deu de ombros.

— Colocamos pessoas de prontidão nas montanhas desde que recebemos seu alerta. Os agentes estavam se aproximando da academia quando ouviram o barulho de metralhadoras das motoneves que estavam em seu encalço e foram atrás de você. Eles viram o que aconteceu com o trem e nos enviaram uma mensagem, pedindo ajuda.

— Muito bem. Então por que toda essa encenação de funeral? Por que querem que o dr. Grief pense que estou morto?

— É simples, Alex. Pelo que você nos contou, ele está mantendo 15 garotos prisioneiros na academia. São os garotos que está substituindo — ela balançou a cabeça. — Preciso lhe dizer que essa é a coisa mais incrível que já ouvi. E não acreditaria se ouvisse de qualquer outra pessoa que não você.

— Muito gentil da sua parte — resmungou Alex.

— Se o dr. Grief imaginar que você sobreviveu à noite passada, a primeira coisa que vai fazer é matar todos esses garotos. Ou talvez os use como reféns. Só temos uma possibilidade de pegá-lo de surpresa. Ele precisa acreditar que você está morto.

— Vocês vão pegá-lo de surpresa?

— Vamos entrar lá esta noite. Eu lhe disse. Tínhamos reunido um grupo de ataque em Grenoble. Eles estavam no alto da montanha na noite passada. Planejam atacar assim que escurecer. Estão armados e são experientes — a sra. Jones hesitou. — Só há uma coisa que eles não têm.

— E o que é? — perguntou Alex, sentindo-se subitamente desconfortável.

— Eles precisam de alguém que conheça o prédio — disse a sra. Jones. — A biblioteca, o elevador secreto, a localização dos guardas, a passagem para as celas...

— Ah, não! — exclamou Alex. Ele estava entendendo o motivo de usar roupas militares. — Esqueça! Não vou voltar lá. Quase morri tentando sair! Acha que sou louco?

— Alex, vão tomar conta de você. Estará completamente seguro.

— Não!

A sra. Jones concordou.

— Está certo. Compreendo seus motivos. Mas há uma pessoa que eu gostaria que recebesse.

Como se estivesse esperando a deixa, alguém bateu na porta. Do outro lado estava um jovem, também em trajes de combate. Era um homem forte, de quase 30 anos, tinha cabelos negros, ombros largos e uma expressão muito séria e observadora no rosto. Quando viu Alex, o homem balançou a cabeça.

— Bem, bem, bem. Isso, sim, é uma surpresa — disse. — Como vai, Filhote?

Alex o reconheceu no mesmo instante. Era o soldado que conhecera como Lobo. Quando, a mando do MI6, o garoto havia feito onze dias de treinamento com o Serviço Aéreo Especial no País de Gales, Lobo era quem estava à frente da unidade para a qual fora designado. Se o treinamento por si só era um inferno, Lobo o tornara ainda pior, pois implicara com Alex desde o início e quase o fizera ser expulso. No entanto, no final dos onze dias, Lobo quase perdera seu lugar no Serviço Aéreo Especial e foi graças a Alex que isso não chegou a acontecer. Mas o garoto não tinha muita certeza de como havia ficado o relacionamento entre os dois, e Lobo não estava dando nenhuma pista.

— Lobo! — disse Alex.

— Ouvi dizer que você se arreventou — Lobo encolheu os ombros. — Sinto muito, esqueci as flores e a cesta de frutas.

— O que está fazendo aqui? — perguntou o garoto.

— Eles me chamaram para arrumar a bagunça que você deixou para trás.

— Então onde estava enquanto me caçavam montanha abaixo?

— Tive a impressão de que você estava se virando muito bem sozinho.

A sra. Jones assumiu a palavra.

— Alex fez um excelente trabalho até agora — falou. — Mas o fato é que há 15 jovens prisioneiros lá em cima, em Point Blanc, e nossa prioridade deve ser salvá-los. Pelo que Alex nos informou, sabemos que há cerca de 30 guardas dentro e ao redor da escola. A única chance de os garotos saírem é se o Serviço Aéreo Especial invadir a academia. E isso vai acontecer esta noite — a sra. Jones se voltou para Alex. — A unidade será comandada por Lobo.

O Serviço Aéreo Especial nunca mencionava o posto do agente quando estava em serviço. A sra. Jones teve o cuidado de usar apenas o codinome, Lobo.

— E onde o garoto entra nisso? — quis saber Lobo.

— Ele conhece a escola. Conhece a posição dos guardas e a localização das celas dos prisioneiros. Pode levá-lo até o elevador oculto.

— Ele pode nos dizer tudo o que precisamos saber aqui mesmo, agora — Lobo interrompeu-a. Ele se dirigia à sra. Jones. — Não precisamos de uma criança conosco — acrescentou. — Alex só iria nos atrapalhar. Vamos entrar lá esquiando. Haverá derramamento de sangue. Não posso abrir mão de um dos meus homens para ficar segurando a mão do garoto.

— Não preciso que segure a minha mão — retrucou Alex furioso. — Ela está certa. Conheço Point Blanc melhor do que qualquer um de vocês. Estive lá. E saí de lá. Por sinal, sem a sua ajuda. Além do mais, conheço alguns dos garotos. Um deles é meu amigo. Prometi que o ajudaria e é o que farei.

— Não, se você for morto.

— Posso tomar conta de mim mesmo!

— Então temos um acordo — interrompeu a sra. Jones. — Alex os guiará lá dentro. Mas não tomará parte na operação de nenhum outro modo. E, para segurança dele, Lobo, deixo-o diretamente responsável por isso.

— Diretamente responsável... Que ótimo... — grunhiu Lobo.

Alex não pôde evitar um sorriso. Ele batera o pé e conseguiria voltar a Point Blanc com o Serviço Aéreo Especial. Mas logo percebeu o que havia acontecido. Alguns momentos antes, estava brigando exatamente contra

essa ideia. Olhou de relance para a chefe de Operações Especiais. Ela o manipulara, é claro, chamando Lobo ao quarto. E sabia disso.

Lobo balanço a cabeça afirmativamente.

— Muito bem, Filhote — suspirou. — Parece que você está dentro. Vamos nessa.

— Claro, Lobo — Alex suspirou. — Vamos nessa...

ATAQUE NOTURNO

ELES DESCERAM ESQUIANDO pela montanha. Eram sete, Lobo na frente, Alex ao lado dele. Os outros cinco homens seguiam atrás deles. Todos usavam calças, casacos e gorros brancos, uma camuflagem que os ajudaria a se confundirem com a neve. Um helicóptero os deixara 3 quilômetros ao norte e a cerca de 200 metros acima de Point Blanc. Equipados com óculos de visão noturna, haviam descido rapidamente. O tempo se estabilizara novamente e era possível ver a Lua no céu. Apesar de tudo, Alex gostou de estar ali fora, ouvindo o sussurro dos esquis cortando o gelo e vendo a encosta vazia da montanha banhada pela luz branca do luar. E naquele momento ele era parte de uma unidade de elite do Serviço Aéreo Especial. Sentia-se seguro.

Mas então a academia surgiu abaixo deles e, mais uma vez, Alex estremeceu. Antes de partirem, ele pedira para levar um revólver, mas Lobo negara.

“Sinto muito, Filhote. São ordens. Você nos coloca lá dentro e sai de cena.”

Era a mesma velha história. Quando precisavam dele, o encaravam como um homem. Quando pedia alguma coisa para se proteger, era apenas uma criança.

Não se via nenhuma luz acesa no prédio. O helicóptero que o trouxera de Paris continuava pousado no heliporto, como um inseto cintilante. A pista de salto de esqui ficava do outro lado, escura e esquecida. Não havia ninguém à vista. Lobo levantou a mão e todos pararam.

— Guardas? — ele sussurrou.

— Dois ficam patrulhando. Um no telhado.

— Vamos pegar esse primeiro.

A sra. Jones dera instruções bem claras. Não deveria haver derramamento de sangue, a menos que fosse absolutamente necessário. A missão era tirar os garotos de lá. O Serviço Aéreo Especial cuidaria do dr. Grief, da sra. Stellenbosch e dos guardas mais tarde.

Lobo ergueu a mão novamente e um dos homens lhe passou alguma coisa. Era uma besta, não a do tipo medieval, mas uma arma sofisticada, com

cano de alumínio e mira a laser. Ele carregou a besta com um dardo anestésico, ergueu-o e mirou. Alex viu Lobo sorrir para si mesmo, curvar o dedo e logo o dardo disparava pela noite, a quase cem metros por segundo. Eles ouviram um som abafado no telhado da academia. Era como se alguém houvesse tossido. Lobo abaixou o arco.

— Um a menos — disse.

— Claro — murmurou Alex. — E mais 29 a caminho.

Lobo fez um sinal e eles continuaram a descer, mais devagar no entanto. Estavam a cerca de 20 metros da escola quando viram a porta principal se abrir. Dois homens saíram, com metralhadoras penduradas nos ombros. Como se fossem um só, os homens do Serviço Aéreo Especial desviaram para a direita, desaparecendo na lateral da escola. Eles pararam quando chegaram ao muro e se jogaram no chão, de barriga para baixo. Dois dos homens se adiantaram apenas um pouco. Alex percebeu que eles haviam tirado os esquis dos pés no instante em que haviam parado.

Os dois guardas se aproximaram. Um deles falava baixinho em alemão. O rosto de Alex estava meio escondido na neve. Ele sabia que as roupas de camuflagem o tornariam invisível. Levantou só um pouco a cabeça, bem a tempo de ver duas figuras se erguerem do chão como fantasmas saindo do túmulo. Dois cassetetes se ergueram ao mesmo tempo iluminados pelo luar. Os guardas caíram. Em segundos, estavam amarrados e amordaçados. Não iriam a lugar nenhum naquela noite.

Lobo sinalizou novamente. Seus homens se levantaram e correram para a frente, na direção da porta principal. Alex tirou apressadamente os esquis e os seguiu. Eles alcançaram a porta enfileirados, as costas coladas na parede. Lobo olhou para dentro para se certificar de que estavam seguros. Moveu a cabeça em sinal de aprovação e todos entraram.

Estavam de volta ao saguão com os dragões de pedra e as cabeças de animais. Alex estava perto de Lobo e o orientou rapidamente, apontando para cômodos diferentes.

— A biblioteca? — sussurrou Lobo. Ele estava muito sério naquele momento. Alex podia ver a tensão nos olhos dele.

— Por ali.

Lobo deu um passo à frente, mas logo se agachou, enfiando a mão rapidamente em um dos bolsos do casaco. Outro guarda havia aparecido, patrulhando o corredor de baixo. O dr. Grief não estava querendo correr mais

nenhum risco. Lobo esperou até que o homem passasse e acenou com a cabeça. Outro homem do Serviço Aéreo Especial cuidaria dele. Alex ouviu um baque e o barulho baixo de uma arma caindo.

— Até aqui, tudo bem — sussurrou Lobo.

Eles entraram na biblioteca. Alex mostrou a Lobo como chegar ao elevador e o homem assobiou baixinho quando viu a armadura se dividir ao meio.

— Que lugar... — sussurrou.

— Quer descer ou subir?

— Descer. Vamos nos certificar de que os garotos estão bem.

O elevador era do tamanho exato para acomodar os sete ali dentro. Alex alertara Lobo sobre o guarda que ficava em uma mesa, de frente para o elevador, e Lobo não quis correr nenhum risco, saiu atirando. Na verdade, havia dois guardas na mesa. Um deles estava segurando uma xícara de café, enquanto o outro acendia um cigarro. Lobo atirou duas vezes. Mais dois dardos anestésicos atravessaram a curta distância do corredor e atingiram seus alvos. Novamente, tudo aconteceu quase no mais absoluto silêncio. Os dois guardas caíram e permaneceram imóveis. Os homens do Serviço Aéreo Especial entraram no corredor.

De repente Alex se lembrou. E ficou aborrecido consigo mesmo por não haver mencionado isso antes.

— Você não pode entrar nas celas — sussurrou. — Elas são monitoradas por um sistema de escuta.

Lobo entendeu e balançou a cabeça.

— Mostre onde fica.

Alex mostrou a ele o corredor com as portas de aço lado a lado. Lobo apontou para dois homens.

— Quero que fiquem aqui. Se formos descobertos, este é o primeiro lugar por onde Grief passará.

Os dois homens concordaram. Haviam entendido. Os outros voltaram para o elevador, subiram até a biblioteca e saíram no saguão.

Lobo se virou para Alex.

— Vamos ter que desativar o sistema — explicou. — Você tem alguma ideia...

— Por aqui. Os aposentos particulares de Grief são do outro lado.

Mas, antes que ele terminasse de falar, três guardas apareceram vindos do corredor. Lobo atirou em um deles, outro dardo anestésico, e um de seus homens cuidou dos outros dois. Mas dessa vez eles foram uma fração de segundos mais lentos do que deveriam. Alex viu quando um dos guardas pegou a arma. Provavelmente estava quase inconsciente, mas no último instante seu dedo apertou o gatilho. Uma rajada de balas atingiu o teto, fazendo com que pedaços de reboco e lascas de madeira se espalhassem pelo chão. Ninguém fora atingido, mas o estrago já havia sido feito. As luzes se acenderam e, mais uma vez, soou o alarme.

Cerca de 20 metros adiante, uma porta se abriu e mais guardas apareceram.

— Para baixo! — gritou Lobo.

Ele pegara uma granada, tirara o pino de segurança e atirou. Alex se jogou no chão e, um segundo depois, houve uma pequena explosão enquanto uma grande nuvem de gás lacrimogêneo enchia o fundo do corredor. Os guardas estacaram cegos e indefesos. Os homens do Serviço Aéreo Especial foram rapidamente pegá-los.

Lobo agarrou Alex e puxou-o mais para perto.

— Encontre um lugar para se esconder! — gritou. — Você já nos colocou aqui dentro. Agora faremos o resto.

— Quero um revólver! — Alex gritou de volta. Um pouco do gás havia chegado até ele e seus olhos estavam ardendo.

— Não. Tenho ordens. Ao primeiro sinal de problema, você deveria ser colocado fora do caminho. Encontre um lugar seguro. Viremos pegá-lo mais tarde.

— Lobo!

Mas o homem já se levantara e saía correndo. Alex ouviu o barulho de uma metralhadora em algum lugar abaixo. Então Lobo estava certo. Um dos guardas fora mandado para tomar conta dos prisioneiros, mas acabara encontrando dois homens do Serviço Aéreo Especial esperando-o. E, naquele momento, as regras haviam mudado. O Serviço Aéreo Especial não podia arriscar a vida dos prisioneiros. Haveria derramamento de sangue. Alex imaginou como seria a batalha. Mas ele não poderia participar dela. Sua tarefa era se esconder.

Mais explosões. Mais rajadas de metralhadora. Alex sentiu um gosto amargo na boca quando voltou para a escada. Aquilo era típico do serviço

secreto britânico. Passavam metade do tempo não se importando nem um pouco se ele seria morto, e na outra metade o tratavam como criança. Um guarda apareceu de repente, correndo na direção do barulho de luta. Os olhos de Alex ainda ardiam por causa do gás, mas ele rapidamente se acostumara com isso. O garoto levou a mão ao rosto, fingindo que estava chorando. O guarda viu um garoto de 14 anos em lágrimas e parou. Naquele momento, Alex girou sobre o pé esquerdo e com a parte de cima do outro pé acertou, de lado, o estômago do homem. Foi um chute circular, ou *mawashi-geri*, que aprendera em suas aulas de caratê. O guarda nem teve tempo de gritar. Apenas revirou os olhos e caiu. Alex se sentiu um pouco melhor depois disso.

Mas não havia mais nada que pudesse fazer. Ouviu outra rajada de metralhadora e logo a explosão discreta de uma segunda granada de gás lacrimogêneo. Alex entrou no refeitório. Dali podia ver pela janela a lateral do prédio e o heliporto, acima. Percebeu que as hélices da aeronave estavam girando. Havia alguém lá dentro! Ele chegou mais perto da janela. Era o dr. Grief! Precisava avisar Lobo.

Alex se virou.

A sra. Stellenbosch estava parada na frente dele.

O garoto nunca vira um olhar menos humano. Todo o rosto da mulher estava retorcido de ódio, os lábios abertos e os olhos chispando.

— Você não morreu! — exclamou. — Ainda está vivo! — a voz da sra. Stellenbosch era quase um gemido, como se não achasse aquilo justo com ela. — Você os trouxe até aqui. Arruinou tudo!

— É para isso que sou pago — disse Alex.

— O que foi que me fez olhar aqui dentro... — a mulher riu consigo mesma. Alex quase podia ver a sanidade desaparecendo diante de seus olhos. — Bem, ao menos vou poder concluir esse negócio inacabado.

Alex tensionou o corpo, afastou os pés, manteve o centro de gravidade baixo, exatamente como havia sido ensinado. Mas foi inútil. A sra. Stellenbosch atacou-o, movendo-se a uma velocidade assustadora. Era como ser atropelado por um ônibus. O garoto sentiu em cheio o impacto do corpo da mulher, então gritou quando duas mãos pesadas o agarraram e o arremessaram de cabeça para o outro lado da sala. Ele caiu sobre uma mesa e rolou para o lado, enquanto a sra. Stellenbosch dava sequência ao pri-

meiro ataque, disparando um chute que sem dúvida teria arrancado sua cabeça dos ombros se ela não houvesse errado por menos de um centímetro.

Alex cambaleou até ficar de pé, respirando com dificuldade. Por um instante, sentiu a visão embaçada. Escorria sangue do canto de sua boca. A sra. Stellenbosch atacou novamente. Ele se jogou para a frente, usando outra mesa como alavanca. Girou os pés e chutou com toda força a nuca da mulher. Qualquer pessoa teria sido nocauteada pelo golpe. Mas, embora Alex tivesse sentido a força do impacto fazer seu corpo vibrar, a sra. Stellenbosch mal se mexeu. Quando ele soltou a mesa, as mãos da mulher acertaram o móvel com força, partindo-o ao meio. Ela caminhou até o garoto e agarrou-o novamente, dessa vez pelo pescoço, suspendeu-o e, com um grunhido, o arremessou contra a parede. O garoto gritou e imaginou se havia quebrado a coluna. Então escorregou para o chão. Não conseguia se mover.

A sra. Stellenbosch parou, respirando pesadamente. Olhou pela janela. As hélices do helicóptero giravam em velocidade total. A aeronave balançou para a frente e lentamente se ergueu no ar. Estava na hora de ir embora.

Ela estendeu a mão e pegou a bolsa. Tirou de lá um revólver e apontou-o para Alex. O garoto encarou-a. Não havia nada que pudesse fazer.

A sra. Stellenbosch sorriu.

— E é para isso que *eu* sou paga — disse.

A porta da sala se abriu de repente.

— Alex! — era Lobo. Ele empunhava uma metralhadora.

A sra. Stellenbosch ergueu a arma que segurava e disparou três tiros. Todos eles acertaram o alvo. Lobo foi atingido no ombro, no braço e no peito. Mas, mesmo atingido e caindo, ele também abriu fogo. As balas potentes acertaram a sra. Stellenbosch em cheio. Ela foi arremessada para trás, na direção da janela, que se partiu com o peso da mulher. Ela gritou e desapareceu na noite e na neve, de cabeça, as pernas pesadas vestidas com meias, seguindo logo atrás.

O choque pelo que acontecera renovou as forças de Alex. Ele se levantou e correu até Lobo. O homem do Serviço Aéreo Especial não estava morto, mas seriamente ferido, com a respiração entrecortada.

— Estou bem — Lobo conseguiu dizer. — Vim procurá-lo. Estou feliz por tê-lo encontrado.

— Lobo...

— Está tudo bem — ele bateu no peito e Alex viu que usava um colete à prova de balas sob o casaco. Seu braço sangrava, mas as outras duas balas não o haviam ferido. — Grief... — disse Lobo.

Ele gesticulou e Alex olhou ao redor. O helicóptero deixara a plataforma. E estava voando baixo, do lado de fora da academia. Alex viu o dr. Grief sentado no assento do piloto. Ele empunhava um revólver e atirou. Ouviu-se um grito e um corpo caiu de algum lugar acima. Um dos homens do Serviço Aéreo Especial.

E de repente Alex ficou furioso. Grief era um louco, um monstro. Era responsável por tudo aquilo... e ia fugir. Sem saber direito o que estava fazendo, o garoto pegou a metralhadora de Lobo e correu até a janela quebrada, atravessou-a, passou pelo cadáver da sra. Stellenbosch e saiu pela noite. Alex tentou mirar. As hélices do helicóptero faziam a neve rodopiar, cegando-o, mas ele apontou a metralhadora e atirou. Nada aconteceu. Apertou o gatilho novamente. Nada. Ou Lobo havia usado toda a munição, ou a metralhadora travara.

O dr. Grief mexeu nos controles e o helicóptero se afastou, acompanhando a inclinação da montanha. Era tarde demais. Nada mais poderia detê-lo.

A menos que...

Alex jogou a arma para o lado e saiu em disparada. Havia uma motoneve parada a poucos metros, o motor ainda ligado. O homem que a estivera pilotando jazia de barriga para baixo na neve. O garoto subiu na moto e apertou o acelerador com toda força. A moto começou a se mover, deslizando sobre o gelo, seguindo o mesmo caminho do helicóptero.

O dr. Grief o viu. O helicóptero diminuiu a velocidade e virou na direção do garoto. Grief ergueu a mão em um aceno de despedida. Alex viu de relance as lentes vermelhas, os dedos magros erguidos em um último gesto de desafio. Com as mãos firmes no guidom, o garoto ergueu-se, os pés apoiados na moto, preparando-se para o que sabia que tinha que fazer. O helicóptero se afastou novamente, ganhando altitude. À frente, erguia-se a pista de salto de esqui. A moto agora estava a quase 130 quilômetros por hora, a neve passava voando pelos lados. Ele estava diante da barreira de madeira, em formato de cruz.

Alex atravessou-a e se jogou para fora da moto.

A motoneve mergulhou para baixo, o motor gemendo.

O garoto rolou na neve, sentindo a boca e os olhos cheios de madeira e gelo. Então conseguiu se colocar de joelhos.

A moto chegou ao final da pista de salto.

Alex observou-a disparar no ar impulsionada pela enorme rampa de metal.

No helicóptero, o dr. Grief só teve tempo de ver 250 quilos de aço sólido girando na direção dele através da noite, os faróis acesos, o motor ainda roncando. Os olhos do homem, cintilando sob as lentes vermelhas, se arregalaram. O torpedo improvisado acertou a mira com perfeição. Como diriam os ingleses, *point-blank*, bem no alvo.

A explosão iluminou toda a montanha. O helicóptero desapareceu em uma enorme bola de fogo, que ainda queimava quando atingiu o solo.

Alex, então, se deu conta de que o tiroteio atrás dele cessara. A batalha estava encerrada. Caminhou lentamente de volta para a academia, tremendo subitamente por causa do ar frio da noite. Quando já estava mais perto, um homem apareceu na janela quebrada e acenou. Era Lobo, apoiando-se na parede, mas bem vivo. Alex foi até ele.

— O que aconteceu com Grief?

— Parece que eu o acertei com a moto... — retrucou Alex.

Na encosta, os restos do helicóptero continuaram a queimar enquanto o sol nascia.

CÓPIA EXATA

ALGUNS DIAS DEPOIS, ALEX se viu sentado diante de Alan Blunt, no escritório pessoal da Liverpool Street, enquanto a sra. Jones girava outra bala de hortelã entre os dedos. Era o dia 1^o de maio, feriado bancário na Inglaterra, mas por algum motivo o garoto desconfiou que jamais era feriado naquele prédio que chamavam de Banco Royal & General. Até a primavera parecia parar no lado externo da janela. Lá fora, o sol brilhava. Dentro, só havia sombras.

— Parece que mais uma vez nós lhe devemos um agradecimento — dizia Blunt.

— Vocês não me devem nada — disse Alex.

Blunt pareceu genuinamente confuso.

— Muito provavelmente você mudou o futuro do planeta — disse. — É claro que o plano de Grief era louco, monstruoso, mas ainda havia o fato de que sua... — Blunt procurou uma palavra para descrever as criações feitas em tubos de ensaio que haviam saído de Point Blanc. — ... sua prole poderia ter causado enormes problemas. No mínimo eles teriam muito dinheiro. E só Deus sabe o que fariam se não tivessem sido descobertos.

— O que acontecerá com eles? — perguntou Alex.

— Já rastreamos todos os 15, que agora estão presos — respondeu a sra. Jones. — Foram capturados pelos serviços de inteligência dos países onde estavam vivendo. Vamos cuidar deles.

Alex estremeceu. Tinha a impressão de que sabia o que a sra. Jones queria dizer com essas últimas palavras. E também tinha certeza de que ninguém jamais veria os 15 Griefs clonados novamente.

— Mais uma vez, temos que guardar isso em segredo — continuou Blunt. — Toda essa história de... clonagem. É um assunto que causa muita inquietação nas pessoas. Ovelhas são uma coisa, mas seres humanos! — ele pigarreou. — As famílias envolvidas também não estão interessadas em publicidade a respeito do que aconteceu, portanto não vão falar nada. Estão apenas felizes por terem seus filhos de verdade de volta. O mesmo, é claro, vale para você, Alex. Já assinou o Ato Secreto Oficial. Estou certo de que podemos contar com sua descrição.

Houve uma pausa. A sra. Jones observava Alex atentamente. Precisava admitir que estava preocupada com ele. Sabia de tudo o que acontecera em Point Blanc, sabia quanto o garoto estivera próximo de uma morte horrível e, depois disso, ainda fora mandado de volta à academia pela segunda vez. O Alex Rider que voltara dos Alpes franceses era diferente do que fora mandado para lá. Havia uma frieza nele agora, tão palpável quanto uma montanha de neve.

— Você se saiu muito bem, Alex — disse ela.

— Como está Lobo? — perguntou Alex.

— Está bem, ainda no hospital, mas os médicos disseram que vai ficar completamente recuperado. Esperamos tê-lo de volta à equipe de operações em poucas semanas.

— Isso é bom.

— Tivemos apenas uma fatalidade em Point Blanc. Foi o homem que você viu caindo do telhado. Lobo e outro homem ficaram feridos. A não ser por isso, foi um sucesso absoluto — a sra. Jones fez uma pausa. — Há mais alguma coisa que queira saber?

— Não — Alex balançou a cabeça e se levantou. — Vocês me deixaram lá — ele disse. — Pedi ajuda e não foram em meu socorro. Grief ia me matar, mas não se importaram nem um pouco com isso.

— Não é verdade, Alex — a sra. Jones dirigiu o olhar para Blunt, em busca de apoio, mas os olhos deles não se encontraram. — Tivemos dificuldades...

— Isso não importa. Só quero que saibam que para mim chega. Não quero mais ser um espião e, se me chamarem novamente, não vou aceitar. Sei que acham que podem me chantagear, mas agora tenho muitas informações sobre vocês, e isso não vai mais funcionar — Alex caminhou na direção da porta — Eu costumava achar que ser um espião podia ser algo especial, empolgante, como nos filmes. Mas vocês simplesmente me usaram. De certo modo, vocês dois são tão maus quanto Grief. Fariam qualquer coisa para conseguir o que querem. Bem, agora quero voltar para a escola. Da próxima vez, virem-se sem mim.

Houve um longo silêncio depois que o garoto saiu. Finalmente, Alan Blunt falou.

— Ele vai voltar — disse o homem.

A sra. Jones ergueu uma das sobrancelhas, em dúvida.

— Acha mesmo?

— Ele é bom demais no que faz, bom demais nesse trabalho. E está no sangue dele — Blunt se levantou. — É estranho — disse. — A maioria dos estudantes sonha em ser um espião. Com Alex, temos um espião que sonha em ser um estudante.

— Você realmente vai usá-lo de novo? — perguntou a sra. Jones.

— É claro. Há um arquivo que chegou esta manhã. Um caso interessante. Bem no estilo dele — Blunt sorriu. — Vamos dar alguns dias para o garoto se acalmar, depois o chamaremos.

— Ele não vai atender.

— Veremos — disse Blunt.

Alex caminhou do ponto de ônibus até a casa elegante, em Chelsea, onde morava com sua governanta e melhor amiga, Jack Starbright. Ela sabia onde Alex estivera e o que andara fazendo, mas os dois haviam combinado nunca falar sobre o envolvimento dele com o MI6. Jack não gostava do que ele fazia e se preocupava. Mas no fundo os dois sabiam que não havia muito o que dizer a esse respeito.

Jack pareceu surpresa ao vê-lo.

— Achei que você havia acabado de sair — disse ela.

— Não.

— Recebeu o recado que deixaram no telefone?

— Que recado?

— O sr. Bray quer vê-lo esta tarde. Às 15 horas, na escola.

Henry Bray era o diretor da Brookland. Alex não estava surpreso por ter sido chamado. Bray era o tipo de diretor que conseguia comandar uma escola lotada e ainda encontrar tempo para dar atenção particularmente a cada um dos alunos. Ele ficara preocupado com a longa ausência de Alex no começo do último período letivo. E o fato de Alex também ter perdido as duas últimas semanas do mesmo período o haviam deixado ainda mais preocupado. Por isso marcara uma reunião.

— Quer almoçar? — perguntou Jack.

— Não, obrigado — Alex sabia que teria que fingir que estivera doente novamente. Sem dúvida o MI6 arrumaria um novo atestado para aqueles dias. Mas só a ideia de mentir para o diretor já lhe havia tirado o apetite.

Alex saiu de casa uma hora antes, na bicicleta que havia sido devolvida pela polícia de Putney. Pedalou lentamente. Era bom estar de volta a Londres, cercado por sua vida normal. Ele virou na Kings Road e desceu a rua lateral onde havia seguido o homem no Skoda branco — parecia que isso havia acontecido um mês antes... A escola se ergueu diante dele. Estava vazia e ficaria assim até o início do próximo período letivo.

Mas, quando Alex chegou, viu alguém atravessando o pátio na direção dos portões da escola e reconheceu o sr. Lee, o zelador bastante idoso.

— Você novamente!

— Olá, Bernie — cumprimentou Alex. Era assim que todos o chamavam.

— Está indo ver o sr. Bray?

— Sim.

O zelador balançou a cabeça.

— Ele não me disse que viria aqui hoje. Mas o sr. Bray nunca avisa mesmo! Vou fazer algumas compras. Estarei de volta às 17 horas para trancar a escola. Certifique-se de já ter saído até lá.

— Está bem, Bernie.

Não havia ninguém no pátio da escola. Era estranho caminhar sozinho pelo chão asfaltado. O colégio parecia maior sem ninguém lá, o pátio se estendendo até os prédios de tijolos vermelhos que refletiam o sol nas janelas. Alex estava impressionado. Nunca vira o lugar tão vazio e silencioso. A grama dos playgrounds parecia quase verde demais. Qualquer escola sem alunos tem uma atmosfera peculiar, e a Brookland não era uma exceção.

O escritório do sr. Bray ficava no bloco D, perto do prédio de Ciências. Alex chegou à porta de vaivém e abriu-a. As paredes ali normalmente ficavam cobertas de cartazes, mas todos haviam sido retirados no fim do período letivo, por isso estavam vazias, apenas pintadas de branco. Havia outra porta aberta para um dos lados. Bernie estivera limpando o laboratório principal. Aparentemente, ele deixara o balde e o esfregão ali quando saíra. Para comprar cigarros. O homem havia sido um fumante inveterado a vida toda e Alex sabia que ele morreria com um cigarro entre os lábios.

O garoto subiu as escadas, os calcanhares batendo contra a superfície de pedra, chegou a um corredor, o lado esquerdo ia para biologia e o direito para matemática, e continuou em frente. Um segundo corredor, com jane-

las por toda a extensão, nos dois lados, levava ao bloco D. O escritório de Bray ficava logo adiante. Alex parou na porta, imaginando se deveria ter se vestido melhor para a reunião. Bray estava sempre brigando com os garotos por causa das gravatas tortas ou das blusas saindo do cóis das calças. Alex vestia uma jaqueta Gortex, camiseta, jeans e tênis Nike, o mesmo que usara aquela manhã no MI6. Seu cabelo ainda estava mais curto do que ele gostava, embora já houvesse crescido um pouco. No geral, sabia que ainda parecia um delinquente juvenil, mas era tarde. De qualquer modo, Bray não o havia chamado para discutir sua aparência. O assunto, sem dúvida, seria o não comparecimento às aulas.

O garoto bateu na porta.

— Entre! — ouviu.

Alex abriu a porta e entrou no escritório do diretor, uma sala bagunçada, com vista para o pátio do colégio. Havia uma escrivaninha, com uma alta pilha de papéis em cima, e uma cadeira de couro negro virada de costas para a porta. Encostada a uma das paredes, estava uma estante cheia de troféus. As outras estantes continham muitos livros.

— O senhor queria me ver — disse Alex.

A cadeira girou lentamente.

O garoto congelou no lugar.

Não era Henry Bray sentado atrás da escrivaninha.

Era ele mesmo.

Estava olhando para um garoto de 14 anos, com os cabelos louros cortados muito curtos, olhos castanhos e um rosto fino e pálido. O garoto estava até vestido exatamente como ele. Alex demorou o que lhe pareceu uma eternidade para aceitar o que tinha diante dos olhos. Encontrava-se em uma sala, olhando para si mesmo sentado em uma cadeira. O garoto *era* ele.

Com apenas uma diferença. O que estava diante dele segurava um revólver.

— Entre — disse o outro.

Alex não se moveu. Sabia o que enfrentava e estava furioso consigo mesmo por não haver previsto aquilo. Quando fora algemado na academia, ouvira o dr. Grief se gabar de que havia se clonado 16 vezes. Mas naquela manhã mesmo, a sra. Jones mencionara haver rastreado “todos os 15”. Assim, restava um... o garoto que estava esperando para assumir seu lugar na

família de sir David Friend. Alex tivera um rápido vislumbre dele quando estava na academia. Naquele momento, lembrou-se da figura de máscara branca, observando-o de uma janela enquanto ele caminhava para a pista de salto de esquí. A máscara branca eram as ataduras. O novo Alex, enquanto se recuperava da cirurgia plástica que tornara os dois idênticos, estivera espiando o verdadeiro.

E, naquele dia mesmo, tivera pistas do que estava acontecendo. Mas, talvez por causa do sol quente ou da visita intempestiva ao MI6, estivera concentrado demais nos próprios pensamentos para ligar os fatos.

Jack, quando ele voltara para casa. “Achei que você havia acabado de sair.”

Bernie, no portão. “Você novamente!”

Os dois pensavam que já o tinham visto. E, de certa maneira, isso era verdade. Haviam visto o garoto que agora se sentava diante dele. O garoto que, naquele momento, apontava um revólver para o seu coração.

— Estava esperando ansioso este momento — disse o outro e, apesar do desprezo em sua voz, Alex não pôde deixar de ficar fascinado. A voz não era exatamente a mesma que a dele. O garoto não tivera tempo para aperfeiçoá-la. Mas, a não ser por isso, era uma cópia exata.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Alex. — Está acabado. O Projeto Gemini está encerrado. Você devia se entregar por bem. Precisa de ajuda.

— Só preciso de uma coisa — disse o segundo Alex, com ódio. — Preciso vê-lo morto. Vou atirar em você. Agora. Você matou o meu pai!

— Seu pai foi um tubo de ensaio — argumentou Alex. — Você nunca teve mãe nem pai. É uma aberração. Produzido artesanalmente nos Alpes franceses, como um relógio cuco. O que vai fazer depois que me matar? Tomar o meu lugar? Você não duraria uma semana. Pode se parecer comigo, mas muitas pessoas sabem o que Grief estava tentando fazer. E, me desculpe por dizer isso, mas você tem “falso” escrito na testa.

— Nós teríamos conquistado tudo! Teríamos conquistado o mundo todo! — o clone estava quase gritando e, por um momento, Alex pensou ter ouvido o dr. Grief em algum lugar ali, culpando-o de além-túmulo. Então se lembrou de que a criatura diante dele *era* o dr. Grief... ou uma parte dele. — Não me importo com o que acontecer comigo — continuou o clone —, desde que você esteja morto.

Ele esticou a mão com o revólver apontado. Alex olhou o garoto bem dentro dos olhos.

E viu a hesitação.

O falso Alex não conseguia se forçar a fazer aquilo. Eles eram parecidos demais. As mesmas roupas, o mesmo corpo, o mesmo rosto. Para o outro garoto, seria como atirar em si mesmo. Alex ainda não havia fechado a porta e aproveitou para se jogar para fora da sala, voltando para o corredor. Ao mesmo tempo, ouviu o estampido do revólver e uma bala explodiu alguns centímetros acima de sua cabeça, cravando-se na parede. O espião mirim caiu de costas no chão e rolou para longe da porta, enquanto uma segunda bala acertava o chão. Ele começou a correr, para pôr o máximo de espaço possível entre ele e o clone.

Um terceiro tiro ecoou enquanto descia o corredor e uma janela perto dele foi estilhaçada, espalhando cacos de vidro para todo lado. Alex chegou à escada e desceu de três em três degraus, com medo de cair e torcer o tornozelo. Logo alcançou a base da escada e estava a caminho da porta de entrada, quando mudou sua trajetória, pois percebeu que seria um alvo muito fácil se atravessasse o pátio da escola. Em vez disso se jogou dentro do laboratório e quase caiu de cabeça sobre o balde e o esfregão que Bernie deixara ali.

O laboratório era um salão longo e retangular, dividido em bancadas de trabalho, com bicos de bunsen, frascos e dezenas de garrafas de produtos químicos espalhados pelas prateleiras que ocupavam toda a extensão da sala. Havia outra porta no extremo oposto do laboratório. Alex mergulhou atrás da mesa mais distante. O clone o teria visto entrar ali? Ou estaria procurando-o no pátio?

Com muito cuidado, ele levantou a cabeça por sobre o tampo da mesa, mas logo voltou a abaixá-la rapidamente quando quatro balas ricochetearam ao seu redor, arrancando lascas de madeira e atingindo um dos canos de gás. Alex ouviu o chiado do gás escapando e logo depois outro tiro e uma explosão que o arremessou para trás e o fez cair de costas no chão. A última bala havia incendiado o gás. As chamas subiam, lambendo o teto. No mesmo instante, o alarme de incêndio foi acionado e começou a jorrar água dos chuveiros automáticos no teto, molhando todo o laboratório. Alex engatinhou, procurando abrigo atrás do fogo e da água, torcendo para que toda a confusão houvesse cegado o outro Alex. Seus ombros esbarra-

ram na porta no outro extremo da sala. Levantou-se cambaleante. Então ouviu outro tiro. Mas já havia atravessado a porta que levava a outro corredor e a um segundo lance de escada bem à frente.

A escada não levava a lugar nenhum. Alex já estava na metade dela quando se lembrou disso. Havia apenas uma sala de aula que era usada para biologia e, dentro dela, outro lance em espiral que levava até o teto. A escola tinha um terreno tão pequeno que haviam planejado construir um jardim no telhado, mas depois, por falta de dinheiro, desistiram do projeto. E só restavam duas estufas vazias.

Não havia como descer! Alex olhou por cima do ombro e viu o clone recarregando o revólver, enquanto continuava a subir. Não tinha escolha. Precisava continuar, mesmo sabendo que logo ficaria encurralado.

Chegou à sala de biologia e bateu a porta. Não havia tranca e as mesas eram presas ao chão. Por isso ele não tinha como fazer uma barricada. A escada em espiral estava à sua frente. Subiu correndo, sem parar, passou por outra porta e chegou ao telhado. Parou para recuperar o fôlego e pensar no que faria em seguida.

Estava parado em uma área larga, plana, toda cercada. Havia uns dez vasos de cerâmica cheios de terra e algumas plantas aqui e ali, parecendo mais mortas que vivas. Alex inspirou. A fumaça subia pelas janelas, dois andares abaixo, e ele percebeu que o sistema contra incêndio não fora capaz de debelar o fogo. Pensou no gás, enchendo a sala, e em todos os produtos químicos nas prateleiras. Podia estar parado em cima de uma bomba-relógio! Precisava descobrir um jeito de descer.

Mas ouviu o som de pés batendo no metal e percebeu que seu clone havia chegado ao topo da escada em espiral. Escondeu-se atrás de uma das estufas. A porta que dava para o telhado se abriu.

A fumaça acompanhou o falso Alex até o telhado. Ele deu um passo à frente. Naquele momento o falso Alex estava atrás dele.

— Onde está você? — perguntou o clone. O cabelo dele estava encharcado e o rosto contorcido pela raiva.

Alex sabia que o momento havia chegado. Jamais teria uma chance melhor. Saiu em disparada na direção do clone. O outro Alex se virou e atirou. A bala atingiu o ombro do verdadeiro Alex, entrando em sua carne como uma espada em brasa. Mas, um segundo depois, ele conseguiu alcançar o clone. Então o agarrou pelo pescoço com uma mão e torceu seu pulso

com a outra, tentando forçá-lo a soltar o revólver. Houve uma enorme explosão no laboratório embaixo deles e todo o prédio tremeu, mas nenhum dos dois garotos pareceu perceber. Estavam presos em um abraço, como dois reflexos embaralhados no espelho, o revólver acima da cabeça, ambos lutando pelo controle da arma.

As chamas se espalhavam por todo o prédio. Alimentadas pelos produtos químicos, elas explodiram o piso e derreteram o asfalto. Bem distante, era possível ouvir o som das sirenes dos caminhões de bombeiro se destacando no ar ensolarado. Alex usou toda a sua força para tentar abaixar o revólver. O clone o arranhou praguejando, não em inglês, mas em africânder.

O fim chegou subitamente.

A arma girou e caiu no chão.

Um Alex atacou, derrubando o outro e se jogando para pegar o revólver.

Houve outra explosão que fez subir uma labareda de produtos químicos. De repente, uma cratera se abriu no telhado engolindo o revólver. Um dos garotos percebeu isso tarde demais e foi engolido pela cratera, desaparecendo em meio à fumaça e ao fogo com um último grito.

Um Alex Rider caminhou até o buraco e olhou para baixo.

O outro Alex Rider jazia de costas, dois andares abaixo. Estava imóvel, e as chamas, cada vez mais próximas.

Os primeiros caminhões de bombeiros chegaram à escola. Uma escada foi erguida até o telhado.

Um garoto de cabelos curtos e louros, olhos castanhos, vestindo uma jaqueta Gortex, camiseta e jeans, caminhou até a beira do telhado e começou a descer a escada.